

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
INSTITUTO NUTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
SAÚDE

BRENDA IOLANDA SILVA DO NASCIMENTO

AS ESCRIVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO NO  
ENSINO DE CIÊNCIAS:  
contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais

Rio de Janeiro

2022

BRENDA IOLANDA SILVA DO NASCIMENTO

AS ESCRIVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: contribuições para a  
Educação das Relações Étnico-Raciais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Instituto Nutes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Saúde.

Linha de Pesquisa: Mediações Socioculturais nas Ciências e Saúde.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fernanda Antunes Gomes da Costa.

Rio de Janeiro

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

N244e Nascimento, Brenda Iolanda Silva do  
As escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino  
de Ciências: contribuições para a Educação das  
Relações Étnico-Raciais / Brenda Iolanda Silva do  
Nascimento. -- Rio de Janeiro, 2022.  
148 f.

Orientadora: Fernanda Antunes Gomes da Costa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Núcleo de Tecnologia Educacional  
para a Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em  
Ciências e Saúde, 2022.

1. Educação em Ciências. 2. Literatura. 3.  
Educação das Relações Étnico-Raciais. I. Costa,  
Fernanda Antunes Gomes da, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Brenda Iolanda Silva do Nascimento

**AS ESCRIVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO NO ENSINO DE  
CIÊNCIAS: contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Instituto Nutes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Saúde

Aprovada em

---

Fernanda Antunes Gomes da Costa, Dra. em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro/NUTES-RJ

---

Rute Ramos da Silva Costa, Dra. em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro/NUTES-RJ

---

Mária de Fátima Lima, Dra. em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro/CEFET- RJ

Dedico aos meus ancestrais,  
ao Projeto Narrativas Femininas e à Comunidade do Sol Nascente.  
Para aquelas/es que persistem,  
ousam sonhar e lutar  
por um mundo mais justo e mais bonito.

## AGRADECIMENTOS

À **espiritualidade e à minha ancestralidade afro-indígena**, que me fortalecem a cada passo dessa caminhada, me guiando pelos mistérios da vida e me proporcionando bons (re)encontros nessa jornada pelo conhecimento.

À **Professora Conceição Evaristo**, por ter tocado o meu coração e minha alma através de sua Escrivência. Os seus textos literários não só me inspiraram no fazer científico e educativo como prática da liberdade, como também me orientaram em processos profundos de cura por meio de sua sabedoria ancestral.

Aos meus avós **D. Diquinha, D. Maria e Sr. Neno**, por serem tanto em minha vida e por terem me presenteado com histórias iluminadas pelo candieiro e regadas ao sabor de cuscuz, pamonha, rapadura, garapa.. e claro, das músicas de Luiz Gonzaga! Aprendi com vocês o valor da esperança e da luta por um país digno para nossa gente.

À **minha mãe Maria José**, por ter costurado a vida, tantas vezes, com fios de ferro para que a gente pudesse ter o direito de sonhar. Obrigada, mainha, por todas as velas acesas, rezas e bênçãos dirigidas a mim. A força do seu amor não só nutriu a minha existência, como também permitiu que a gente chegasse até aqui.

Aos meus pais **Herisvelto Antônio e João Batista**, pelo cuidado e incentivo aos meus estudos. A parceria genuína de vocês foi fundamental para o meu crescimento pessoal e espiritual. Agradeço por me ensinarem a importância de se caminhar para frente, sem esquecer de olhar para trás e celebrar as nossas origens.

Às **minhas irmãs Bianca, Stephane, Iandara e Geovanna**, por me inspirarem a construir um mundo mais justo e solidário para nós. Sem dúvidas, ser irmã de vocês é um dos melhores presentes que eu poderia ganhar nessa vida.

Ao meu **companheiro Rujany**, por sempre acreditar no meu potencial e por me lembrar disso, principalmente, nos momentos mais desafiadores de minha trajetória. Obrigada por sonhar junto comigo e por te me ajudado a atravessar os caminhos da vida. Sem você, nada disso seria possível.

À minha amiga escritora **Stella Almeida**, pela inspiração e por ter me apresentado Conceição Evaristo. A sua amizade continua sendo uma das coisas mais importantes para mim. Obrigada, mirmã, por ter segurado em minha mão e ter me incentivado a ir além.

À **minha orientadora Fernanda Antunes**, pela construção engajada e amorosa de minha formação desde a graduação. Gratidão por me inspirar e me motivar a alçar voos cada

vez mais altos, me fazendo perceber que as nossas histórias de vida importam e que a sala de aula, também, pode ser o meu lugar no mundo.

**Ao Projeto Narrativas Femininas**, por ter me mostrado a potência da extensão universitária construída pelas vozes insubmissas de mulheres. Lembrarei eternamente com carinho de todas as atividades que realizamos juntas e o quanto aprendemos umas com as outras.

**À Liga Acadêmica de Saúde Coletiva de Macaé**, pelos aprendizados frutos de nossas ações e reflexões sobre a saúde coletiva que tanto me inspiram neste trabalho. Obrigada por serem abrigo e espaço de resistência para uma juventude que se sonha livre.

**À Escola do Curso Normal**, em que desenvolvi esta pesquisa, sem a generosidade e a disponibilidade das professoras e das turmas, nada disso seria possível. Agradeço de coração por me acolherem e por terem acreditado, mais uma vez, em nosso trabalho.

**À minha turma de mestrado, Élide, Aline e Ariela**, que esteve comigo para além das atividades nas disciplinas. A amizade e o apoio mútuo entre nós foram de suma importância para que eu pudesse vencer meus medos e confiar nos caminhos da pesquisa.

**Ao Professor Alexandre Brasil e à Professora Vanessa Schottz**, pela leitura sensível, bem como as suas contribuições generosas para o desenvolvimento deste trabalho. Vocês fazem parte da boniteza dessa construção.

**Às Professoras Rute Costa, Fátima Lima e Andrea Costa**, por aceitarem compor, junto com a Prof<sup>ra</sup>. Vanessa Schottz, a banca examinadora desta Dissertação. Me sinto profundamente honrada de poder partilhar deste momento com vocês. Mais uma vez, obrigada!

**À CAPES**, pelo incentivo da bolsa de Mestrado que me possibilitou a permanência e a dedicação exclusiva às atividades da pesquisa.

**Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde da UFRJ**, pelo compromisso com o ensino público, gratuito e de qualidade.

Por fim, aos **Movimentos Negros e Indígenas**, por semearem esperança na construção de futuros possíveis para nós. Em especial, agradeço e celebro a existência de mulheres negras e indígenas que, historicamente, lutam pela libertação e democratização deste país.

## RESUMO

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do. **As escrituras de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências:** contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) -Instituto Nutes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

De acordo com Conceição Evaristo (2005), as suas escrituras, como expressão da literatura afro-brasileira, trazem à tona as experiências e vivências coletivas da população negra do Brasil. Sendo esta literatura um espaço privilegiado de reflexão e de produção de novos sentidos, esta pesquisa teve como intuito compreender de que forma as escrituras de Conceição Evaristo podem colaborar para um Ensino de Ciências comprometido com a Educação das Relações Étnico-Raciais. Tendo como inspiração a metodologia da pesquisa biográfica, este estudo se desenvolveu a partir de oficinas pedagógicas remotas, no ano de 2021, em turmas de Ensino Médio do Curso Normal de uma cidade da Região Norte Fluminense, partindo da leitura das escrituras para a discussão de temáticas científicas e sociais. Nesse sentido, buscou-se perceber como as vivências nas oficinas contribuíram para o diálogo com as histórias de vida insubmissas, presentes na sala de aula, trazendo à tona, discussões emergentes para a educação científica. Como caminho teórico-metodológico, optamos pelas contribuições de Paulo Freire (1967; 2011), bell hooks (2013; 2020; 2021), Gayatri Spivak (2010) e Gabriele Rosenthal (2014), no intuito de construir um fazer científico-educativo comprometido com as histórias de vida subalternas. Como resultados, apresentamos a história de vida de uma participante da pesquisa, suas percepções e de seus / suas colegas, acerca das oficinas escrituradas de Ciências. Com base nisso, identificamos à luz de nossos referenciais: i) a importância de histórias de mulheres negras para o debate das relações étnico-raciais no Ensino de Ciências; ii) as contribuições literárias de Conceição Evaristo para as discussões sobre sobre meio ambiente, saúde e sociedade; iii) o papel da leitura das escrituras na fundamentação de uma práxis libertadora para a educação científica. Portanto, o estudo apontou que as escrituras de Conceição Evaristo podem provocar o Ensino de Ciências ao exercício de uma pedagogia engajada que encontra, nas interlocuções com as histórias de vida subalternas, um caminho para uma formação humana crítica, afetiva e reflexiva.

Palavras-chave: Escrituras. Educação em Ciências. Literatura.



## ABSTRACT

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do. **As escrituras de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências:** contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde)- Instituto Nutes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

According to Conceição Evaristo (2005), her escrituras, as an expression of Afro-Brazilian literature, bring to light the collective experiences and experiences of the black population of Brazil. Since this literature is a privileged space for reflection and production of new meanings, this research aimed to understand how the escrituras of Conceição Evaristo can collaborate for a Science Teaching committed to the Education of Ethnic-Racial Relations. Inspired by the methodology of biographical research, this study was developed from remote pedagogical workshops, in the year 2021, in High School classes of the Normal Course of a city in the North Fluminense Region, in Brazil, starting from the reading of Literature by Conceição Evaristo for the discussion of scientific and social themes. In this sense, we sought to understand how the experiences in the workshops contributed to the dialogue with the life stories, present in the classroom, bringing to light emerging discussions for scientific education. As a theoretical-methodological path, we chose the contributions of Paulo Freire (1967; 2011), bell hooks (2013; 2020; 2021), Gayatri Spivak (2010) and Gabriele Rosenthal (2014), in order to build a committed scientific-educational practice with subaltern life stories. As a result, we present the life story of a research participant, her perceptions and those of her colleagues, about the workshops of Science with the Literature by Conceição Evaristo. Based on this, we identified in the light of our theoretic references: i) the importance of black women's stories for the debate on ethnic-racial relations in Science Teaching; ii) Conceição Evaristo's literary contributions to discussions on the environment, health and society; iii) the role of reading the literary works of Conceição Evaristo in the foundation of a liberating praxis for scientific education. Therefore, the study pointed out that the writings of Conceição Evaristo can provoke Science Teaching to the exercise of an engaged pedagogy that finds, in the interlocutions with life stories subaltern, a path to a critical, affective and reflective human formation.

Keywords: Escrevivências. Science Education. Afro-brazilian literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Conceição Evaristo .....	50
<b>Figura 2</b> - Vídeo ‘Ocupação Conceição Evaristo’ (2017) .....	88
<b>Figura 3</b> - Vídeo ‘Conceição Matéria – Ocupação Conceição Evaristo’ (2017).....	93
<b>Figura 4</b> - Vídeo ‘Som da Rua – Coral das lavadeiras’ (2013) .....	107
<b>Figura 5</b> - Capa do livro <i>Becos da Memória</i> (2006).....	113
<b>Figura 6</b> - Capa do livro <i>Histórias de leves enganos e parecenças</i> (2016).....	124
<b>Figura 7</b> - Nuvem de palavras sobre as vivências das oficinas escritoras de Ciências ...	133

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Perfil da Produção Científica: trabalhos publicados em Periódicos sobre as escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências .....	27
<b>Quadro 2</b> - Perfil da Produção Científica: trabalhos apresentados em congressos da área sobre as escrevivências no Ensino de Ciências .....	28
<b>Quadro 3</b> - Levantamento dos textos literários de Conceição Evaristo presentes nas reflexões teóricas sobre o Ensino de Ciências. ....	31
<b>Quadro 4</b> - As escrevivências de Conceição Evaristo nas ações educativas em Ciências .....	38
<b>Quadro 5</b> - Levantamento dos principais referenciais teóricos dos estudos acerca da interface Literatura de Conceição Evaristo e Ensino de Ciências .....	39
<b>Quadro 6</b> - Memorando da Entrevista com Ditinha .....	69
<b>Quadro 7</b> - Apresentação das oficinas escrevíveis de Ciências desenvolvidas .....	73

## **O QUE SE CALA**

*...Mil nações  
Moldaram minha cara  
Minha voz  
Uso pra dizer o que se cala  
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala  
O meu país  
É meu lugar de fala*

*Pra que explorar?  
Pra que destruir?  
Por que obrigar?  
Por que coagir?*

*Pra que abusar?  
Pra que iludir?  
E violentar  
Pra nos oprimir?  
Pra que sujar o chão da própria sala?*

*Nosso país  
Nosso lugar de fala  
O meu país  
É meu lugar de fala*

*Nosso país  
Nosso lugar de fala  
Nosso país  
Nosso lugar de fala.*

**Elza Soares, no Álbum 'Deus é Mulher' (2018).**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação: por uma Ciência escreviente a partir de nossas histórias .....</b>	<b>16</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 Um dos lugares onde as negras sementes resistem: da revisão bibliográfica.....</b>	<b>23</b>
1.1.1 Escrevendo o Ensino de Ciências: do perfil da produção científica .....	27
1.1.2. Diálogos entre o Ensino de Ciências e a Literatura de Conceição Evaristo.....	29
1.1.3. A Escrevivência como inspiração para novas escritas no Ensino de Ciências...	32
1.1.4. A Escrevivência nas ações educativas em Ciências .....	34
1.1.5. O Ensino de Ciências a partir de epistemologias contra-hegemônicas .....	39
1.1.6. Por um Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais .....	41
<b>2. Sobre o plantio: abrindo caminhos teórico-metodológicos .....</b>	<b>45</b>
2.1.O preparo da terra: o fazer científico e educativo como prática da liberdade .....	46
2.2 Das Sementes: a vida e obra de Conceição Evaristo .....	49
2.3 Do solo em transformação: o Curso Normal como cenário de pesquisa.....	58
2.4 Da técnica e das ferramentas: a pesquisa biográfica como inspiração .....	62
2.4.1 A entrevista narrativa biográfica e algumas adaptações de sua análise.....	67
2.5 Dos Nutrientes: as oficinas escrevientes de Ciências no Curso Normal .....	71
<b>3 O desabrochar da palavra: vivências nas oficinas escrevientes de Ciências e seus diálogos com as histórias de vida .....</b>	<b>79</b>
3.1 “A NOSSA HISTÓRIA TEM VALOR”: a trajetória de vida de Ditinha.....	81
3.2 “A HISTÓRIA DE MULHERES REAIS”: dos encontros com a palavra insubmissa no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais .....	85
3.3 “ESSA MULHER, CONCEIÇÃO EVARISTO, MOSTRA PRA GENTE A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO!”: o direito à literatura negra nas discussões sobre meio ambiente e sociedade no Ensino de Ciências.....	95
3.4 “EU QUERO QUE NA NOSSA SENZALA E NA NOSSA FAVELA A GENTE TENHA RESPEITO”: o papel da leitura das escrevivências na criação de uma sala de Ciências engajada na construção da justiça ambiental .....	109
3.5 “TEM QUE APRENDER NA ESCOLA AS LUTAS DO POVO NEGRO E DAS MULHERES”: por uma comunidade de aprendizagem de Ciências engajada com um debate esperançoso sobre meio ambiente e saúde.....	120
3.6 “EU PENSEI ASSIM, A GENTE PODE”: escrevendo uma práxis libertadora	

no fazer científico e educativo.....	130
<b>4. CONSIDERAÇÕES PARA IR ADIANTE .....</b>	<b>138</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>148</b>

## **Apresentação:** por uma Ciência escreviente a partir de nossas histórias

*O que é nosso não será tomado pela chuva*  
(Provérbio tradicional de São Tomé e Príncipe)

Este texto nasce do encontro de histórias de vida que se cruzam entre o passado e o presente com a finalidade de construir um futuro possível para nós. Futuro este que possa ser inscrito pelas vozes insubmissas que, diante da barbárie do mundo, se lançam nos limites entre a ficção e a realidade para a reafirmação da vida. Em meio aos dias de luto constante desta pandemia, faço de minha escrita o abrigo de sonhos e expectativas por dias melhores. Sem perder de vista a dureza dos tempos que nos assolam, mas sem deixar de lado a poesia que emerge das frestas.

Recorro, a partir disso, à arte de minhas mais velhas de contar as nossas histórias. Partirei deste movimento enquanto forma de entrelaçar vida e Ciência no intuito de fomentar caminhos para as reflexões que aqui serão apresentadas. Assim, o projeto de pesquisa intitulado *As escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências: contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, nasce de minhas vivências na educação enquanto mulher negra de pele clara, cisgênero e oriunda da Comunidade do Sol Nascente, localizado na periferia de Brasília<sup>1</sup>. É também nesse contexto, que eu reafirmo a localização da minha palavra enquanto pesquisadora em um país racialmente hierarquizado (DEVULSKY, 2021). Essa palavra que nasce de experiências de vida situadas historicamente e que apontam algumas interlocuções para esta pesquisa.

Durante a minha graduação em licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, eu tive a oportunidade de conhecer a produção intelectual de mulheres negras em contextos formativos. Essa aproximação não se deu a partir do currículo do meu curso, na realidade, foi através dos espaços de militância de mulheres, da juventude negra e das atividades de extensão que eu fui acessando outras bibliografias tão pertinentes para a nossa existência. Foram a partir desses espaços que vivenciei agendas de formação que partiam, muitas vezes, de experiências de vida aliadas à

---

<sup>1</sup> A comunidade do Sol Nascente se localiza na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal, onde conta com aproximadamente 83.102 habitantes (PDAD, 2018). Atualmente, de acordo com IBGE (2020), o Sol Nascente e a Rocinha, no Rio de Janeiro, são consideradas as maiores favelas do Brasil.



teoria para refletir as diversas realidades subalternas.

Quando eu tive contato com as escrituras de Conceição Evaristo, já estava me encaminhando para o final da graduação. Por meio da minha melhor amiga da faculdade, Stella Almeida, mulher negra e escritora, me veio o conto ‘Maria’, do livro *Olhos d’Água* (EVARISTO, 2014). Li esse texto durante uma viagem de ônibus para a faculdade. Na ocasião, eu estava cercada por inúmeros trabalhadores e trabalhadoras que, acompanhados por crianças, pareciam retornar às suas casas depois de um dia longo.

O conto apresenta a história de Maria, uma empregada doméstica que, no retorno para casa, acaba se deparando com um assalto no ônibus. Na situação, Maria reconhece entre os assaltantes, o ex-companheiro e pai de seu filho mais velho. No enredo, os olhares e as poucas palavras trocadas entre Maria e seu ex-companheiro, diante da saudade e do temor, colocam a personagem em risco. Durante o desenrolar da história, Conceição Evaristo vai nos apresentando cenas de um cotidiano que atravessa de forma visceral os corpos subalternos.

No decorrer de minha leitura, lembro do medo e da angústia que eu senti por Maria. Tudo à minha volta parecia familiar. Maria é o nome de minha mãe. Assim como a personagem, mamãe também enfrentou muitos desafios em decorrência das desigualdades sociais. Parecia para mim, que Conceição estava a narrar histórias que não estavam nos livros didáticos, nem nos filmes conhecidos ou algo do tipo. Mas, senti que de alguma forma, aquelas histórias nos pertenciam. Os textos da professora Conceição me traziam vivências que nasciam entre os becos, os barracos, vilarejos, em meio às ruas. Vivências essas que retratavam as experiências negras e femininas e toda a sua complexidade diante da vida.

Me senti intrigada pela experiência com a palavra insubmissa de Conceição Evaristo. Nessa mesma época, em 2018, encontrei no projeto de extensão *Narrativas Femininas*, coordenado pela prof.<sup>a</sup> Fernanda Antunes, a oportunidade de estudar os textos literários da professora Conceição e pensar suas contribuições na educação. Através das rodas de conversa, das oficinas ministradas no Curso Normal - Formação de Professores, de uma escola pública de uma cidade da Região Norte Fluminense, e na Liga Acadêmica de Saúde Coletiva de Macaé (LASCOM)<sup>2</sup>, dentre outros espaços, fui motivada a pensar os impactos dessas experiências em minha formação enquanto professora de Ciências e

---

<sup>2</sup> A Lascom trata-se de um espaço construído pelo protagonismo da juventude negra, periférica e LGBTQIA+ que, em conjunto com educadoras engajadas da UFRJ-MACAÉ, promove importantes ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas para o fortalecimento da saúde coletiva.

Biologia.

Posso dizer que o contato com as escrituras fez com que eu pudesse refletir sobre as violências raciais, de gênero e classe presentes na minha trajetória e de meus familiares. Me convidou a exercitar uma escuta profunda e sensível de outros relatos de vida. Contribuiu também para que eu pudesse pensar em uma prática pedagógica em Ciências que pudesse levar em consideração as histórias como de Conceição, de Maria, de minha mãe, das estudantes, professoras, em suma, as nossas histórias.

As escrituras fizeram com que eu me aproximasse, ainda mais, do legado de luta dos povos afro-brasileiros e da diáspora. Posso dizer que esse conjunto de experiências acabou por fortalecer a construção de minha identidade étnico-racial e docente de forma engajada. Agora, não mais referenciada nos ideais de embranquecimento, mas sim de reafirmação e de resgate da negritude, entendendo-a como parte de minha existência e orientadora de meu ofício enquanto professora de Ciências.

Na contramão do sujeito moderno ocidental, diante de sua branquidão, busquei pensar a Ciência e seus processos educativos através das vozes subalternas, em especial, das vozes negras e femininas. Nessa altura do campeonato, não tinha como negar a realidade social, racial e cultural em que a Ciência estava inserida. Desmistificar o lugar de objetividade e neutralidade acadêmica tornou-se imperativo, uma vez que em diferentes momentos da história da humanidade, a Ciência teve papel preponderante em projetos de extermínio e genocídio das populações racializadas.

É dentro desse contexto que o apelo à história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros no Ensino de Ciências se configura como importante ação a ser tomada. Esse movimento se torna possível graças à atuação histórica dos movimentos sociais e os desdobramentos constitucionais dessas ações como a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08, ao instituir a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas na educação brasileira; as ações afirmativas nas universidades e concursos públicos; e a consolidação de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, dentre outros, lançaram para educação brasileira alguns horizontes de mudanças políticas e epistemológicas (GOMES, 2019).

Com o desejo em colaborar com as transformações epistemológicas e políticas que tanto almejamos na educação brasileira, busquei apresentar as contribuições da Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ainda que as escrituras não tenham seu nascimento no contexto do Ensino de

Ciências, a Literatura de Conceição tem contribuído para se pensar a educação científica na Educação Básica, no Ensino Superior e contextos comunitários de formação. Além disso, o conceito de *escrevivência* tem inspirado o desenvolvimento de novas metodologias de escritas e perspectivas de educação científica, amparadas em epistemologias contra-hegemônicas.

Sendo assim, em diálogo com estas discussões, apresento os desafios e as potencialidades da Literatura de Conceição Evaristo para o exercício de uma prática pedagógica engajada com a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. Partindo das interlocuções com as histórias de vidas presentes na sala de aula, anuncio neste texto, algumas discussões e percepções que emergiram do encontro com as escrevivências na educação científica. As contribuições teórico-metodológicas de bell hooks, Gayatri Spivak, Paulo Freire, Gabriele Rosenthal, em diálogo com as vozes insurgentes, iluminam a compreensão desta experiência, trazendo à tona o papel da poética negra de Conceição na reconquista de nossa palavra. Afinal, o que é nosso não será tomado pela chuva!

Desejo a todes, todas e todos uma boa leitura!

## 1. Introdução

*“Um povo sela sua libertação na medida em que ele reconquista a sua palavra.”*

(Paulo Freire e Sérgio Guimarães, 2003).

Inspirado em importantes líderes, como o poeta da negritude Amílcar Cabral, e pela atuação das meninas e mulheres africanas na luta pela libertação dos países africanos, Paulo Freire (2003) nos convida a pensar no papel que a educação teve neste contexto. Para o educador, a dominação colonial impôs a língua e a cultura do colonizador enquanto uma condição para a colonização dos povos africanos e das Américas.

De acordo com Freire, a condição de libertação dos povos que foram colonizados se concretiza, em termos profundos e em sua autenticidade, quando há a possibilidade da reconquista de sua palavra (FREIRE, 1987). Isso inclui a formação de uma identidade em que os povos oprimidos possam ter o direito de se autodefinirem e automecarem-se para além do jugo colonial.

As colocações de Freire são fundamentais, pois basta nos lembrarmos de Grada Kilomba (2019), acerca da ‘máscara do silenciamento’, como sendo uma das principais ferramentas do colonialismo. Em seu livro, *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba recupera a imagem de Anastácia, mulher africana e escravizada submetida à máscara de ferro. Tal imagem nos revela a perversidade do projeto colonial alinhado às práticas racistas e discriminatórias que tinha por intuito cercear a boca e a voz das pessoas escravizadas.

Segundo Grada, “[...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os.” (KILOMBA, 2019, p. 33). De maneira semelhante à reflexão de Grada Kilomba, o ensino vem assumindo, em muitos momentos, o papel de instrumento de dominação e emudecimento de certos sujeitos, principalmente, pela imposição dos valores culturais da supremacia branca.

Em territórios marcados pelo processo de colonização, de acordo com Spivak, o sistema de ensino passa a ocupar função importante na produção da condição de subalternidade. Ou seja, os aprendizados se limitam aos interesses econômicos das classes

dominantes e o sujeito subalterno, diante do silenciamento das condições de opressão que o atravessa, continua a ocupar os estratos mais desfavorecidos da sociedade (SPIVAK, 2010). No entanto, isso não quer dizer que, ao longo desses processos, os povos subalternizados aceitaram a dominação de forma passiva, muito pelo contrário (KILOMBA, 2019).

No Brasil, diversas organizações no século XX como a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro, fundados respectivamente nos anos de 1931 e 1944, exerceram atuação significativa na denúncia dos preconceitos presentes na educação. Essas iniciativas tiveram papel relevante na divulgação da história e cultura afro-brasileira através de jornais impressos e associações políticas. As atividades educacionais, inspiradas em textos literários, músicas e peças teatrais de autoria negra se voltavam, em muitos momentos, para a alfabetização e problematização da situação da população negra na sociedade brasileira (GOMES, 2012).

Com base nisto e nas demais lutas por acesso aos direitos fundamentais, como saúde, moradia digna, dentre outros, os movimentos sociais, em suas ações, acabaram por colaborar para que pudesse ser pensada a Educação para as Relações Étnico-Raciais. Sendo a educação como uma das principais vias de mobilidade social para as pessoas negras, se mostrou urgente uma perspectiva de ensino que valorizasse as identidades negras, assim como suas contribuições culturais para a construção da história do Brasil e do mundo.

Um dos marcos importantes para este processo foi a criação da Lei 10.639/03 e 11.645/08, que instituiu a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígenas nas instituições brasileiras de ensino. Com isso buscou-se estimular a produção de conhecimentos, a formação de valores, posturas e atitudes que pudessem educar de forma positiva os diferentes grupos étnico-raciais. Reconhece-se, dessa forma, que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, enquanto estruturante da formação social e histórica do Brasil, atingiu não só pessoas negras, mas toda a população. Embora saibamos que as consequências desses processos impactam os grupos sociais de diferentes formas.

Assim, estes avanços se constituem como passo importante no que diz respeito às políticas de reparação aos danos oriundos do sistema escravista e do período pós-abolição. Poder pensar em pedagogias de combate ao racismo, ao sexismo e às demais formas discriminatórias, passa a ser parte do conjunto de práticas que se propõem educar para as relações étnico-raciais.

O Ensino de Ciências, dentro desse contexto, é interpelado a pensar as suas bases pedagógicas alinhadas às práticas antidiscriminatórias. Para bell hooks (2013) as discussões acerca das relações raciais, de gênero e classe devem fazer parte dos processos educativos. A Educação das Relações Étnico-Raciais, enquanto caminho que contempla tais apontamentos levantados pela autora, provoca no Ensino de Ciências a possibilidade de interlocuções com diferentes linguagens que emergem das experiências subalternas. Dentre elas, podemos destacar a literatura de autoria feminina e negra como as escrituras de Conceição Evaristo.

Como aponta bell hooks (2020), é indispensável que as experiências de vidas subalternas possam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem. Possibilitar que essas vozes e subjetividades possam vir à tona pode favorecer o desenvolvimento intelectual, emocional e espiritual de estudantes e professores engajados com a prática da liberdade. Sabemos que os enredos literários de Conceição, por exemplo, acabam por evocar as experiências negras do cotidiano brasileiro, nos convidando, portanto, a refletir sobre os impactos das injustiças históricas que atravessam esses corpos, subjetividades e memórias.

A fim de compreender melhor o diálogo entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências busco, inspirada pelo método de pesquisa biográfica, proposto por Gabriele Rosenthal (2014), à luz dos referenciais teóricos de Paulo Freire, Spivak e bell hooks, responder a seguinte questão de pesquisa: De que maneira o diálogo entre o Ensino de Ciências e as escrituras que emergem da Literatura de Conceição Evaristo pode contribuir para a Educação das Relações Étnico-Raciais? Partindo da vivência em oficinas interdisciplinares acerca do tema meio ambiente, saúde e literatura com estudantes do Curso Normal espero, através da construção biográfica e subjetiva dessa experiência educacional, construir alguns caminhos para a discussão deste problema de pesquisa.

Esta pesquisa, aprovada pelo parecer 4.990.479 do Comitê de Ética em Pesquisa, teve por objetivo geral, dessa forma, compreender como as escrituras de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências contribuíram para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Como objetivos específicos, procurei: (I) perceber as contribuições da interface Literatura e Ensino de Ciências na abordagem das relações étnico-raciais; (II) problematizar a produção do conhecimento científico e a sua relação com a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências.

Em vista disso, essa dissertação se encontra dividida em quatro capítulos que se dedicam a discutir com maior profundidade a relação entre a Literatura de Conceição Evaristo

e o Ensino de Ciências e suas contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais. No primeiro momento, busquei contextualizar o problema de pesquisa e apresentar como a área do Ensino de Ciências vem se aproximando de Conceição Evaristo e suas escrituras. Vamos notar, na próxima sessão, como o legado intelectual da autora tem nutrido reflexões e práticas insurgentes na educação científica.

No segundo capítulo, procurei discorrer sobre os caminhos teórico-metodológicos escolhidos para esta pesquisa. Nessa parte, quis imprimir as inquietações e os desejos por um fazer científico e educativo como prática da liberdade, assim como propõem Paulo Freire (1967) e bell hooks (2013). Como etapa de plantio para um fazer científico e educativo outro, apresentei a vida e obra de Conceição Evaristo, bem como as escolhas de nossas/os autoras/es que nos guiaram nas etapas de planejamento, vivência e análise das experiências das oficinas com as escrituras numa escola de formação de professores e professoras.

No terceiro capítulo, apresentei as discussões dos resultados, trazendo à tona o desabrochar da palavra insubmissa na sala de aula de Ciências. Palavra esta que nasce da Literatura de Conceição Evaristo e da história de vida de Ditinha e de outras participantes desta investigação. Com base nas interpretações dela e na de seus e suas colegas acerca das vivências nas oficinas, procurei apresentar algumas discussões que surgiram nesse contexto formativo. Destaco, a partir disso, a importância do direito à Literatura de Conceição Evaristo, bem como o acesso a sua leitura para o desenvolvimento de uma práxis libertadora na educação científica. Movida pela boniteza desta construção coletiva, teci algumas considerações desta experiência, encorajando o Ensino de Ciências no exercício de uma pedagogia engajada para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Por fim, os anexos e as referências bibliográficas que me guiaram no desenvolvimento deste trabalho.

### **1.1 Um dos lugares onde as negras sementes resistem: da revisão bibliográfica**

#### **TODAS AS MANHÃS**

Todas as manhãs acoito sonhos  
e acalento entre a unha e a carne  
uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos

sangrando e dormentes  
 tal é a minha lida  
 cavando, cavando torrões de terra,  
 até lá, onde os homens enterram  
 a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia  
 ouço a minha voz-banzo,  
 âncora dos navios de nossa memória.  
 E acredito, acredito sim  
 que os nossos sonhos protegidos  
 pelos lençóis da noite  
 ao se abrirem um a um  
 no varal de um novo tempo  
 escorrem as nossas lágrimas  
 fertilizando toda a terra  
 onde as negras sementes resistem  
 reamanhecendo esperanças em nós.

(Conceição Evaristo, 2008)

O poema intitulado “Todas as Manhãs”, do livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, evoca o desejo da autora por novos tempos para a comunidade afro-brasileira. Para isso, ela utiliza o fazer poético como uma forma de resgate da memória coletiva, nos convidando a refletir sobre os impactos dos processos históricos nas vidas negras. A persistência por viver, diante da dor secular retratada pelo eu-lírico, nos mostra o compromisso de Conceição em semear esperança a partir das ‘negras sementes que resistem’.

Tomarei, aqui, as ‘negras sementes’ enquanto as experiências compartilhadas pela população negra. Experiências essas que compõem a Literatura de Conceição Evaristo e que acabam por fundamentar uma escrita comprometida com as vivências coletivas dos povos afro-brasileiros. A *Escrevivência*, termo cunhado por Evaristo, pode ser compreendido, em sua concepção, como ato de escrita de mulheres negras. Através do ato de *escreviver*, a autora traz à tona a potência enunciativa das vozes afro-brasileiras em sua literatura. É a partir da sua condição de mulher negra que Conceição tece suas escrevivências, uma escrita referenciada no legado histórico e cultural dos povos africanos e da diáspora (NUNES, 2020).

Para a escritora Conceição (2020), a *Escrevivência* pode ser pensada como um fenômeno diaspórico e universal, em que se evidenciam as experiências e as vivências da população negra brasileira. Por meio deste conceito, a autora reafirma a sua origem ligada aos



povos africanos e celebra também a sua ancestralidade. A Literatura de Conceição expressa, através de suas escrituras, as conexões profundas com o legado ancestral de África e da diáspora. E, apesar de Conceição partir de uma experiência específica de uma afro-brasilidade, ainda assim, a doutora em Literatura Comparada, compõe um discurso literário que engloba um sentido de universalidade humana. As experiências específicas retratadas nas escrituras são capazes de convocar as mais diferentes pessoas e áreas do conhecimento a pensar sobre pautas relevantes no meio social.

Atualmente, as escrituras da autora têm se tornado referência não só no campo da literatura, mas também em outras áreas, como a história, psicanálise, educação, dentre outras (NUNES, 2020). É válido apontar que com a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08, a sala de aula passou a ser um espaço oportuno de reflexão sobre os possíveis impactos das escrituras nos processos educativos. Diante da importância da literatura de Evaristo para a cultura nacional, as obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006) e *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo, passaram a ser incluídas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático em 2019.

As Leis 10.639/03 e 11.645/08, oriundas das lutas e conquistas dos movimentos sociais, têm sido fundamentais, pois de acordo com o educador brasileiro Paulo Freire (1967), a educação como prática da liberdade encontra nas vozes oprimidas, as possibilidades de ação para a construção de espaços mais democráticos. Como também nos aponta a escritora afro-americana bell hooks (2020), embora as narrativas literárias de pessoas negras sejam frequentemente desvalorizadas nos espaços formativos, a literatura de autoria feminina e negra, ainda sim, se constitui como lugar propício à aprendizagem.

O Ensino de Ciências, por exemplo, já tem se mostrado interessado na construção de interlocuções com a literatura de mulheres negras. Posso citar um estudo teórico em parceria com o autor Iago Vilaça de Carvalho, Stella Almeida e Fernanda Antunes Gomes da Costa, em que partimos do livro para infância *Meu crespo é de rainha* (2018), de bell hooks, como meio de fomentar práticas pedagógicas descolonizadoras no Ensino de Ciências para as séries iniciais (CARVALHO et al, 2020). Outro estudo que ressalta a potência desse tema, é o de autoria de Eloíze Quintanilha e Fernanda Antunes Gomes da Costa (2020), em que as autoras analisam o livro *Que cabelo é esse, bela?* (2020), de Simone Mota, para promover discussões acerca da ancestralidade, o respeito às diferenças e o acolhimento da diversidade no Ensino de Ciências para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental das séries iniciais.

É evidente, dessa forma, que o repertório intelectual e artístico de mulheres negras tem produzido fundamentos teóricos capazes de impulsionar novos horizontes epistemológicos (FELISBERTO, 2020). Levando isso em consideração, procurei, a partir de uma revisão bibliográfica, apontar os diálogos que vêm sendo construídos entre o Ensino de Ciências e as escrevivências de Conceição Evaristo. Espero, assim, poder lançar luz a algumas discussões que surgem a partir dessa interface.

O processo de revisão bibliográfica sobre as escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências se desenvolveu a partir das respectivas perguntas de pesquisa: I) de que maneira as investigações no Ensino de Ciências vêm se comunicando com as escrevivências? II) quais são as práticas e reflexões presentes na relação entre o Ensino de Ciências e as escrevivências de Conceição Evaristo? Com base nisso, realizamos uma busca por trabalhos científicos nas principais bases de dados e atas de congresso.

No intuito de identificarmos as publicações nacionais que abordassem as escrevivências no Ensino de Ciências, assim como sua distribuição temporal, definimos os seguintes descritores no processo de busca: ‘Ensino de Ciências’, ‘Educação em Ciências’, ‘Conceição Evaristo’ e ‘escrevivências’. Posteriormente, buscamos localizar artigos e trabalhos completos publicados em congressos, a partir da consulta no Periódico Capes, Redib, Google Scholar e congressos da área como o Encontro Nacional de Educação em Ciências (ENPEC) e Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA).

Além disso, busquei incluir na pesquisa, o acervo da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), por compreendermos a notoriedade da revista da ABPN na produção do conhecimento científico acerca das relações étnico-raciais. Procurei, assim, identificar os artigos que tratavam das escrevivências de Conceição e, a partir disso, selecionamos aqueles que dialogavam com a educação científica. No total, foram identificados cerca de 106 artigos, 2 trabalhos completos publicados no ENPEC e 1 no EPEA. A busca ocorreu nos meses de janeiro a março de 2022. Os artigos encontrados encontram-se distribuídos entre o Periódico Capes (3), Redib (1), Revista ABPN (1) e Google Scholar (101).

Para a seleção dos trabalhos, busquei excluir os artigos duplicados nas bases, assim como aqueles que não correspondiam à modalidade de artigo e/ou trabalhos completos publicados em congresso. Além disso, foram excluídos, também, aqueles que não apresentavam reflexões acerca das escrevivências de Conceição Evaristo nos processos educativos em Ciências.

Baseado nas perguntas de pesquisa propostas para esta revisão, realizamos a leitura e a análise de todos os trabalhos selecionados. Procurei, dessa maneira, agrupar os manuscritos a partir da abordagem de pesquisa qualitativa. Sendo assim, foram criadas algumas categorias de discussão acerca das escrevivências de Conceição no Ensino de Ciências, de forma a destacar as suas potencialidades e os desafios para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

### 1.1.1 Escrevendo o Ensino de Ciências: do perfil da produção científica

Para a nossa análise selecionamos oito trabalhos científicos de diferentes modalidades para compor o corpus desta revisão. O perfil da produção científica se mostra de forma heterogênea com publicações realizadas de 2019 a 2021, como podemos visualizar no Quadro 1 e 2.

**Quadro 1-** Perfil da Produção Científica: trabalhos publicados em Periódicos sobre as escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências

Modalidade	Código	Título	Autoras/es	Ano	Periódico
Revisão	E01	Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais	Pinheiro, BCS.	2019	Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências
Teórico	E02	As não ausentes: olhar interseccional para a ecologia de saberes	Ribeiro, SS; Giraldi, PM; Cassiani, S.	2019	Revista Fórum Identidades
	E03	A sala de aula no contexto de (Pós) pandemia: ressignificando conteúdos de Ciências a partir de textos escrevíveis	Nascimento, BIS; Carvalho, IV; Costa, FAG.	2020	Revista Dialogia
	E04	Pensando num ensino de ciências decolonial a partir da poesia eu-mulher de Conceição Evaristo	Araújo, BSB; Rocha, DM; Vieira, FB.	2021	Revista Filosofia e Educação
Empírico	E05	Escrevivência: um olhar decolonial com recorte de gênero a partir da educação de jovens, adultos e idosos	Nunes, PV; Ribeiro, SS; Giraldi, PM.	2021	Revista Eletrônica Cadernos CIMEAC
	E06	Diálogos com a Educação Ambiental desde el Sur a partir da “fotoescrevivência”: possibilidades para pensar a formação em Ciências	Louise Maciel Salis <i>et al.</i>	2021	Revista Ensino, Saúde e Ambiente

		Biológicas			
--	--	------------	--	--	--

Fonte: A autora (2022)

**Quadro 2** - Perfil da Produção Científica: trabalhos apresentados em congressos da área sobre as escrevivências no Ensino de Ciências

Tipo de Estudo	Código	Título	Autoras/es	Ano	Edição
Estudo empírico	E07	A Fotoescrevivência como proposta metodologia para Educação Ambiental de Base Comunitária: A Re-existência sociocultural na luta pela água e pelo território no Vale do Guapiaçu (RJ)	Pelacani, B; Sánchez, C; Alves, C; Renaud, D.	2019	X EPEA
Estudo empírico	E08	Feminismos ao Sul: Possibilidades e Desafios para a Educação em Ciências	Oliveira, MCD.	2021	XIII ENPEC
Estudo teórico	E09	Escrevivência: inspiração teórica e metodológica como caminho para uma educação em ciências interseccional	Ribeiro, SS; Giraldi, PM; Cassiani, S.	2021	XIII ENPEC

Fonte: A autora (2022)

Em relação aos artigos, podemos observar sua disposição em periódicos correspondentes às áreas do Ensino, Interdisciplinar e Educação. Observamos, também, que as publicações são oriundas de diferentes regiões do Brasil, no entanto a maioria se concentra na região Sul do país. Sobre as pesquisas empíricas, foi possível observar que se tratam de investigações que vêm privilegiando o público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (1); a formação de professores da Educação do Campo em Ciências da Natureza (1); e os estudantes do curso de Ciências Biológicas (1).

Após a leitura e análise da produção científica, foram criadas as seguintes categorias de discussão: I) Diálogos entre o Ensino de Ciências e a Literatura de Conceição Evaristo; II) As escrevivências como inspiração metodológica de escritas na Educação em Ciências; III) e as escrevivências nas ações educativas em Ciências. A partir dessas categorias, busquei identificar as potencialidades e desafios acerca das contribuições da Literatura de Conceição Evaristo para o Ensino de Ciências. Além disso, busquei mapear os referenciais teóricos e metodológicos que vêm guiando as produções teóricas e ações educativas.

Com base nisso, procurei orientar o caminho teórico-metodológico da pesquisa, no intuito de colaborar com as discussões que aqui serão apresentadas. A seguir, apresentarei os respectivos estudos que compõem as categorias que emergiram desta revisão bibliográfica.

### 1.1.2. Diálogos entre o Ensino de Ciências e a Literatura de Conceição Evaristo

Alguns autores e autoras têm se dedicado a construir reflexões acerca das contribuições da Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências. Por definição, essa categoria diz respeito aos estudos que têm como foco o diálogo teórico com os diferentes gêneros literários da autora no intuito de apontar algumas interlocuções com a educação científica.

Como exemplo disso, podemos citar um estudo nosso em parceria com o autor Iago Vilaça de Carvalho (2020). Neste estudo, propomos a ressignificação dos conteúdos de Ciências no contexto da (pós) pandemia da COVID-19, a partir das contribuições de Paulo Freire, bell hooks, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Busquei, assim, pensar como as questões sociais agravadas pela chegada do novo coronavírus, como a falta do acesso à água e ao saneamento básico, podem vir à tona na sala de aula de Ciências. Através do conceito de *pedagogia engajada*, de bell hooks (2013), e das contribuições filosóficas de Paulo Freire, partimos da literatura de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como forma de fazer emergir as narrativas dos grupos sociais mais atingidos pela pandemia (NASCIMENTO, CARVALHO, COSTA, 2020).

Para isso, analisamos trechos do livro *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo e *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, para apontar algumas possibilidades de práticas pedagógicas na Educação em Ciências engajada. Dentre elas, se encontra o exercício do papel social e político da educação científica nas séries finais do Ensino Fundamental. Acreditamos, dessa forma, que a literatura de mulheres negras pode vir a promover o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem em Ciências. Sendo estas comunidades responsáveis pela formação humana e cultural de educandos e professores engajados na superação das desigualdades de gênero, raça e classe (NASCIMENTO, CARVALHO, COSTA, 2020).

Já o estudo de Simone dos Santos Ribeiro, Patrícia Montanari Giraldo e Suzani Cassiani sugere o diálogo com a Literatura de Conceição Evaristo, como forma de anunciar possibilidades de discussão epistemológica na Educação em Ciências. Para tal, as autoras dialogam com referenciais do Feminismo Negro, da Decolonialidade, dos Estudos Feministas e dos Estudos Pós-Coloniais. Através das formulações teóricas de Boaventura de Sousa

Santos e Maria Paula Meneses, acerca das Epistemologias do Sul, e do conceito de *ecologia de saberes*, as autoras propõem utilizar a interseccionalidade como categoria de análise na Educação em Ciências (RIBEIRO, GIRALDI, CASSIANI, 2019).

Segundo as autoras, o texto literário de Conceição Evaristo enquanto literatura que valoriza o lugar de fala de mulheres negras, nos apresenta a possibilidade de visualizar saberes “outros”. Inspiradas nos saberes silenciados, as autoras buscaram investigar as possibilidades de epistemologias e de Educação em Ciências que orientassem para o enfrentamento das colonialidades. O olhar interseccional para a ecologia de saberes, para as autoras, constitui-se como forma de deslocar a reprodução e a perpetuação das relações de poder presentes na construção do conhecimento científico (RIBEIRO, GIRALDI, CASSIANI, 2019).

Outro estudo que vai ao encontro dessa discussão, é a reflexão apresentada pela autora Bárbara Simões Barreto de Araújo e os autores Davi Maia Rocha e Fábio Pessoa Vieira (2021). Tomando como base a poesia ‘Eu-Mulher’ de Conceição Evaristo, do livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), este trabalho tem por objetivo apresentar uma perspectiva decolonial de Ensino de Ciências. A autora e os autores desenvolvem uma reflexão acerca da dinâmica homogênea do ensino e de seus impactos na reprodução de uma visão eurocentrada do mundo (BARRETO, ROCHA, VIEIRA, 2021).

A fim de problematizar os valores fundantes da Ciência ocidental moderna, Barreto, Rocha e Vieira (2021) partem da poesia de Evaristo para se discutir, no ensino, a natureza da Ciência. Segundo os autores, o texto poético pode vir a fomentar, na abordagem dos conteúdos, as discussões sobre as noções de razão e objetividade. Como exemplo, citam o ensino da origem e evolução dos seres vivos que, na maioria das vezes, privilegiam as narrativas eurocêntricas do conhecimento.

Para os autores, as escrevivências no Ensino de Ciências podem vir a desconstruir as noções etnocêntricas acerca da razão e objetividade da Ciência, de forma a apresentar uma outra perspectiva do conhecimento científico. Perspectiva esta que traz corpo e humanidade ao que foi descorporificado pela lógica da dominação epistêmica. Os autores, ao citarem bell hooks, afirmam que é preciso não abandonarmos a convicção de que podemos ensinar Ciências sem reforçar os sistemas de dominação. A Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, nesse sentido, pode compor as estratégias pedagógicas que visam à desconstrução da imagem da Ciência provida de neutralidade e razão (BARRETO, ROCHA, VIEIRA, 2021).

Com base nos estudos apresentados, observamos que vêm sendo privilegiados para as reflexões em torno dos processos educativos em Ciências, diferentes gêneros literários como a poesia e o romance. As obras *Becos da Memória* (2006) e *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2017), são os principais títulos de Conceição Evaristo apontadas nos trabalhos teóricos desenvolvidos pelas autoras e autores, como podemos ver no Quadro 3.

**Quadro 3** - Levantamento dos textos literários de Conceição Evaristo presentes nas reflexões teóricas sobre o Ensino de Ciências.

Ano da Obra	Gênero	Título	Temáticas sociais e científicas abordadas	Referências dos estudos
2006	Romance	Becos da Memória	– A problemática acerca do acesso à água e ao saneamento básico; Reflexões sobre as condições sanitárias e as formas de enfrentamento da população negra e feminina brasileira diante da pandemia da COVID-19.	Nascimento, BIS; Carvalho, IV; Costa, FAG (2020)
2017	Poesia	‘A roda dos não ausentes’ em <i>Poemas da Recordação e outros movimentos</i>	– Reflexão sobre o processo de construção dos conhecimentos científicos a partir da perspectiva interseccional.	Ribeiro, SS; Giraldi, PM; Cassiani, S (2019)
2017	Poesia	‘Eu-Mulher’ em <i>Poemas da Recordação e outros movimentos</i>	– A problematização das noções de objetividade, razão e neutralidade científica nas discussões sobre origem e evolução dos seres vivos.	Araújo, BSB; Rocha, DM; Vieira, FB (2021)

Fonte: A autora (2022)

Podemos inferir, a partir disso, que a interface entre Literatura de Conceição Evaristo e Ensino de Ciências tem resultado em importantes reflexões. Dentre elas, se encontra a necessidade da ressignificação dos conteúdos de Ciências no intuito de se levar em consideração a realidade vivenciada pelos grupos sociais oprimidos. Além disso, as discussões apontam a urgência de se conceber os processos educativos a partir de referenciais

epistêmicos contra-hegemônicos, no intuito de fomentar práticas educativas mais inclusivas na educação científica.

Através dos estudos apontados, percebemos que a poesia e o romance surgem como aliadas nas reflexões acerca da educação científica, de forma a colocar em evidência os aspectos históricos, sociais e políticos dos conhecimentos científicos. Observa-se que este diálogo interdisciplinar também tem provocado discussões de diferentes temáticas para a sala de aula de Ciências, o que nos leva a perceber as potencialidades da Literatura na construção de novas perspectivas de se ensinar e aprender Ciências.

Para o crítico literário Antônio Candido (2011), a Literatura exerce funções essenciais na formação humana, uma vez que ela pode se conectar com as nossas subjetividades nos ajudando a reconhecer e a transformar a realidade em que estamos inseridos. Em vista disso, percebemos o quão rico podem vir a ser as experiências de ensino e de aprendizagem em Ciências em diálogo com a Literatura de Conceição Evaristo, pois os estudos teóricos já têm mostrado alguns caminhos potentes de reflexão acerca dessa relação, caminhos que vão emergir ao longo da discussão desta dissertação.

### **1.1.3. A Escrivência como inspiração para novas escritas no Ensino de Ciências**

Sabemos que a *Escrivência* se constitui como uma inovação literária marcada profundamente pelo lugar sócio-cultural em que Conceição Evaristo se coloca para tecer sua escrita (EVARISTO, 2005). Essa inovação se dá quando a autora desafia os limites entre a ficção e a realidade, compartilhadas pelas vivências da população negra. É nesse sentido que a *Escrivência* da autora pode também ser entendida como um profundo incômodo acerca do estado das coisas. Para ela, trata-se de uma escrita que tem como base a observação e a absorção da vida (EVARISTO, 2020). Levando isso em consideração, essa categoria busca apresentar alguns estudos da área do Ensino de Ciências que vem dialogando com a *Escrivência*, entendendo-a como um operador teórico-metodológico de escritas reflexivas na educação científica.

É inspirada neste conceito de Conceição Evaristo e no ativismo acadêmico de mulheres negras, que a professora Fernanda Felisberto (2020) nos brinda com a reflexão sobre



a escrevivência enquanto rota de escrita acadêmica. Para ela, a escrevivência enquanto um operador teórico-metodológico vem ganhando inúmeros sentidos dentro da academia, de modo a colocar Conceição Evaristo em contato com diferentes intelectuais engajados na superação do racismo e das demais formas de dominação. Esse diálogo tem levado à reflexão sobre a prática da escrita de mulheres negras e dos demais grupos subalternizados, bem como o impacto dessa escrita em suas vidas e produções.

No Ensino de Ciências, as escrevivências de Conceição Evaristo também têm inspirado a escrita acadêmica de estudantes e professoras negras. Como exemplo, podemos citar a professora Bárbara Carine Soares Pinheiro (2019), idealizadora da primeira escola afro-brasileira de educação infantil. Em seu artigo, publicado na *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, a autora propõe a abordagem das relações étnico-raciais enquanto eixo estruturante para a Educação em Ciências. Para isso, Bárbara parte de uma escrita referenciada na escrevivência de Conceição Evaristo, entendendo este conceito como uma proposição teórico-metodológica (PINHEIRO, 2019).

Assumindo em seu texto a autoria marcada pela sua experiência de mulher negra, de origem periférica, nordestina e que atua no Ensino de Química, Bárbara Carine (2019), nos convida a refletir sobre a importância das produções científicas africanas e da diáspora. Baseado nisso, a autora revisita as principais referências decoloniais das Ciências, no intuito de compreender, dentre outras coisas, o processo de descolonização dos saberes na educação científica (PINHEIRO, 2019).

Em seu livro *Descolonizando Saberes – Mulheres Negras na Ciência* (2020), Bárbara Carine tece uma escrita escreviente para apresentar sua trajetória e as contribuições de mulheres negras para a construção da Ciência. Inspirada no conceito de escrevivência e do poema ‘Vozes-Mulheres’, de Conceição Evaristo (2008), a professora Bárbara nos interpela a desconstruir mitos acerca das intelectualidades negras. Partindo da apresentação de biografias de mulheres de sua família e de figuras notórias como Dona Ivone Lara, Virgínia Leone Bicudo, dentre outras, a autora reafirma a importância de mulheres negras para o desenvolvimento da Ciência e da humanidade.

Para as professoras Simone Ribeiro, Patrícia Giraldi e Suzani Cassiani (2022), a escrevivência como metodologia de escrita e de pesquisa, consiste como um ato político referenciado no legado de luta de mulheres negras. Na Educação Básica, já temos indícios de experiências que visam trazer a escrevivência enquanto um operador teórico-metodológico de

escrita de estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, por exemplo (NUNES, RIBEIRO, GIRALDI, 2021).

Além disso, é importante destacarmos que as escrevivências, para além de inspirar caminhos metodológicos de escritas no Ensino Superior e na Educação Básica, também têm inspirado a criação de metodologias no contexto da Educação Ambiental, como por exemplo, a “Fotoescrevivência”, de Bárbara Pelacani et al (2019). Apresentarei, a seguir, os estudos acerca das ações educativas em Ciências que vêm sendo realizadas a partir do diálogo com os textos literários e o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo.

#### **1.1.4. As escrevivências nas ações educativas em Ciências**

Como podemos ver até aqui, a Literatura de Conceição Evaristo e seu conceito de escrevivências têm impulsionado diversas reflexões no Ensino de Ciências. De acordo com Ribeiro, Giraldi e Cassiani (2021), as escrevivências, enquanto literatura e como inspiração teórico-metodológica, possibilita discussões que levam em consideração as diferentes contribuições de epistemologias contra-hegemônicas. Mas, como isso vem se refletindo nas ações práticas de educação em Ciências? Nessa categoria apresentarei os estudos baseados em experiências vivenciadas em contextos formativos em Ciências que partem do diálogo com as escrevivências, com a Literatura de Conceição Evaristo.

No trabalho de Pâmela Nunes, Simone Ribeiro e Patrícia Giraldi (2021), a escrevivência aparece como orientação metodológica no ensino decolonial sobre plantas. Por meio de conceitos como *colonialidade* e da *pedagogia decolonial*, bem como as contribuições dos feminismos negro e decolonial, o estudo nos apresenta uma discussão sobre a educação científica baseada nas escrevivências desenvolvidas por estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA).

Segundo as autoras, foram realizadas cerca de quatro oficinas, sendo as três primeiras dedicadas à abordagem das plantas e a última à produção das escrevivências. Na última oficina, foram abordadas as plantas psicoativas e medicinais, além das questões sociais relacionados à temática, como por exemplo, o encarceramento da população negra, o uso de alucinógenos em rituais religiosos, etc. Com base nisso, os/as estudantes foram orientados/as a

produzir as escrevivências a partir de suas vivências nas oficinas e com as plantas (NUNES, RIBEIRO, GIRALDI, 2021).

Em relação às estratégias pedagógicas e os recursos didáticos utilizados pelas autoras, buscou-se utilizar vídeos sobre Conceição Evaristo e as escrevivências. Apresentou-se a biografia da escritora e sua trajetória profissional. Além disso, foi apresentada à turma, por meio de vídeo, a história da estudante Maria, de 55 anos de idade. Inspirados/as por esta experiência, os/as estudantes da EJA foram motivados a produzir as suas escrevivências (NUNES, RIBEIRO, GIRALDI, 2021).

Como resultados, as autoras relatam que foram produzidos dois perfis de escrevivências: I) relacionado diretamente ao tema “plantas”; II) relacionado às biografias das/os estudantes. Segundo as autoras, as escrevivências das estudantes denunciavam situações vivenciadas de opressão e exclusão social. Muitas dessas mulheres, como mostra o artigo, eram mães e esposas. As autoras, nesse sentido, optaram por não expor as escrevivências no estudo. Contudo, buscaram apresentar a partir da leitura do conto ‘Maria’, de *Olhos d’água* (2014), uma escrevivência baseada na experiência coletiva das *Marias* presentes nas oficinas. Para elas, os relatos apontam que a perspectiva decolonial do ensino de plantas pode favorecer para que as questões sociais e de gênero façam parte do contexto educativo em Ciências (NUNES, RIBEIRO, GIRALDI, 2021).

Partindo, ainda, das escrevivências enquanto inspiração metodológica, temos os estudos apresentados por Pelacani *et al.* (2019) e Louise Maciel Salis *et al.* (2021) na área da Educação Ambiental. Ambos os estudos trabalham com a “*Fotoescrevivência*”, uma metodologia inspirada no diálogo entre a fotografia e a concepção de *Escrevivência* de Conceição Evaristo. Essa metodologia foi desenvolvida pela autora Bárbara Pelacani (2018), em sua pesquisa de mestrado sobre o conflito socioambiental presente em torno da barragem de Guapiaçu, situada no estado do Rio de Janeiro.

No estudo de Pelacani *et al.* (2019), é apresentado a “*Fotoescrevivência*” como um caminho metodológico para atividades de Educação Ambiental de Base Comunitária. Para tal, a autora e os autores levam em consideração as relações com as comunidades afetadas pelo contexto da barragem de Guapiaçu, assim como suas culturas e formas de re-existências na luta pelo território e pela água. Por meio das contribuições teóricas de Conceição Evaristo, Silvia Cusicanqui, Orlando Borda, Enrique Dussel, entre outros, o estudo propõe um olhar poético nos processos pedagógicos.

Inspirados nessa metodologia, proposta por Pelacani (2018), a autora Louise Maciel Salis *et al.* (2021) nos apresenta um estudo que parte das “fotoescrevivências” como caminho para uma pedagogia decolonial no ensino de Ciências Biológicas. Através de contribuições teóricas e metodológicas de autores como Conceição Evaristo, Bárbara Pelacani, Orlando Borda, Paulo Freire, dentre outros citados, este trabalho teve por objetivo compreender como a Educação Ambiental alinhada à “fotoescrevivência” pode colaborar com a formação nas Ciências Biológicas.

De acordo com o estudo, os autores e autoras partiram da experiência de uma disciplina de Educação Ambiental ofertada, em 2019, aos cursos de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dentro deste contexto, buscou-se enfatizar a relevância dos processos formativos integrados às metodologias que estimulam a imaginação e criatividade, como é o caso da “fotoescrevivência”. A disciplina foi desenvolvida por meio de uma sequência de aulas de campo em cenários diversificados dentro e fora da universidade. Segundo o estudo, as vivências na disciplina tiveram como intuito ampliar a formação em Ciências Biológicas a partir do contato dos estudantes e professores com a realidade de territórios locais (SALIS *et. al* 2021).

As atividades de campo foram realizadas em locais como o Quilombo de Machadinha (Quissamã/RJ), Avenida Atlântica (Macaé/RJ), Assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (Silva Jardim/RJ), Horta Comunitária do Barreto (Macaé/RJ) e Acampamento do MST Edson Nogueira (Macaé/RJ). As professoras e professores da disciplina facilitaram o debate sobre os conflitos, injustiças socioambientais, as condições das populações vulneráveis, dentre outros. A partir disso, o corpo estudantil foi orientado a refletir sobre suas vivências nos territórios e produzir relatos livres sobre isso. Levando em consideração as experiências coletivas com os estudantes, professores e sujeitos dos territórios, a autora Louise Salis produziu as “fotoescrevivências”. Isto é, a escrita a partir das imagens fotográficas que emergiram das vivências pedagógicas na disciplina (SALIS *et. al*, 2021).

Como resultado, o estudo apresenta duas “fotoescrevivências” elaboradas pela autora. Sendo uma relacionada à prática de campo no Quilombo Machadinha e a outra referente à Horta Comunitária do Barreto. As vivências compartilhadas pelas pessoas que participaram da disciplina possibilitaram a identificação de “outras” pedagogias, como a pedagogia da resistência, da terra e do conflito na Educação Ambiental. Para as autoras e os autores, a

“fotoescrivência” possibilita a reflexão sobre uma formação plural, dialógica, criativa e que seja contextualizada com os territórios e os conhecimentos ancestrais (SALIS et. al 2021).

Sobre as ações educativas que buscam investigar a relação entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências, podemos citar o trabalho da Maíra Caroline Defendi Oliveira (2021). De acordo com este estudo, a autora buscou investigar as possíveis contribuições da literatura de autoria de mulheres negras africanas e latino-americanas na formação de professores da área das Ciências da Natureza e Matemática. Em vista disso, a autora partiu das contribuições teóricas dos Feminismos do Sul Global e da decolonialidade, no intuito de construir uma discussão para promover uma educação científica antirracista, anticolonial, antipatriarcal e anticapitalista.

De acordo com Oliveira (2021), o estudo apresentado partiu do contexto de uma disciplina, ministrada pela autora, sobre gênero, corpo e sexualidade para um curso de Licenciatura em Educação do Campo. Deste modo, realizou-se uma intervenção literária baseada no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, do livro *Olhos d’água* (2014), da autora Conceição Evaristo. Posterior à leitura, foi solicitado que as/os estudantes produzissem um texto em formato livre que expressasse, de alguma maneira, as suas respectivas histórias de vida em relação ao corpo, gênero e sexualidade.

Segundo a autora, após fazer a leitura dos textos das/os estudantes foi possível observar que os relatos traziam consigo questões que atravessavam tanto o enredo de Conceição como as histórias de vida dos estudantes. Vivências acerca da família, de situações de violência e o papel da mulher na sociedade se fizeram presentes nos textos produzidos. De acordo com Oliveira (2021), a Literatura de Conceição serviu de inspiração para que as/os discentes pudessem refletir sobre suas histórias de vida e como as temáticas acerca do corpo, gênero e sexualidade dialogam com suas biografias.

As ações educativas, de modo geral, têm encontrado no bojo teórico das escrituras, algumas possibilidades de construções teórico-metodológicas na educação científica. Os estudos de Oliveira (2021) e de Nunes, Ribeiro e Giraldo (2021) aprofundam a leitura literária. Os demais estudos nem sempre evidenciam a leitura do texto literário de Conceição Evaristo como centralidade do trabalho. No entanto, acredito que seria interessante tecer tais interlocuções, pois são trabalhos com importantes contribuições, que seriam potencializadas se pudessem dialogar de forma mais evidente com o texto literário de Conceição. Vejamos o que aponta o Quadro 4.

**Quadro 4** - As escrevivências de Conceição Evaristo nas ações educativas em Ciências

Tema(s)	Concepções acerca da utilização das escrevivências	Estratégias pedagógicas	Recursos	Participantes	Referência
Conflito socioambiental	Inspiração metodológica de escrita	Encontros com a comunidade local e atividades de imersão no campo	Fotografias e a produção das fotoescrevivências	Agricultores e comunidade local	Pelacani <i>et al.</i> (2019)
Plantas medicinais e psicoativas	Inspiração metodológica de escrita	Oficinas sobre o tema e de produção das escrevivências	Vídeos, imagens, biografia da autora, texto literário	Estudantes da EJA	Nunes, PV; Ribeiro, SS; Giraldi, PM (2021)
Conflitos e potencialidades socioambientais	Inspiração metodológica de escrita	Atividades de campo e encontros formativos	Fotografias e a produção das fotoescrevivências	Estudantes de Ciências Biológicas	Salis <i>et al.</i> (2021)
Gênero, Corpo e Sexualidade	Intervenção literária	Encontros formativos e de produção textual	Texto literário	Estudantes de Educação do Campo	Oliveira (2021)

Fonte: A autora (2022)

A maioria dos estudos analisados abordam as escrevivências enquanto uma inspiração metodológica de escritas no Ensino Superior, na Educação Básica e em contextos comunitários de Educação Ambiental. Todavia, a relação entre o texto literário de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências, de acordo com nosso escopo, nos parece ainda pouco explorada. Essa realidade se comunica com o panorama dos estudos acerca da interface entre Literatura e Ensino de Ciências, pois observa-se que as obras literárias de mulheres negras ainda permanecem à margem das discussões e das ações que se propõem a pensar sobre este diálogo interdisciplinar.

Ressalto, ainda assim, a importância de se considerar a leitura dos textos de Conceição Evaristo, já que o seu conceito de *Escrevivência* emerge da escrita literária e das narrativas de mulheres negras. Segundo a autora, a literatura negra cria um discurso ficcional capaz de cobrir lacunas presentes na história e na ciência. Ou seja, nas palavras de Conceição “(...) o que a história não nos oferece, e eu estou falando de história e ciência, a literatura pode oferecer (...)” (EVARISTO, 2020).

A seguir, versarei como a Literatura, e o conceito de escrevivências de Conceição Evaristo têm feito emergir, no Ensino de Ciências, diferentes epistemologias contra-hegemônicas. Espero, portanto, a partir do mapeamento dos principais referenciais teórico-metodológicos, dos estudos apresentados, refletir sobre os desafios e potencialidades para o Ensino de Ciências.

### 1.1.5. O Ensino de Ciências a partir de epistemologias contra-hegemônicas

As escrevivências de Conceição Evaristo vêm interpelando o Ensino de Ciências a construir perspectivas epistemológicas que possam nutrir o desenvolvimento de novas teorias e práticas educativas. Essa categoria é responsável por apresentar os principais referenciais epistemológicos que têm orientado os estudos analisados. Para isso, realizamos um mapeamento dos autores e suas contribuições nos trabalhos sobre as escrevivências na educação científica. De modo geral, os estudos nos mostram que diferentes autores, conceitos, termos e temáticas são mobilizados para as discussões sobre as escrevivências no Ensino de Ciências, como aponta o Quadro 5.

**Quadro 5** - Levantamento dos principais referenciais teóricos dos estudos acerca da interface Literatura de Conceição Evaristo e Ensino de Ciências

Referenciais Teóricos	Conceitos/Termos/Temáticas
Aníbal Quijano	Colonialidade
bell hooks	Pedagogia engajada; comunidades de aprendizagem; sistemas de dominação; educação feminista
Beatriz Nascimento	Quilombo
Boaventura de Souza Santos	Epistemologias do Sul; ecologia de saberes; pensamento abissal; pensamento pós-abissal; cosmopolitismo subalterno
Carla Akotirene	Interseccionalidade
Catherine Walsh	Pedagogia decolonial
Conceição Evaristo	Escrevivências
Donna Haraway	Conhecimento situado
Helen Longino	Conhecimento social
Lélia Gonzalez	Racismo, sexismo, amefricanidade
Maria Lugones	Colonialidade de gênero

Paulo Freire	Educação como prática da liberdade; pedagogia do oprimido; fatalismos; pedagogia freiriana
Patrícia Hill Collins	Feminismo Negro
Sandra Harding	Condições de produção do conhecimento
Silvia Rivera Cusicanqui	Sociologia da imagem
Sueli Carneiro	Epistemicídio; mito da democracia racial e da igualdade de gênero

Fonte: A autora (2022)

Observa-se nos estudos, a notoriedade das contribuições teóricas de intelectuais negras brasileiras, como a própria Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene. Destaca-se, também, o diálogo com as vozes potentes do Feminismo Negro como bell hooks e Patrícia Hill Collins. A orientação por meio dessas referências nos estudos das escrituras, por exemplo, faz emergir uma perspectiva de Educação em Ciências interseccional. De acordo com essa ideia, busca-se na educação científica a construção de um espaço problematizador dos diferentes contextos de opressão, levando em conta as intersecções entre as categorias de gênero, raça, classe, sexualidades, entre outros, presentes na Ciência e nos espaços formativos (RIBEIRO, GIRALDI, CASSIANI, 2019; 2021).

Além disso, alguns autores e autoras vêm apontando, a partir de seus estudos com as escrituras, a possibilidade de um Ensino de Ciências Decolonial. Através do diálogo com referenciais teóricos como Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Catherine Walsh, dentre outros autores do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). O Ensino de Ciências Decolonial se propõe a discutir os impactos da colonialidade e do currículo eurocentrado na forma como trabalhamos as discussões científicas em sala de aula (ARAÚJO, ROCHA, VIEIRA, 2021).

A Literatura de Conceição Evaristo, a partir do conceito de escrituras, também tem inspirado um Ensino de Ciências feminista Decolonial, sendo este responsável por uma formação sensível e reflexiva acerca dos impactos da colonialidade de gênero nos processos educativos. Autoras e autores do movimento decolonial e dos estudos feministas, como é caso de Gloria Alzandúa, Maria Lugones, dentre outras, têm sido privilegiadas nas discussões sobre as escrituras no Ensino de Ciências (NUNES, RIBEIRO, GIRALDI; DEFENDI, 2021).

O conceito de escrituras em diálogo com autores do pensamento decolonial e dos movimentos sociais, como Walter Dignolo, Silvia Cusicanqui, por exemplo, vem colaborando para o desenvolvimento de diferentes vertentes da Educação Ambiental Crítica. Como por



exemplo, podemos destacar a Educação Ambiental de Base Comunitária e a Educação Ambiental Desde el Sur (PELACANI *et al.* 2019; SALIS *et al.* 2021). Apesar das diferenças entre estas duas vertentes, ambas se contrapõem ao modelo socioeconômico pautado na exploração e na dominação dos povos e seus territórios e buscam, a partir da valorização da vida, da memória e do conhecimento ancestral e popular, construir suas agendas educacionais.

Em nossos estudos acerca da Literatura de Conceição Evaristo, à luz das colaborações da educação libertadora de Paulo Freire e da pedagogia engajada de bell hooks, temos pensado um Ensino de Ciências engajado na prática da liberdade (NASCIMENTO, CARVALHO, COSTA, 2020). Dentro dessa perspectiva, buscamos resgatar a força dos movimentos sociais, em especial, dos movimentos negros brasileiros para a construção de um currículo comprometido com o legado cultural e histórico dos povos subjugados. Acreditamos ser o Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais, um caminho também a ser trilhado na construção de um mundo livre dos sistemas de dominação.

Como já foi destacado por Ribeiro, Cassiani e Giraldi (2021), as escrituras na Educação em Ciências se mostram ser capazes de construir conexões interessantes com epistemologias contra-hegemônicas. Neste trabalho de revisão, tivemos a chance de observar como isso vem se desenvolvendo nos estudos dessa temática. Muitos dos referenciais identificados nos trabalhos partem de epistemologias que questionam não só a hegemonia da produção do conhecimento científico, como, também, propõem a construção de agendas engajadas na superação dos diferentes sistemas de dominação.

Como exemplo disso, podemos apontar o diálogo com as diferentes correntes teóricas que emergem dos movimentos feministas negros, dos feminismos do Sul Global, dos estudos de gênero na Ciência, da decolonialidade, dos movimentos sociais, a Educação Libertadora de Freire, entre outros. Portanto, no próximo tópico a seguir, apresentarei os desafios e as potencialidades que os estudos analisados sinalizam para serem levados em consideração em nossa proposta.

#### **1.1.6. Por um Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais**

Para Conceição Evaristo (2005), a literatura pode ser entendida como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos. De acordo com a autora, a literatura de mulheres negras é capaz de criar um discurso literário que engloba diversas

vivências e lutas compartilhadas pela comunidade negra. No Ensino de Ciências, o diálogo com a prosa e poesia da autora promove reflexões que abrangem diferentes lutas políticas. Dessa maneira, passamos a considerar nos processos educativos em Ciências, por exemplo, a crítica ao sexismo, ao racismo e às desigualdades frutos dos sistemas de dominação.

Como foi observado, a interface entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências tem possibilitado a abordagem de diferentes temáticas científicas e sociais. O gênero da poesia tem provocado reflexões que trazem à tona a problematização da construção do conhecimento científico, de forma a evidenciar os impactos do sexismo e do racismo nesse processo. Já o romance e os contos de Conceição Evaristo têm inspirado no Ensino de Ciências, as discussões socioambientais que atravessam tanto o enredo ficcional, como também as diferentes realidades vivenciadas pela população negra e feminina, no contexto da pandemia da COVID-19, como foi evidenciado em nosso estudo.

Importante destacarmos, também, alguns dos desafios que compartilhamos e que são retratados nos estudos sobre as escrituras no Ensino de Ciências. Para Ribeiro, Giraldo e Cassiani (2019), um dos desafios consiste em compreender o papel do professor diante dos relatos pessoais compartilhados pelos estudantes, principalmente, àqueles que trazem consigo algum episódio de violência vivenciado. Essa dificuldade também foi retratada no estudo apresentado por Oliveira (2012). Sobre isso, Ribeiro, Giraldo e Cassiani (2019) apontam a necessidade de as instituições de ensino terem profissionais, da Saúde e da Educação, capacitados para o atendimento de estudantes vítimas de violência. De acordo com as autoras, as questões pessoais vivenciadas pelas/os estudantes podem prejudicar não apenas o desempenho escolar, como também a qualidade de vida dos indivíduos.

Aliada à isto, acredito ainda ser importante investir em agendas de pesquisa, ensino e extensão voltadas para a promoção da Educação da Relações Étnico-Raciais, uma vez que estas ações podem colaborar na reparação dos danos causados pelos sistemas de dominação. A interface entre Literatura e Ensino de Ciências já tem se mostrado como aliada na promoção de importantes debates para a sociedade. Em um trabalho recente de revisão publicado por nós, acerca desta relação, identificamos diferentes abordagens que emergem a partir do encontro entre Literatura e Ensino de Ciências.

Dentre elas, se encontra a perspectiva crítica e humanizadora, sendo esta encarregada em promover processos educativos reflexivos e sensíveis à realidade de estudantes e professores (NASCIMENTO, COSTA, 2021). Dentro dessa perspectiva, encontramos trabalhos que partem do diálogo com o texto literário, para fomentar discussões sobre a

importância da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências (DA SILVA DIAS; SEPÚLVEDA, 2017).

A Literatura de Conceição Evaristo, deste modo, se mostra, muitas vezes, alinhada a uma perspectiva crítica e humanizadora na educação científica. Isso se torna perceptível quando observamos a escolha dos referenciais teóricos privilegiados para compor as discussões dos estudos aqui apresentados. Importantes autores engajados com o pensamento crítico como Paulo Freire, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Sueli Carneiro, dentre outros, acabam por nos ajudar a compreender os diferentes elementos que emergem da relação interdisciplinar entre os textos literários de Conceição e a educação científica.

Inclusive, indo ao encontro de nosso problema de pesquisa, percebemos que Paulo Freire e bell hooks oferecem um arcabouço teórico relevante para se problematizar as bases pedagógicas do Ensino de Ciências. Além disso, o diálogo teórico entre as ideias desses autores com o legado intelectual de mulheres negras, como Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes e Sueli Carneiro, dentre outras, nos apontam caminhos de diálogo para uma Educação das Relações Étnico-Raciais.

Nesse sentido, julgamos ser interessante o maior aprofundamento das contribuições da Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais, compreendendo o ato de se educar para as relações étnico-raciais como parte importante na construção da reparação dos danos causados pela violência do racismo e as demais formas de opressão, como aponta o parecer CNE/CP 003/2004, relatado por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Vale ressaltar que essa discussão deve ser considerada em todas as disciplinas curriculares, não ficando restrita ao campo das Humanidades, como aponta Nilma Lino Gomes (2019).

Como próximos passos, buscamos apresentar as etapas dos caminhos teórico-metodológicos desta pesquisa. Na passagem deste capítulo para o próximo, deixo o convite à leitura de um trecho, de *Ponciá Vicêncio* (2018), como forma de refletir sobre como a vida e obra de Conceição Evaristo nos inspiram a construir um fazer científico e educativo engajados na luta dos povos afro-brasileiros. Espero, deste modo, poder colaborar com os estudos das escrituras através da promoção do debate da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências.

*[...] Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobriria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. [...]*

Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio* (2018)

## 2. Sobre o plantio: abrindo caminhos teórico-metodológicos

Como educadora e pesquisadora em constante formação, venho aprendendo que o exercício de minha atuação só tem sentido quando o meu trabalho contribui para o desenvolvimento pleno de outras vidas. Aprendi que não me basta ler uma série de livros, teorias, protocolos, escrever ou publicar artigos científicos, etc. Sinto que assim como Luandi José Vicêncio, personagem da obra *Ponciá Vicêncio*<sup>3</sup>, de Conceição Evaristo (2017), é preciso cultivar uma sabedoria a partir de nossas vivências e, baseado nisso, colaborar na construção da história daqueles/as que vão ao encontro de nossa trajetória. Posso afirmar que o trabalho interdisciplinar com a Literatura de Conceição tem me rendido boas descobertas, tanto a nível pessoal como também na esfera profissional.

Durante minha vivência na pesquisa, eu pude perceber, nessa etapa inicial de revisão bibliográfica, o interesse da área do Ensino de Ciências nas contribuições da autora Conceição Evaristo. As aproximações com as escrevivências nos apontam algumas germinações de construções teóricas, metodológicas e epistemológicas engajadas na construção da história dos subalternos. Muitas dessas reflexões partem de referenciais contra-hegemônicos e do diálogo com as histórias de vida para se pensar a Ciência e os seus processos educativos. As escrevivências, nesse sentido, vêm provocando um movimento instigante na produção de outros sentidos para a educação científica.

Deste modo, ao levar em consideração os estudos apontados, percebi que se desejamos criar cenários de ensino e aprendizagem em Ciências que não sejam pautados na supremacia branca e nas demais formas de dominação, é necessário que realizemos o “plantio” de caminhos teórico-metodológicos favoráveis para tal. No panorama investigativo, as escolhas de referenciais teórico-metodológicos alinhados a esse tipo de proposta, podem nos proporcionar o florescimento de uma sabedoria que nos ajude a construir novas paisagens nas pesquisas acerca do Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Busquei, no tópico a seguir, apontar algumas possibilidades de interlocução com nossos referenciais teóricos e metodológicos. Espero, assim, fundamentar um fazer científico que

---

3 A obra *Ponciá Vicêncio*, originalmente publicada em 2003, pela editora Mazza, trata-se da primeira publicação solo de Conceição Evaristo. No livro, a autora narra a história de Ponciá Vicêncio, filha de mãe solteira, irmã de Luandi e neta de Vô Vicêncio, descendente de ex-escravizados. O romance retrata a trajetória de vida de Ponciá e de seus familiares que, diante da herança escravocrata, forjam suas identidades e narrativas.

possa colaborar de maneira positiva com o desenvolvimento de práticas educativas com as escrevivências no Ensino de Ciências.

## **2.1. O preparo da terra: o fazer científico e educativo como prática da liberdade**

*O conhecimento é como um jardim:  
se não for cultivado, não pode ser colhido.  
(Provérbio Africano)*

É muito comum aprendermos que a Ciência se trata de um fenômeno histórico e que tem como seu local de nascimento o continente europeu. Nessa perspectiva do pensamento científico ocidental, somos levados a acreditar que as maiores descobertas da humanidade foram frutos das conquistas de grandes cientistas, sendo estes em sua grande maioria, homens brancos oriundos do Norte Global. Dificilmente, tomamos conhecimento dos saberes produzidos por povos ancestrais não europeus que foram fundamentais à estruturação do conhecimento greco-romano, por exemplo (PINHEIRO, ROSA, 2018).

Sendo a Ciência um espaço de poder, marcada pelas dinâmicas raciais, de gênero, classe, dentre outros, a representação do fazer científico passa a ser associada à imagem de determinados sujeitos socialmente aceitos. Nesse sentido, muitos grupos sociais que não se enquadram nos padrões instituídos pela visão eurocêntrica da Ciência, acabam por ficar à margem da construção do pensamento científico (PINHEIRO, 2020). De acordo com Grada Kilomba (2019), historicamente, esse é um espaço em que, em muitos momentos, há o desenvolvimento de discursos teóricos que constroem uma perspectiva das/os sujeitas/es/os marginalizadas/es/os enquanto *Outras/os* e inferior ao sujeito branco.

Impossível não lembrar das reflexões levantadas por Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (1985), acerca dos impactos de regimes repressivos como o colonialismo e o racismo na estruturação da lógica hegemônica da produção do conhecimento científico. A autora se questiona se, dentro dessa lógica, pode a/o subalterna/o falar. Considerando a subalterna/o enquanto *Outra/o* do sujeito branco, a autora nos diz que dentro dessa perspectiva de produção do conhecimento, a/o subalterna/o se vê silenciada/e/o e confinada/e/o à posição de

marginalidade. Não se trata, aqui, da incapacidade da/o subalterna/o falar por si, mas sim da dificuldade que essa voz encontra para ser levada em consideração nos espaços de poder.

Em relação a isso, a partir de Spivak, nos parece pertinente o exercício reflexivo acerca da seguinte questão: como podemos fomentar a construção de um fazer científico que leve em consideração as vozes subalternas? Quais seriam os impactos de um fazer científico comprometido com a prática da liberdade desses sujeitos? Essas são questões que não necessariamente temos o intuito de respondê-las, mas são inquietações que nos atravessam e nos levam ao encontro de importantes contribuições teóricas pensadas por autoras/es engajadas/os em práticas libertadoras.

Pensar em como construir esses percursos teórico-metodológicos da pesquisa é quase como preparar a terra para realizar o plantio daquilo que desejamos colher em um futuro próximo. Ao mirarmos em um fazer científico comprometido com as vozes subalternas, é necessário que preparemos um espaço oportuno para que essas vozes possam ser ouvidas e levadas em consideração na construção do conhecimento. A escolha dos referenciais teóricos e metodológicos, nesse contexto, se faz importante porque nos ajuda a visualizar novas perspectivas de formação em Ciências que possam ser comprometidas com a construção da história dos povos subalternizados.

Através do estudo da área do Ensino de Ciências e suas interlocuções com as escrituras de Conceição Evaristo, foi possível nos depararmos com trabalhos interessantes que fornecem algumas pistas para o melhor delineamento de nosso desenho de pesquisa. Percebemos que apesar dos estudos levarem em consideração os referenciais contra-hegemônicos de diferentes áreas do conhecimento, sentimos que há uma necessidade de maior aprofundamento das discussões sobre as contribuições do texto literário de Conceição Evaristo para o debate da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências.

Os estudos, além disso, vem nos mostrando que as escrituras têm provocado o Ensino de Ciências a pensar na importância das histórias de vida que acabam vindo à tona nas experiências educativas relatadas pelas autoras e autores. Embora o diálogo com essas histórias seja pontuado nas publicações, nós identificamos uma lacuna acerca das metodologias utilizadas nesses estudos. Percebemos uma ausência de aportes teórico-metodológicos que possam privilegiar as histórias de vida como um meio investigativo, no intuito de compreender como se dão as construções subjetivas e biográficas dessas experiências vivenciadas.

Dito isso, definimos como um de nossos principais referenciais teóricos a nos conduzir em nossas discussões, o autor Paulo Freire e suas ideias acerca do papel da educação libertadora na superação do mutismo social, na obra *A Educação como prática da Liberdade* (1967). Compreendendo, ainda, que a prática de uma educação libertadora envolve um ensino comprometido com a ética e a estética, como é apontado em seu livro *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa* (2011).

Segundo o autor, o ensino dentro de uma perspectiva crítica, deve nutrir o apreço aos ideais de liberdade, solidariedade e justiça, pois estas também são responsáveis pela construção da boniteza do mundo. Boniteza esta que é construída pelas vivências de todas aquelas/es que se negam a viver num mundo marcado pelas injustiças e crueldade das elites econômicas dominantes (FREIRE, 2011).

Em consonância com as ideias de Freire, partimos da formulação teórica de bell hooks, acerca de seu conceito de pedagogia engajada, como é retratado em sua trilogia *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade* (2013), *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática* (2020) e *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021). Para a autora, o exercício de uma pedagogia engajada está atrelado ao papel que a sala de aula possui no desmantelamento dos sistemas de dominação como o racismo e o sexismo. De acordo com bell hooks, a sala de aula deve ser espaço de acolhimento e de compartilhamento de experiências e histórias de vida, principalmente, de estudantes e professores oriundos de grupos sociais marginalizados. Entendemos que as ideias de bell hooks, também inspiradas no legado freiriano, acabam por ir ao encontro do desejo de uma educação como prática da liberdade, sendo essa responsável pela construção de um mundo menos desigual e, por isso, mais bonito.

Com base nisso, busquei entender como o diálogo entre as escrituras de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências podem colaborar no exercício de uma pedagogia engajada para a Educação das Relações Étnico-Raciais, de modo a destacar o papel da Literatura da autora na construção de espaços de produção do conhecimento que levem em consideração os saberes que emergem das experiências subalternas.

Baseado nisso, encontramos na obra *Pesquisa social interpretativa – Uma introdução* (2014), de Gabriele Rosenthal, uma inspiração de construção metodológica desta pesquisa. De acordo com a autora, a pesquisa biográfica, historicamente, tem contribuído na compreensão dos contextos em que se dão as histórias de vida dos povos oprimidos. Inspirada nessa ideia, busquei investigar como a Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências vem



dialogando com as histórias de vida subalternizadas presentes na sala de aula. Sendo assim, partindo de uma entrevista narrativa biográfica, de uma estudante participante de nossas oficinas com os textos literários, tivemos a oportunidade de perceber como essas experiências foram interpretadas.

Portanto, antes de mergulharmos juntas, juntos e juntas nas experiências vivenciadas com a Literatura de Conceição nas oficinas, peço licença, para que eu possa apresentar a notória biografia da autora. Revistar a trajetória de vida dessa grande intelectual, nos ajuda a compreender a importância que Conceição Evaristo e suas escrituras possuem para o ensino brasileiro. Espero, deste modo, incentivar que, cada vez mais, a biografia e as obras da autora possam fazer parte dos diferentes contextos formativos em Ciências.

## 2.2 Das Sementes: a vida e obra de Conceição Evaristo

Antes – agora – o que há de vir.

Eu fêmea-matriz.

Eu força-motriz.

Eu-mulher

abrigo da semente

moto-contínuo do mundo.

(Conceição Evaristo, 2008)

Maria da Conceição Evaristo de Brito é ensaísta, professora, poetisa, romancista e ganhadora de muitos prêmios<sup>4</sup>. Foi vencedora do Prêmio Jabuti de 2015, e homenageada como Personalidade Literária do Ano de 2019, além de ser contemplada com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais, em 2018, devido à relevância de sua obra. Essa voz que é força motriz de escritas escrituras, recentemente, passou a ocupar, como titular, a Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência da Universidade de São Paulo – USP.

---

<sup>4</sup> Conceição Evaristo foi laureada com os Prêmios Ori (2007), Camélia da Liberdade (2007) e Jabuti (2015). Além disso, foi homenageada pelo IPEAFRO (2011), 13º Festival da Mulher Afro-latina, Caribenha (2016), Inporichê (2016), dentre outros. Essas informações encontram-se disponíveis no Currículo Lattes da autora <<http://lattes.cnpq.br/9653059262448203>>

Conceição, em seus 75 anos, tem buscado promover uma educação mais inclusiva a partir da literatura, como mostra o Jornal da USP (2020).

A escritora nasceu em 1946, em uma favela da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais, e enfrentou diversos desafios para que sua voz pudesse ser reconhecida (**Figura 1**). Trabalhou como doméstica e, depois, como professora da Educação Básica durante muito tempo. Enquanto mulher negra, de descendência africana, filha de Joana Josefina Evaristo e Aníbal Vitorino, irmã de nove e mãe de sua especial menina Ainá, Conceição tem desafiado os limites entre ficção e realidade, ao imprimir em sua produção intelectual e artística os reflexos de suas próprias vivências.

**Figura 1** - Conceição Evaristo



Fonte: Revista Trip, foto de Mario Ladeira (2019).<sup>5</sup>

Um dos fatos interessantes da vida de Conceição Evaristo diz respeito à sua formação como professora e atuação na educação básica. Após concluir seus estudos na Escola Normal, em 1970, a autora foi para o Rio de Janeiro para atuar nas escolas públicas do subúrbio.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/conceicao-evaristo-transforma-sua-trajetoria-em-referencia-para-toda-uma-geracao-de-jovens-negros>

Naquela época, o Movimento Negro se encontrava em um momento ímpar da história dos movimentos sociais. As lutas das comunidades negras norte-americanas, em prol dos direitos civis e, também, pela descolonização dos países africanos, impactavam diretamente nas discussões raciais aqui no Brasil (MACHADO, 2014).

Em meados de 1976, Conceição Evaristo iniciou sua graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, com o nascimento de sua filha, concluiu os seus estudos somente em 1989. Na década de 1980, a autora participou do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, no qual realizou recitais de textos literários em bibliotecas públicas, presídios, favelas, entre outros. Por volta de 1990, a autora tem suas primeiras publicações de seus escritos através dos Cadernos Negros, série de antologias editada pelo coletivo Quilombhoje (MACHADO, 2014).

Em 1996, Conceição Evaristo tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, posteriormente, em 2011, tornou-se Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Hoje, além de professora e escritora, Conceição Evaristo, também tem produzido importantes reflexões acadêmicas sobre a literatura negra brasileira e africana (MACHADO, 2014).

Especificamente, em seu mestrado, a autora cunhou o conceito de *escrevivências* que pode ser compreendido como o “entre lugar” daquilo que pode ser considerado vivência e daquilo que é ficção na literatura. Através da escrita que nasce da memória, das experiências de vida e do cotidiano das vidas negras, a autora materializa, em suas obras, as múltiplas representações do corpo negro na sociedade brasileira. Acerca desse movimento de escrever e viver, a autora afirma que:

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Podemos inferir, então, que as suas *escrevivências* denunciam as opressões estruturais da sociedade brasileira. Além disso, sua literatura expõe as lutas partilhadas por mulheres negras e reitera o apelo à palavra como quem reivindica a própria vida. O movimento de *escrever*, assim, apresenta-se como rota de fuga de construções estéticas que subalternizam os corpos negros, pois é incorporado nos enredos da autora, a sua própria condição de mulher negra enquanto sujeito.

A autora Spivak (2010), destaca que a produção intelectual ocidental foi cúmplice, muitas vezes, dos interesses das elites econômicas globais. Diante dos empreendimentos coloniais, imperialistas e capitalistas, as representações dos povos colonizados foram construídas sob os pilares da violência epistêmica. Ao negar os conhecimentos, a cultura e a história dos povos não brancos, a violência epistêmica produziu o sujeito colonial enquanto o *Outro* do homem branco europeu.

Dentro dessa lógica, o *Outro* é aquele que não tem voz e, por isso, passível de ser objetificado, manipulado, estudado e representado a partir do olhar daquele, cuja existência e discurso lhe são *naturalmente* autorizados. Sendo assim, Grada Kilomba (2019) aponta serem as mulheres negras o *Outro do Outro*, pois têm seus corpos duplamente marcados pelas violências do racismo e sexismo, colocando-as constantemente em posições de subalternidade.

Essa ideia da dupla opressão também é retratada por Lélia Gonzalez (1984) quando a autora discute os impactos do racismo e do sexismo na vida de mulheres negras brasileiras. Para a filósofa e antropóloga, as representações construídas acerca do papel social de mulheres negras encontram-se atreladas à herança colonial brasileira. Deste modo, a discussão levantada por Lélia sobre a figura da mulata, da mucama e da mãe preta nos informa como, ao longo da história, as práticas de violência dos sistemas de dominação se atualizam, uma vez que as mulheres negras foram constantemente objetificadas e destituídas de sua humanidade.

Ao encontro desta discussão, Spivak (2010) ao analisar a condição de mulheres indianas na sociedade pós-colonial, nos diz que os impactos viscerais do racismo e do sexismo na vida dessas mulheres, acabam por silenciar e marginalizar, ainda mais, esses corpos dos espaços de poder. Os efeitos disso, segundo a autora, impactam diretamente no direito das mulheres indianas se autorrepresentarem e falarem por si. Diante disso, a pensadora dos Estudos Subalternos diz que:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 126).

Aqui, vale sublinhar, de acordo com as ideias de Spivak, que não se trata de uma figura do subalterno como sujeito silencioso, mas sim como aquele que é constantemente silenciado pelas estruturas de poder das elites econômicas. Em outros termos, o ato de falar

não tem se permitido ser completado até porque não se teve nenhuma preparação por parte das classes dominantes, para ouvir o que os povos colonizados têm a dizer. Essa condição permanece até os dias atuais em que é possível observar diferentes processos de subalternização nos espaços sociais (SPIVAK, 2010).

Isso não quer dizer, como bem lembra Grada Kilomba (2019), que os grupos subalternos e colonizados têm sido vítimas passivas dos sistemas de dominação. Pelo contrário, há séculos que pessoas em condições de subalternidade vêm denunciando as perversidades das práticas do discurso dominante. Como exemplo disso, podemos citar uma das referências de Conceição Evaristo, a intelectual negra Carolina Maria de Jesus, cuja obra *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada* (2015), representa o labor intelectual fruto de suas vivências como subalterna na antiga favela do Canindé, em São Paulo.

Retomemos, então, a importância da tarefa intelectual de mulheres, como foi apontado por Spivak (2010), cuja atuação política nos remete a inscrição de fazeres outros da produção do conhecimento. É nesse sentido que, por meio das escrituras, Conceição Evaristo não só aposta numa inscrição de si, enquanto mulher negra, como também convoca as múltiplas experiências dos sujeitos subalternizados, de modo a promover caminhos para que essas vozes possam ser escutadas e levadas em consideração para se produzir novos saberes. Nas palavras de Conceição Evaristo:

Escritura, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escritura não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.11).

As múltiplas vozes negras que ecoam acordando os da casa grande em seus sonos injustos, emergem das escrituras da autora, como em *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006) e *Olhos d'Água* (2014), publicado pela Pallas editora. Além do livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Histórias de leves enganos e pareências* (2016), publicados pela editora Malê. E, por último,

a sua mais recente publicação “*Canções para ninar menino grande*” (2018), pela editora Unipalmares. Um conjunto da obra que nos convoca à construção de uma sociedade inscrita por homens, mulheres e crianças que, encontram em suas potências de emissão, um lugar de inscrição não só para si, mas também de suas comunidades.

Islene Motta e Ludmilla Lis (2020), importantes intelectuais, destacam que “[...] a escrita do subalternizado rompeu a retórica canônica e assinalou a importância da reflexão sobre as experiências coletivas, mesmo que amalgamadas a tantas outras que podem ser individuais.” (MOTTA, LIS, 2020, p. 269). A escrita de mulheres negras, quilombolas, indígenas, dentre outras, que são perpassadas pelas vias de opressão interseccionalizadas, corresponde a uma forma de restituição e reparação histórica, como aponta Fátima Lima (2021). No caso das escritoras, Conceição toma a palavra quase em um gesto de inscrição de toda uma coletividade invisibilizada, construindo uma narrativa histórica a partir das vozes silenciadas pelos sistemas de dominação.

Vale dizer que a Literatura de Conceição Evaristo, devido à sua importância, foi contemplada no Plano Nacional do Livro Didático Literário de 2018 abrindo, dessa forma, espaço para que a literatura de autoria feminina e negra pudesse ser pensada na sala de aula. Especialmente no âmbito educacional, as escritoras têm provocado interlocuções com a Lei 10.639/03, colaborando, assim, para que as experiências subalternas pudessem ocupar lugar de relevância nas reflexões sobre o ensino.

Segundo a autora Louise Conceição Pereira Tanajura (2019), as escritoras na sala de aula têm promovido a problematização do mito da democracia racial, das opressões de gênero e classe no espaço escolar. Além disso, a autora destaca que a leitura coletiva de contos do livro, *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2014), levou ao desenvolvimento de debates em que alunas e alunos relacionaram a história das personagens com as suas próprias trajetórias de vida. De acordo com a autora, esse movimento por parte dos estudantes levou à discussão de temas emergentes e que impactam diretamente na construção de suas respectivas identidades.

Podemos afirmar que as escritoras de Conceição reiteram para que a prática pedagógica na sala de aula possa ser exercida de forma engajada com as histórias de vida. Sobre isso, destaco o pensamento de bell hooks, em sua importante obra *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade* (2013), em que a autora, no primeiro capítulo, discorre sobre o conceito de pedagogia engajada. Inspirada pelo legado de Paulo Freire e em diálogo com o humanista Thich Nhat Hanh, bell hooks nos convida a transgredir

as fronteiras do conhecimento, a fim de se pensar a educação de forma holística. Isto é, para além dos conteúdos presentes nos livros didáticos. Sendo assim, as práticas antirracistas, antissexistas e anticoloniais devem orientar o fazer pedagógico a fim de criar uma relação saudável de aprendizagem entre professores, alunos e comunidade escolar. Sobre isso, a autora em seu livro ressalta que:

A educação progressiva e holística, a “pedagogia engajada”, é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional. Ao contrário destas duas, ela dá ênfase ao bem estar. Isso significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos (HOOKS, 2013, p.28).

Partir da concepção de pedagogia engajada, segundo bell hooks, implica em pensar em formas de educar e se educar para a liberdade de forma a preservar e valorizar as subjetividades presentes nesse processo. A saúde na formação discente e docente deve ser preservada e integrada às práticas pedagógicas. A autora ressalta a importância da teoria enquanto alimento que nutre o fazer educativo. O que significa também poder problematizar as ausências, os silêncios e a exclusão das narrativas subalternas no contexto do ensino. A Literatura de Conceição Evaristo, em vista disso, já tem se mostrado potente enquanto via de valorização das subjetividades negras e fundamental às reflexões acerca dos contextos educacionais comprometidos com o bem-estar.

Essa discussão, por sua vez, vai ao encontro das reflexões de Paulo Freire acerca do papel do ensino na transformação radical de uma sociedade marcada pelas relações assimétricas de poder. A educação como prática da liberdade, para o autor, busca desvelar e compreender as relações de poder incutidas no processo de mutismo social (FREIRE, 1967). Em prefácio à edição argentina do livro, *A black theology of liberation* (1972), do teólogo negro estadunidense James Cone, o educador brasileiro argumenta em prol da necessidade dos povos oprimidos poderem dizer a sua palavra, no entendimento de que o ato de poder dizer a palavra está relacionado com o ato de se inscrever no mundo.

Diante disso, Paulo Freire (2011) nos convida a pensar sobre como esse processo de tomada pela palavra numa práxis engajada com o pensamento crítico, deve andar de mãos dadas com o desejo de construir a boniteza do mundo. Para o autor, na medida em que tomamos a história em nossas mãos, pelo exercício de dizer a nossa palavra, temos a oportunidade de dismantelar o sistema opressor que trabalha em função do silenciamento das

classes oprimidas. Sistema este alimentado pelo racismo estrutural, pelo sexismo e demais sistemas de dominação, que fazem deste mundo um lugar inóspito de se viver. Paulo Freire enfatiza que o ensino, em sua criticidade, busca levar em consideração uma formação ética alinhada à estética, isto é, a decência e a boniteza devem andar de mãos dadas. Sobre isso o autor pontua que:

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber (FREIRE, 1996, p. 25).

Quando pensei em levar as escrituras de Conceição Evaristo para o Curso Normal, a partir dos textos literários, discutir Ciências em turmas de formação de professores, nos pareceu apropriado pensar em práticas educativas que pudessem partir de uma formação ética e estética fundamentada na história e cultura negra. Por compreendermos que o respeito à autonomia e as múltiplas identidades dos educandos e professores passam, necessariamente, pelo combate a qualquer tipo de discriminação.

Sabemos que a construção da identidade docente, por exemplo, se configura de forma relacional às vivências do indivíduo nas instituições de ensino, nos programas de formação, na interação social com estudantes, familiares e outros profissionais da educação. Mais do que isso, esse processo se desenvolve a partir de teias complexas fruto das relações sociais, políticas e econômicas, marcadas pelas dinâmicas raciais, de gênero, classe e orientação sexual (DINIZ-PEREIRA 2016).

É dentro desse contexto que o Ensino de Ciências, através da Literatura de Conceição Evaristo, pode atuar na construção de identidades que devem ser nutridas através de um fazer educativo como prática da liberdade. As escrituras da autora, na educação científica, parecem fomentar um movimento de inscrição de uma pedagogia engajada na construção de práticas educativas libertadoras também possível no campo científico. Nesse sentido, tomarei as escrituras de Conceição Evaristo, enquanto literatura, como uma contribuição potente a um Ensino de Ciências engajado na Educação das Relações Étnico-Raciais.

Isso porque as escrituras de Conceição Evaristo, enquanto literatura, rompem com as normas preestabelecidas de uma leitura colonizada de mundo, convocando toda uma coletividade afetada pelos sistemas de dominação e propondo uma leitura do mundo através



das narrativas subalternizadas. Para Audre Lorde (1979), mulher negra, lésbica e caribenha, é imprescindível que:

[...] quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. Não nos escondamos detrás das falsas separações que nos impuseram e que tão seguidamente as aceitamos como nossas. Por exemplo: “Não posso ensinar a literatura das mulheres Negras porque sua experiência é diferente da minha” (LORDE, 1979, p. 25).

Ao longo da história, a educação tem sido um espaço negado às mulheres, às comunidades negras e às classes mais desfavorecidas. A literatura de autoria feminina e negra, ao partir de experiências localizadas, nos informa outras possibilidades de leitura da palavra, nos fornecendo elementos para pensarmos em projetos de mundo verdadeiramente inclusivos e mais bonitos. O Ensino de Ciências em interface com o campo da Literatura não pode deixar de considerar as vozes de mulheres enquanto parte importante para se pensar a construção da boniteza do mundo. Não podemos nos abster dos sistemas de dominação que impactam, diariamente, a forma como selecionamos determinados conteúdos do currículo ou até mesmo privilegiamos alguns autores, em detrimento, do apagamento de outras/es. Como bem aponta Paulo Freire, acerca da leitura da palavra:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler o mundo” e “ler a palavra” se constituem um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para mim, implicam “reescrever” o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo (FREIRE, 1998).

A leitura das escrituras no Ensino de Ciências pressupõe uma leitura prévia do mundo, em que somos interpelados a voltarmos para a realidade no intuito de ler o mundo a partir das vivências negras. Quando lemos a palavra insubmissa de Conceição Evaristo, lemos o mundo através de práticas sociais oriundas dos sujeitos subalternos; não há como negar que essa experiência também implica numa tentativa de reescrever o mundo, ou seja, de transformá-lo em sua máxima boniteza. Isso tem a ver, portanto, com a prática de uma pedagogia engajada com o bem-estar de todos, uma vez que os conhecimentos que emergem

das vivências de mulheres negras como de Conceição Evaristo, nos impulsiona para a luta constante pela libertação de todas as formas de opressão.

Essas discussões, sem dúvidas, nos motivaram a construir propostas de oficinas que proporcionassem a leitura das escrituras no Ensino de Ciências. Isso me levou a discutir coletivamente temáticas científicas, no Curso Normal, através das vivências negras, nos possibilitando um ensino que se propõe educar para as relações étnico-raciais. Essa experiência em turmas normalistas, nos provocou muitas reflexões, dentre elas, sobre a relevância desta pesquisa nesse tipo de cenário. Portanto, no próximo tópico, apresentarei o cenário de pesquisa com a intenção de contextualizar, ainda mais, o trabalho que foi desenvolvido com as oficinas na escola.

### **2.3 Do solo em transformação: o Curso Normal como cenário de pesquisa**

*Fizemos do Magistério o nosso caminho, e agimos sempre  
respeitando a professora que não morreu em nós, ainda..*

(Antonieta de Barros, 1951)

O trabalho com as escrituras me proporcionou grandes encontros na academia e fora dela. No final de minha graduação, nos anos de 2018 a 2019, eu tive a oportunidade de atuar como bolsista de extensão no projeto *Vou para o Sul saltar o cercado: narrativas femininas para o incentivo de meninas nas ciências*, coordenado pela Professora Dra. Fernanda Antunes Gomes da Costa. Naquela época, o projeto tinha por objetivo realizar atividades de formação sobre a valorização das mulheres na construção do conhecimento.

Enquanto bolsista, participei de atividades que me permitiam entrar em contato com diversas biografias de mulheres, bem como suas produções intelectuais e artísticas. Amparadas nos estudos teóricos de bell hooks e pelas escrituras de Conceição Evaristo, por exemplo, éramos motivadas a desenvolver e a participar de rodas de conversas, na Educação Básica e no Ensino Superior.

Desde o início, fui incentivada a viver a extensão como um caminho de reflexão de minhas próprias práticas pedagógica e científica, além de entender essas vivências como fruto de transformações que nasciam a partir do contato com o chão da escola. Através de um

diálogo afetuoso com estudantes e professoras do Curso Normal construímos debates e reflexões valiosas sobre o impacto dos sistemas de dominação na vida das mulheres, assim como a importância de práticas educativas sensíveis a esta realidade.

Levamos para a sala de aula, as histórias de vida de mulheres como Conceição Evaristo, bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Rute Costa, Fabiana Nagibe, Thaís Porto, Andrea Brito; além das nossas próprias histórias, de nossas mães, irmãs, amigas e professoras. Tive a felicidade de viver encontros que eram regados de muita emoção e envolvimento de nosso público constituído, em sua grande maioria, por mulheres negras, periféricas, mães e da classe trabalhadora. Este cenário nos parecia comunicar-se com os estudos de Freitas (2017), em que a autora nos relata como a Escola Normal tem se constituído historicamente pela ocupação majoritariamente de mulheres, em muitos casos, em condições de subalternidade.

As professoras formadas pelo Curso Normal são muito importantes, pois atuam na educação de crianças, jovens, adultos e idosos. Na primeira infância, são responsáveis pela Educação Infantil, uma etapa significativa no desenvolvimento humano. É nessa fase que expandimos nosso conhecimento e nossas relações, convivendo com outros membros da família e entrando em contato com o primeiro espaço social: a creche, a pré-escola e cuidadores. Trata-se de uma etapa marcante da expressão em que desenvolvemos os fundamentos da nossa comunicação (DANNEMANN, 2020).

Para bell hooks (2013), a atuação de suas professoras durante a sua infância a fez perceber como as práticas educativas que valorizavam o bem-estar de estudantes negros eram alimentadas, profundamente, por pedagogias revolucionárias e anticoloniais. Sobre isso, podemos pensar na importância dos cursos de formação de professores, especialmente do Curso Normal. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores na Modalidade Normal em Nível Médio, à formação docente desta modalidade pode se dizer que:

[...] dirige-se, especialmente, aos professores que, inspirados nos ideais de solidariedade, liberdade e justiça social, pretendem exercer a docência na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, tendo como perspectiva a educação escolar, direito de todos e dimensão inalienável da cidadania plena, na sociedade contemporânea. (BRASIL, 1999, p.1).

É muito comum que em cenários marcados pelas desigualdades social, racial e de gênero, a qualidade da educação para a primeira infância seja afetada. Isso nos desafia

enquanto sociedade e, principalmente, como educadoras/es, pois o comprometimento desta etapa da vida, por exemplo, pode resultar em danos físicos, psicológicos e sociais de forma duradoura. Em contrapartida, uma educação de qualidade pode vir a contribuir para o desenvolvimento saudável de nossas identidades, fortalecendo, assim, o exercício de nossa autonomia e liberdade.

O parecer, inspirado nas ideias de Paulo Freire, destaca pontos importantes da formação docente no Curso Normal para o desenvolvimento de práticas pedagógicas escolares. Segundo este documento, a formação de futuras/os professoras/es deverá contemplar os princípios éticos, políticos e estéticos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio. Ou seja, privilegiando enquanto princípios éticos, o desenvolvimento de uma identidade docente que possa zelar pela solidariedade, autonomia e respeito ao bem comum; o princípio político do exercício da cidadania, do pensamento crítico e do apreço pela democracia; e dos princípios estéticos que possam levar em consideração, entre outras coisas, a sensibilidade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais docentes (BRASIL, 1999).

Sem dúvidas, as minhas vivências na extensão com o Curso Normal me trouxeram muitos aprendizados. A experiência de uma prática extensionista engajada e amorosa fez com que pudéssemos criar um relacionamento de confiança e de crescimento mútuo com as professoras e estudantes do Curso Normal. As professoras da escola, diante dos desafios do cenário pandêmico não hesitaram em acolher esta proposta de pesquisa. Com compromisso e generosidade elas abriram as portas de suas salas de aula mais uma vez. Só que agora no contexto remoto e da pesquisa.

A experiência de desenvolver uma pesquisa que emerge de uma trajetória na extensão, nos mostra como essa relação entre ensino-pesquisa-extensão é capaz de nos fortalecer em diferentes âmbitos. O espírito de trabalho coletivo fomentado em nossas ações extensionistas na escola contribuiu significativamente para o desenvolvimento da pesquisa com as escrevivências no Ensino de Ciências durante este período de pandemia. Para nós, demonstrou-se como uma possibilidade de construção coletiva de um espaço privilegiado de produção de conhecimento a partir do contexto da pesquisa sobre o ensino.

Importante, ainda, ressaltar que a cidade a qual a escola está inserida vem enfrentando uma série de transformações em seu espaço social. O processo de industrialização, impulsionado na década de 70, pela exploração do petróleo, tem impactado a sociedade e sua relação com o meio ambiente até os dias atuais. Como principal exemplo disso, podemos

apontar a ocorrência de injustiças ambientais que afetam diretamente a qualidade de vida das populações negras e periféricas do município (FERREIRA, 2011). Portanto, a realização de projetos de ensino, pesquisa e extensão nessa escola é de suma relevância.

Ao levarmos em conta o contexto socioambiental e de crise sanitária a qual a escola foi atravessada, procurei desenvolver cinco propostas de oficinas, com duração de aproximadamente de duas horas. Essas oficinas partiram da leitura dos textos literários de Conceição, no espaço da disciplina 'Vida e Natureza', ofertada às turmas do Ensino Médio. Escolhemos o contexto dessa disciplina, devido a sua importância na discussão de temáticas de Ciências no currículo do Ensino Médio do Curso Normal. No intuito de respeitar os protocolos de segurança, optamos por desenvolver as atividades a partir de oficinas síncronas com algumas propostas a serem realizadas de modo assíncrono.

As oficinas ocorreram de forma remota, pela plataforma do *Google Meeting*, no período de outubro a novembro do ano de 2021, em duas turmas com suas respectivas professoras regentes. Participaram, no total, cerca de 32 estudantes, sendo este público em sua grande parte feminino. O planejamento das mesmas foi compartilhado previamente com as professoras, de modo a incluí-las no processo de feitura das atividades pedagógicas. Segundo elas, as/os estudantes relatavam com frequência da necessidade de discussões sobre meio ambiente e saúde. Sendo assim, realizamos as adequações necessárias para que as atividades pudessem colaborar de forma positiva na formação de todas/os/es participantes.

Após a realização das atividades, inspirada na pesquisa biográfica, de Rosenthal (2014), busquei entrevistar uma das estudantes participantes das oficinas, no intuito de perceber como as atividades contribuíram para a sua formação. Para tal, busquei ouvir a história de vida da estudante e como foi para ela, participar das atividades com as escrituras de Conceição Evaristo. Procurei, dessa forma, incluir as construções subjetivas e biográficas da aluna sobre esta experiência, com o objetivo de enriquecer, ainda mais, o nosso processo de reflexão sobre as contribuições da literatura da autora no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Apresentarei, a seguir, um pouco mais da técnica e das ferramentas da pesquisa biográfica que nos auxiliaram neste trabalho. Encontramos na inspiração pelo método biográfico de Rosenthal (2014), um caminho de valorização das contribuições das histórias de vida subalternas para a construção do conhecimento científico. A partir disso, espero colaborar, através da leitura deste trabalho, algumas reflexões sobre a importância de

fomentar uma Ciência que esteja engajada na superação das condições de silenciamento e exclusão em que muitas histórias de vida são atravessadas.

#### **2.4 Da técnica e das ferramentas: a pesquisa biográfica como inspiração**

*A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração (...)  
Ao Povo cabe dizer a palavra de comando no processo histórico-cultural.*

(Ernani Maria Fiori, 1983)

Para bell hooks (2013) e Paulo Freire (1967), a educação como prática da liberdade propõe a construção de ações e reflexões que visam o desmantelamento de estruturas de opressão que atuam silenciando e tentando apagar narrativas e existências. Como já vimos, em nosso estudo de revisão bibliográfica, as experiências com as escrevivências de Conceição Evaristo, nos contextos formativos em Ciências, têm proporcionado espaços favoráveis para que estudantes, educadores e pesquisadores possam compartilhar as suas histórias de vida e refletir sobre elas.

As experiências que emergem do encontro das escrevivências com o Ensino de Ciências, nos mostram sua riqueza de possibilidades de construções contra-hegemônicas do conhecimento científico. E como não há ensino sem pesquisa, como disse Paulo Freire (2011), é necessário que pensemos em metodologias de pesquisa que possam nos ajudar na compreensão e interpretação de um ensino comprometido com a prática da liberdade.

Sabemos que o enfoque da pesquisa biográfica, por exemplo, nos possibilita, dentre outras coisas, a percepção de perspectivas subjetivas dos agentes do cotidiano, quanto suas histórias de vida e suas relações com o universo social, como aponta Gabriele Rosenthal (2014). Inspirada nesse método, procurei perceber de que maneira as oficinas com as escrevivências veio a se comunicar com as histórias de vida presentes nessa experiência. Mas, antes de nos aprofundarmos nessa conversa, acredito ser importante entendermos o contexto histórico da pesquisa biográfica e como ela pode colaborar com o Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Atualmente, a pesquisa biográfica vem sendo empregada através de diferentes métodos e perspectivas que dialogam com as mais distintas áreas do conhecimento. Tendo a Psicanálise como precursora desta forma de investigação, a pesquisa biográfica passou a surgir, no campo das ciências sociais, a partir do movimento de rompimento com o paradigma positivista, até então predominante na Europa durante e após a Segunda Guerra Mundial (ROSENTHAL, 2014).

De acordo com Rosenthal (2014), as primeiras pesquisas biográficas realizadas nas universidades foram desenvolvidas por sociólogos e psicólogos que nutriam interesses em pautar suas investigações a partir da história de vida. Alguns estudos nessa linha são considerados pioneiros, como por exemplo, a pesquisa realizada por William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (1918-1920) que partiu da análise da biografia de um imigrante polonês para compreender o processo de imigração na Europa e nos Estados Unidos. Para os autores, os relatos da vida pessoal ofereciam acesso privilegiado às perspectivas subjetivas e às experiências do sujeito, de modo a possibilitar o alcance à totalidade da realidade social. Sobre isso, a socióloga comenta em seu livro que:

Reconhecia-se, ali, a vantagem do estudo de caso biográfico não apenas para a apreensão da perspectiva subjetiva e da ação social de integrantes dos mais variados meios – inclusive da genealogia de seu surgimento –, mas também para a reconstrução de mundos da vida em geral e da aplicação de seus resultados na busca de respostas para questões originadas na práxis social (ROSENTHAL, 2014, n.p).

Com base nisso, o método biográfico passou a ser desenvolvido por sociólogos, em meados de 1920, na Universidade de Chicago. Em 1970, a partir da releitura de trabalhos da Escola de Chicago, a pesquisa biográfica interpretativa alemã passou a ganhar mais notoriedade, como aponta a autora. Todavia, é válido ressaltar que, apesar do acúmulo de produção teórica e empírica dos estudos com as narrativas biográficas, nem sempre esse modo de investigação científica foi levado em consideração pela sociologia dominante. No Brasil, a pesquisa biográfica ainda é colocada à margem, apesar de termos indícios de que, na década de 1940, já existiam estudos realizados a partir de relatos orais.

Como exemplo disso, podemos apontar o trabalho de Florestan Fernandes, em 1945, que teve como interesse a investigação da marginalização da população indígena. Por meio da análise da biografia de uma pessoa indígena, do centro-oeste, o autor formulou suas hipóteses e reflexões sobre o contexto social brasileiro. O trabalho de Florestan, sob orientação de

Roger Bastide, com as biografias, histórias de vidas e a observação direta de grupos oprimidos, acabou por fomentar discussões importantes acerca das relações raciais brasileiras, de modo a confrontar com o ideal de “democracia racial” vigente à época (SANTOS, OLIVEIRA, SUSIN, 2014).

No campo da educação, as pesquisas biográficas vêm se consolidando até mesmo enquanto disciplina de (auto)formação (ROSENTHAL, 2014). Essa perspectiva de investigação tem se apresentado como possibilidade de conferir maior visibilidade aos atores sociais presentes no cenário educacional. Essa abordagem investigativa tem ampliado as discussões educativas ao tentar apreender de que forma o indivíduo se constitui na vida e como suas narrativas são construídas ao longo do tempo (PASSEGGI et al., 2017).

Ainda assim, pouco se tem explorado no campo da pesquisa do Ensino de Ciências, as contribuições da pesquisa biográfica de vertente interpretativa alemã. A socióloga, em seu livro *Pesquisa Social Interpretativa – uma introdução* (2014), apresenta alguns marcos da história, dos fundamentos teóricos e princípios que orientam a pesquisa biográfica interpretativa. A sua perspectiva metodológica, fundamentada na sociologia compreensiva, nos convida a refletir sobre os impactos, as limitações e os alcances desse tipo de pesquisa, cujo interesse está em considerar as interpretações dos sujeitos para então compreender os múltiplos aspectos da realidade social. Dentro do paradigma da pesquisa social interpretativa, é reconhecido que os sujeitos agem a partir de suas próprias interpretações da realidade, isto é, a partir de um processo contínuo de interação social orientado pelo seu sistema de relevância (ROSENTHAL, 2014).

É a partir desse entendimento que são fundamentados os dois princípios metodológicos que regem esse tipo de investigação: *o princípio da abertura* e *o princípio da comunicação*. De modo simplificado, o primeiro diz respeito à ideia do pesquisador construir suas hipóteses ao longo da investigação, além de propor perguntas abertas com possibilidade de modificação durante a trajetória investigativa. O segundo princípio afirma que a comunicação do cotidiano é orientada por regras, ou seja, a interação humana se situa dentro de um contexto comunicacional que pode apresentar tanto possibilidades, como também, limitações no processo de pesquisa (SANGALLI, RINALDI, 2018).

Rosenthal (2014) nos aponta alguns benefícios e limitações da pesquisa social interpretativa. Dentre os pontos positivos, podemos destacar: a apreensão do sentido subjetivo que configura as motivações dos sujeitos em suas tomadas de decisão, de modo a levar em consideração o acervo de conhecimentos que são compartilhados socialmente; a reconstrução



do sentido latente e das estruturas de ação que compõem o caso particular investigado; a descrição de ambientes e de ações sociais de maneira detalhada; o desenvolvimento de teorias e hipóteses a partir do contato com o campo de pesquisa; entre outros. No que se refere às limitações, há a impossibilidade em desenvolver conclusões acerca da dispersão e representatividade dos dados, além da generalização numérica e estatística fundamentadas na frequência de como os fenômenos surgem.

Levando esses apontamentos em consideração, a autora recupera, em suas formulações metodológicas acerca da pesquisa biográfica, os fundamentos teóricos da fenomenologia de Schütz sobre as entrevistas narrativas biográficas, e avança ao incorporar no processamento dos dados, a análise do campo temático proposto por Aron Gurwitsch e a hermenêutica objetiva de Ulrich Oevermann. Em outras palavras, segundo Schütze, com as entrevistas narrativas, busca-se compreender os contextos em que as biografias são construídas, as condições que provocam mudanças nas ações dos indivíduos e os motivos que baseiam estas ações (WELLER, ZARDO, 2019).

Já na etapa de análise do campo temático, segundo Aron Gurwitsch, objetiva-se reconstruir os mecanismos que orientam a seleção dos temas, sua sequência e ligação temática entre os múltiplos segmentos do relato biográfico. Aliado a isto, temos a influência da hermenêutica objetiva, de Oevermann, que pressupõe a sequencialidade no processo analítico dos dados, em que cada informação relatada pela entrevistada, deve ser entendida como parte de um contexto maior que precisa ser explorado (ROSENTHAL, 2014). Ou seja, a partir da análise da entrevista narrativa de uma pessoa, por exemplo, é possível conectarmos a esfera individual com o contexto social e, a partir disso, produzir teoria acerca do fenômeno estudado.

Nesse sentido, a pesquisa biográfica pode ser entendida a partir das suas principais etapas: (I) o levantamento dos dados gerados através das entrevistas narrativas biográficas; (II) e a análise das entrevistas por meio da reconstrução biográfica de caso. Em nosso caso, por ser uma proposta inspirada pelo método biográfico, busquei realizar algumas adaptações na etapa de análise da entrevista narrativa biográfica. Nos concentrando, portanto, em compreender as interlocuções entre os dados biográficos da entrevistada e suas possíveis relações com as vivências nas oficinas.

Segundo Rosenthal (2014), as pesquisas dessa natureza vêm sendo realizadas no intuito de fomentar, em muitos momentos, alguns caminhos para a superação dos problemas que perpassam as histórias de vida de membros de grupos sociais oprimidos. Concomitante a

este movimento, há a possibilidade para que novas perguntas de pesquisa, teorias e hipóteses possam ser levadas em consideração.

Sabemos que o apagamento cultural das experiências dos povos africanos e da diáspora na escola, acaba por afetar de forma negativa o nosso desenvolvimento humano e intelectual. Isso se torna sensível à realidade de crianças, adolescentes e jovens das escolas públicas, principalmente, aos alunos e alunas pertencentes aos grupos étnico-raciais tidos como inferiores, como destaca Sueli Carneiro (2005). A inspiração pela pesquisa biográfica, dentro de um cenário pedagógico engajado com as relações étnico-raciais, pode vir a promover reflexões importantes para a superação de práticas racistas e discriminatórias no ambiente escolar, por exemplo.

Diante disso, é imperativo a investigação de processos educativos que busquem romper com a lógica de silenciamento e exclusão dos conhecimentos negros na formação científica e, sobretudo, na formação humana. O Ensino de Ciências a partir da Literatura de Conceição Evaristo, nos provoca a pensar nos impactos disso no processo de construção identitária no espaço escolar.

De acordo com Nilma Lino Gomes (1996), a escola é um dos lugares que mais interferem na construção das identidades, pois este espaço ocupa um lugar de privilégio na vida de boa parte da sociedade brasileira. Durante a nossa passagem na escola, somos capazes de registrar lembranças e produzir experiências que nos afetam profundamente. Para a autora, esses fatores acabam por interferir nas relações que estabelecemos uns com os outros e na maneira como nos percebemos diante do mundo.

Em se tratando da natureza do Ensino Médio do Curso Normal, não podemos nos esquecer que a escola, além de fomentar a construção de uma identidade étnico-racial dos estudantes, por exemplo, também é responsável por colaborar para o desenvolvimento da identidade docente. O convívio dos alunos e alunas com a escola se mostra ainda mais intenso, já que o processo de ensino e aprendizagem é permeado pela formação profissional para atuar no ensino.

Com base na elaboração subjetiva e biográfica da experiência com as escrituras de Conceição Evaristo nas oficinas interdisciplinares, no Curso Normal, busquei apresentar alguns pontos importantes para o debate da Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. Assim, no próximo tópico, apresentarei algumas ferramentas da pesquisa biográfica interpretativa que utilizei neste trabalho. Adiante, encontram-se algumas adaptações realizadas no desenvolvimento da etapa de análise deste método.

### **2.4.1 A entrevista narrativa biográfica e algumas adaptações de sua análise**

As escrituras de Conceição Evaristo, segundo Assunção de Maria Sousa e Silva (2020), possuem uma instância narradora que busca um equilíbrio, tecendo aproximações e distanciamentos da perspectiva autobiográfica. Sendo uma literatura que nasce de uma escrita comprometida com a vida, e nutrida de experiências vivenciadas ou observadas, a narrativa evaristiana transcende o biográfico, articulando-se de forma extraordinária com o universo ficcional, transformando este movimento em construção literária (DUARTE, 2020).

Assim, essa literatura tem se mostrado capaz de criar um espaço de acolhimento e de conexões com diferentes biografias de suas leitoras e leitores, fomentando a interlocução entre experiência, recordação e narração dos diversos contextos subalternos de vida. No espaço de sala de aula, as escrituras têm permitido estudantes a revisitarem o seu passado, possibilitando, deste modo, a criação de percursos de empoderamento de suas histórias de vida (FELISBERTO, 2020).

Assim sendo, algumas ferramentas da pesquisa biográfica se mostram interessantes num cenário de experimentação que busca compreender como os espaços formativos, mediados pela leitura das escrituras, podem se comunicar e produzir novos sentidos no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais e, sobretudo, para as histórias de vida presentes na sala de aula. A entrevista biográfica, nesse caso, surge como uma oportunidade que pode nos ajudar a interpretar melhor esse tipo de experiência.

Com a entrevista narrativa biográfica, temos a chance de perceber que as vivências narradas são referentes às lembranças que não são firmemente fixadas ou armazenadas. Na realidade, o presente da narração biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado de forma específica em cada caso (ROSENTAL, 2014). Isso quer dizer que a possibilidade de poder narrar sobre a experiência das oficinas, a partir dos textos literários de Conceição Evaristo, nos apresenta uma janela de interpretação, dentre as inúmeras que emergem, nos trazendo algumas informações privilegiadas deste processo.

Por isso, como afirma Rosenthal (2014), o levantamento e a análise da pesquisa biográfica, a partir dos relatos da história de vida não se restringem a um aspecto particular ou a fase específica do conteúdo biográfico. De acordo com a autora, para compreendermos algum fenômeno social ou psíquico de nosso interesse, é necessário que a análise de certos

períodos da biografia – como a vivência no cotidiano das oficinas na escola – seja realizada quando a estrutura, ou seja, a *Gestalt* – da história e da narrativa sobre a vida seja apreendida.

Para isso, tomaremos a entrevista narrativa biográfica, de Fritz Schütze (1984), como meio de apreender as informações não só do passado, mas também acerca do momento atual e das expectativas da pessoa entrevistada. De acordo com o autor, esse método tem por objetivo o registro de relatos com durações mais longas, formulados de forma autônoma a respeito das histórias de vida ou sobre determinada temática.

A realização da entrevista narrativa biográfica normalmente acontece a partir de duas fases principais, sendo divididas, na maioria das vezes, em dois encontros. No primeiro momento, é solicitada uma narrativa livre acerca da história de vida da participante. No segundo momento da entrevista, busca-se o aprofundamento de temas já abordados no primeiro encontro e/ ou direcionamento para determinada questão de interesse da pesquisa ainda não relatada (ROSENTHAL,2014).

A respeito disso, torna-se importante apontar que a realização da pesquisa se desenvolveu no período de pandemia sofrendo, dessa maneira, uma série de restrições e desafios. Para a entrevista, busquei selecionar uma pessoa que tivesse participado de forma ativa das atividades. Ao informar à turma sobre o meu desejo em entrevistar alguém que participou das oficinas, a estudante Ditinha<sup>6</sup> se prontificou imediatamente para me conceder uma entrevista. O que foi muito bom, pois a aluna participou ativamente das atividades desenvolvidas. Dessa maneira, a realização da entrevista narrativa se deu de forma remota após a aplicação das oficinas.

Essa entrevista buscou seguir as orientações propostas por Rosenthal (2014), em que se respeita o princípio da abertura. Dessa maneira, no primeiro instante, procurei ouvir a história de vida da estudante com o mínimo de interferência possível. E, no segundo momento, procurei saber como foi a sua experiência nas oficinas com as escrituragens. Para isso, em vez de perguntar de forma direta, parti da seguinte proposta de pergunta aberta:

***Brenda:** Ditinha, fico feliz que você tenha aceitado o convite para a entrevista, como eu já comentei, eu estou interessada em ouvir histórias de vida e relatos de pessoas que vivenciaram as oficinas das escrituragens na escola, você pode me contar o que você quiser sobre sua história de vida e sobre sua experiência nas oficinas, durante sua fala, eu não farei interrupções, apenas tomarei algumas notas sobre esse momento, você pode*

---

6 Com o objetivo de preservar a identidade da entrevistada e das demais participantes das oficinas, optamos por adotar os nomes fictícios inspirados nas personagens das escrituragens de Conceição Evaristo.

*usar o tempo que for necessário. Caso você precise de outro encontro, eu estarei à disposição para ouvi-la novamente.*

**Ditinha:** *tá bom ‘meu amor’ eu conto primeiro minha história e depois falo como foi pra mim as oficinas né*

**Brenda:** *isso, da forma que você se sentir à vontade  
(transcrição: entrevista de Ditinha)*

Esse modelo de pergunta aberta, de acordo com Rosenthal (2014), serve para que a pessoa entrevistada possa se orientar de acordo com o seu sistema de relevância. Durante a entrevista, a Ditinha é quem determinou o tempo de duração de seu relato e a maneira como se desenvolveu, até concluir que não tinha mais nada a ser falado. Após a entrevista ser finalizada, busquei construir o memorando da entrevista como forma de expor as primeiras impressões, sensações e inquietações que emergiram dessa experiência, como mostra o Quadro a seguir.

#### Quadro 6 - Memorando da Entrevista com Ditinha

<b>Resumo do Memorando</b>
<p>A entrevista foi feita no dia 16 de Novembro de 2021 através de uma videochamada, pelo portal do <i>Google Meet</i>, e teve 1h8min de duração. Já fazia um tempo que eu estava tentando realizar essa entrevista com Ditinha, essa era a terceira tentativa. Por ser final de ano e coincidir com as atividades da escola, trabalho e vida pessoal de Ditinha, a entrevista acabou sendo remarcada, algumas vezes, em função das demandas a serem atendidas por ela. Neste dia, Ditinha entrou na sala e abriu a câmera para conversarmos. Poucas vezes eu tive a oportunidade de ver o seu rosto, pois na maioria das vezes, durante as oficinas, a sua participação se dava pela voz e o chat da plataforma. Com a entrada de Ditinha na sala, percebi que ela estava realizando a chamada de vídeo a partir de uma dependência de seu local de trabalho. De acordo com a entrevistada, naquele momento, ela estava trabalhando como auxiliar de estoque de uma loja do shopping da cidade. Perguntei, então, se não era melhor realizar a entrevista em outro momento, talvez num lugar que fosse mais confortável. Ela me disse que não tinha problemas, pois aquele momento era seu horário livre dentro das possibilidades que tinha. Para Ditinha, realizar a entrevista a partir de sua casa era mais complicado porque ela tinha de lidar com a presença dos familiares e as demandas do trabalho doméstico. Confesso que fiquei um pouco tensa e preocupada com essa situação, mas Ditinha logo me tranquilizou alegando que o espaço de seu trabalho era o mais favorável para que ela pudesse se sentir mais à vontade para realizar a entrevista, já que ela se encontrava sozinha na dependência. Ao decorrer da entrevista, Ditinha se emocionou por diversas vezes ao falar sobre sua trajetória de vida e de sua família, e como a escola foi importante na sua formação. Como mulher negra, nordestina, mãe e da classe trabalhadora, Ditinha se queixou em alguns momentos,</p>

sobre os desafios de lutar por uma vida mais digna em um país racista. Para ela, o encontro com a história de vida e as escrevivências de Conceição Evaristo veio como uma oportunidade de encorajá-la, ainda mais, a se tornar autora de sua própria história. No final da entrevista, Ditinha falou sobre seus sonhos e a vontade de dar continuidade aos estudos na faculdade de Letras, assim como Conceição. Em muitos momentos, tive de conter a emoção diante de sua fala. Ao mesmo tempo, fiquei feliz por ver que a relação que construímos uma com a outra por meio das oficinas proporcionou um momento de entrega, confiança e escuta sensível de suas palavras arrebatadoras.

Fonte: Autora (2022)

A construção do memorando e sua inserção na pesquisa são fundamentais, pois situa a pessoa entrevistada em seu tempo e espaço. Até porque quem fala, está dizendo de um tempo e lugar específico (KILOMBA, 2019). Essa fala é situada de acordo com determinados contextos sociais, historiográficos, culturais, entre outros. A história de vida de Ditinha se apresenta, então, como meio para que a pesquisa possa refletir sobre as trocas entre o individual, o cultural e o histórico no contexto da análise das oficinas com as escrevivências.

Para Rosenthal (2014), o procedimento de entrevistas narrativas oferece aos entrevistados uma liberdade maior para que suas experiências e perspectivas sobre algum tema possam ser articuladas. Assim, se torna possível a apreensão não só da história de vida da estudante, como também de sua correlação com a experiência vivida nas oficinas. É a partir da análise desse material que realizamos o exercício reflexivo sobre de que forma a Literatura de Conceição Evaristo provocou as questões étnico-raciais no Ensino de Ciências, levando em consideração os aspectos subjetivos presentes na fala de Ditinha.

A partir dessa ferramenta de pesquisa, dessa maneira, podemos favorecer para que novas hipóteses, teorias e discussões a respeito da Educação para as Relações Étnico-Raciais, através da interface entre Ensino de Ciências e Literatura, possam vir à tona. As oficinas escrevíveis sobre Ciências como espaço de escuta e de diálogo nos proporcionam cenários problematizadores da realidade que fazemos parte. Até porque as discussões em Ciências, a partir das escrevivências, têm por fio condutor as relações étnico-raciais e suas interlocuções com as histórias de vida.

Compreendo, ainda, que ao assumir essa abordagem metodológica, procurei atentar-me aos sinais verbais e não-verbais durante a execução da pesquisa, principalmente, em ocasiões em que as narrativas sobre algum tipo de trauma ou fase da vida causaram desconfortos em Ditinha, por exemplo. Nesse sentido, a condução da entrevista partiu de uma posição ética em respeitar a história de vida da entrevistada, seus conflitos e inquietações. No

fim da entrevista, segui com as recomendações de Rosenthal (2014) em finalizar o encontro a partir do resgate de memórias felizes da vida da pessoa entrevistada.

Portanto, o objetivo com a entrevista narrativa é gerar informações biográficas sobre a história de vida da estudante. Essas informações serão levadas em consideração na etapa de análise, em que buscarei interpretar de que maneira a estudante vivenciou as oficinas com os textos de Conceição Evaristo. Ressalto, ainda, que na transcrição da entrevista e das falas das estudantes do Curso Normal, segui os critérios orientados por Rosenthal (2014).

Deste modo, serão discutidas as vivências nas oficinas, levando em consideração os diálogos com a história de vida de Ditinha. É de interesse refletir sobre o sentido atribuído às vivências nas oficinas e no contexto biográfico em que foram colocadas pela estudante. Além do mais, buscou-se entender a fala da entrevistada a partir da interpretação de um contexto maior em que se refere à sua vida atual e suas perspectivas em relação ao futuro (ROSENTHAL, 2014).

Antes de ir para a análise da entrevista e discussão das vivências nas oficinas com os textos literários de Conceição Evaristo, no capítulo 3, irei apresentar as atividades que foram vivenciadas pela estudante entrevistada, a Ditinha. Pretendemos, adiante, discorrer sobre as reflexões que vieram à tona no processo de feitura das oficinas escritivas de Ciências. Tivemos como desejo que estas as pudessem atuar como nutrientes na pesquisa, nos mostrando, portanto, a boniteza dos diálogos que se formaram a partir desta experiência.

## 2.5 Dos Nutrientes: as oficinas escritivas de Ciências no Curso Normal

*a pele do tambor parece rasa  
mas o seu barulho é fuuundo...  
a casca da semente guarda o segredo do mundo:  
devir / devir / devir  
tudo depende d'água  
do vento que espalha  
do calor que embrasa  
da terra que abraça  
da quebra da dormência  
a vida sementeia plantas secretas*

(tatiana nascimento, 2017)

Para Paulo Freire (2011), o processo educativo envolve assumir uma prática pedagógica vinculada a uma ética que se afronta diante das discriminações de gênero, raça e classe. Não obstante, o autor enfatiza que o compromisso ético com o legado histórico, social e cultural das populações oprimidas deve andar de mãos dadas com a estética. Ou seja, à medida que reivindicamos, em nossas práticas pedagógicas, o desenvolvimento do pensamento crítico diante das injustiças, é por meio deste fazer pedagógico que construímos a boniteza do mundo. Dentro dessa relação, é de interesse pensarmos no papel da amorosidade, da esperança, solidariedade e curiosidade a partir das experiências negras.

É tomado por esse compromisso ético e estético que concebemos a relação dialógica entre a linguagem e a técnica, isto é, entre a literatura e os conhecimentos científicos. Por compreender que ambas também são construções humanas e, portanto, nos constituem de diferentes formas – e que através dessa relação, podemos nos expressar no mundo, questioná-lo e, assim, transformá-lo. Diante desses apontamentos, pensei no desenvolvimento de oficinas que pudessem privilegiar a interface entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências para o incentivo do debate das relações étnico-raciais no espaço escolar.

Para isso, considerei as oficinas como atividades interdisciplinares de caráter lúdico e pedagógico que possuem, como objetivo, promover processos educativos por meio da expressão artística e da experimentação (CARDOSO *et al.*, 2017). Busquei, então, selecionar enredos que apresentam contextos de vidas negras atravessados de forma direta pelas dinâmicas socioambientais, mas que nos anunciam outras possibilidades de viver e conceber este mundo.

Privilegiei, dessa maneira, o eixo temático meio ambiente e saúde devido à importância que estes temas possuem diante da atual crise sanitária. Além disso, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a abordagem de meio ambiente e saúde se constitui como tema transversal no currículo. Em outras palavras, isso quer dizer que a abordagem desses temas deve contemplar toda a prática pedagógica, não ficando restrita às disciplinas de Ciências.

Diante disso, não podemos deixar de considerar que o município da Região Norte Fluminense, onde a escola está inserida, trata-se de um território marcado pelos conflitos socioambientais que impactam diretamente a qualidade de vida das populações mais vulneráveis (PEREIRA, 2009). Portanto, fomentar práticas pedagógicas interdisciplinares destes temas fundamentados numa ética e estética negra, como se propõem as oficinas, nos



aponta possibilidades de problematizar os contextos em que as histórias de vida das estudantes do município são construídas.

Como aponta Rosane Borges (2020), podemos compreender a Literatura de Conceição Evaristo enquanto um lugar de armazenamento e circulação dos saberes silenciados afro-brasileiros e diaspóricos. Logo, podemos afirmar que os conhecimentos científicos e tecnológicos também são constituídos pelas experiências negras. E, por meio das escrevivências, podemos tecer algumas conexões com o Ensino de Ciências que se proponha educar para as relações étnico-raciais.

Para Nilma Lino Gomes (1996), o ambiente escolar trata-se de um espaço privilegiado onde as identidades também são construídas. Por essa razão, não podemos deixar de levar em consideração as contribuições históricas e culturais dos povos africanos e afro-brasileiros no desenvolvimento de nossas identidades. Até porque a incorporação desses saberes e práticas no ambiente escolar, aponta para a possibilidade de construções de identidades que não sejam referenciadas nos valores culturais da supremacia branca.

A Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, no contexto das oficinas, teve como intuito colaborar também para que fossem criados espaços educativos favoráveis ao desenvolvimento positivo de identidades afro-referenciadas. Importante dizer que, embora a autora não trate diretamente de assuntos científicos, mas sim, dos cotidianos da vida que atravessam a coletividade negra, as experiências negras retratadas nas escrevivências são capazes de nos provocar a pensar a educação científica como parte da formação humana.

Como já disse Conceição, na reportagem realizada pelo Itaú Social, “as escrevivências servem também para as pessoas pensarem.” (EVARISTO, 2020). Portanto, tomadas pelo exercício reflexivo provocado pelas escrevivências, procurei desenvolver o planejamento e a realização das oficinas escrevíveis de Ciências, com base nos estudos teóricos dos textos literários de Conceição Evaristo e suas interlocuções com Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Procurei, também, orientar o nosso recorte temático de forma a atender uma demanda da escola, no que diz respeito ao desejo das turmas em discutir temas relacionados ao meio ambiente e à saúde. Logo a seguir encontramos, no Quadro 6, a síntese das oficinas escrevíveis de Ciências que foram desenvolvidas.

#### **Quadro 7 - Apresentação das oficinas escrevíveis de Ciências desenvolvidas**

Oficinas	Objetivos
<p><i>Conceição Evaristo e suas escrituras: Diálogos com o Ensino de Ciências a partir da Educação das Relações Étnico-Raciais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contextualização das oficinas através do resgate da importância dos movimentos sociais negros para se pensar a Educação das Relações Étnico-Raciais;</li> <li>• Apresentação da vida, a obra e o conceito de <i>escrituras</i> de Conceição Evaristo;</li> <li>• Discussão a partir da leitura do depoimento ‘Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita’, de Conceição Evaristo (2005), a relação meio ambiente e sociedade;</li> <li>• Identificação de diferentes relações com o meio ambiente a partir das experiências africanas, afro-brasileiras e indígenas;</li> <li>• Reflexão sobre o direito ao meio ambiente e problematizar as condições socioambientais do município da Região Norte Fluminense;</li> <li>• Reflexão sobre a importância de nossas histórias de vida para pensar os processos educativos acerca do meio ambiente.</li> </ul>
<p><i>Pensando o meio ambiente e sociedade a partir das escrituras</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da obra <i>Becos da Memória</i> (2006), de Conceição Evaristo, e discutir, a partir dos trechos literários, o tema racismo ambiental e a reprodução de injustiças ambientais;</li> <li>• Discussão sobre o direito ao meio ambiente de acordo com a Constituição Federal.</li> <li>• Reflexão sobre a importância da curiosidade da personagem Maria-Nova e sua relação com a produção de conhecimentos com base no território;</li> <li>• Reflexão sobre a importância do Ensino de Ciências segundo a Educação das Relações Étnico-Raciais na construção da justiça ambiental.</li> </ul>
<p><i>O racismo ambiental em Becos da Memória: a curiosidade de Maria-Nova e sua importância para o Ensino de Ciências</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização da leitura coletiva do conto ‘Mansões e Puxadinhos’, do livro <i>Histórias de leves enganos e parencas</i> (2016), de Conceição Evaristo, e contextualização com a relação meio ambiente e saúde, bem como sua importância para pensar a pandemia da COVID-19;</li> <li>• Apresentação das contribuições de cientistas negras no enfrentamento da pandemia; Reflexão sobre o papel da esperança e da solidariedade através ciência e dos movimentos comunitários;</li> </ul>
<p><i>A relação entre meio ambiente e saúde em ‘Histórias de leves enganos e parencas’: o papel da esperança e da solidariedade no Ensino de Ciências</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reflexão sobre como se deram as vivências nas práticas das oficinas; Construção de um mural com palavras-chave que se relacionam com os aprendizados adquiridos através das escrituras de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências.</li> </ul>

Fonte: Autora (2022)

Na oficina, “*Conceição Evaristo e suas escrevivências: Diálogos com o Ensino de Ciências a partir da Educação das Relações Étnico-Raciais*”, busquei apresentar o contexto do projeto de pesquisa, no intuito de contextualizar as oficinas escreviventes de Ciências. A oficina foi dividida em três momentos, em que: I) parti das contribuições teóricas de Nilma Lino Gomes (2017), no intuito de resgatar a força dos movimentos negros para instituição de práticas educativas em Ciências, sendo estas comprometidas com o legado cultural e histórico dos povos afro-brasileiros e africanos, como orienta a Lei 10.639/03; II) além disso, foi apresentada a história de vida de Conceição Evaristo, o conceito de escrevivências, em que realizamos a leitura coletiva e discussão do seu conto *Olhos d’Água* (2014), no intuito de ressaltarmos a importância das histórias de vida subalternas para o Ensino de Ciências; III) inspirados no conceito de escrevivências, realizei o encaminhamento de uma atividade de integração, que foi feita parcialmente de modo assíncrono. Os recursos didáticos utilizados para essa oficina foram a apresentação com slides e o “Padlet” para realização da atividade no mural.

Já na oficina, *Pensando o meio ambiente e sociedade a partir das escrevivências*, procurei trabalhar com o objetivo de entender a relação entre meio ambiente e sociedade através da leitura e discussão do depoimento ‘Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita’, de Conceição Evaristo (2005). Esta oficina foi dividida em cinco momentos, em que: I) no primeiro instante, comentamos sobre o encontro anterior e compartilhamos, no mural, nossas percepções sobre a atividade acerca de nossas histórias de vida; II) a posteriori, realizamos a leitura e o debate do depoimento, de modo a contextualizá-lo com a história de vida de Conceição e com as discussões sobre meio ambiente e sociedade a partir de nossas vivências no território macaense; III) além do mais, foram apresentadas diferentes perspectivas acerca do meio ambiente, levando em conta as contribuições teóricas de Ailton Krenak (2019), Antônio Negro Bispo (2007), Luis Tomas Domingos (2011) e da Constituição Federal (1988); IV) assim, a partir de Paulo Freire (2011), problematizamos o papel da escola nas discussões sobre temáticas ambientais através de uma perspectiva crítica e engajada na Educação das Relações Étnico-Raciais. V) como proposta de atividade a ser realizada, buscamos identificar e expor no mural virtual um registro que fizesse menção às nossas experiências coletivas com o meio ambiente. Os recursos didáticos

utilizados foram a apresentação com slides, “Padlet” e vídeos.

A oficina *O racismo ambiental em Becos da Memória: a curiosidade de Maria-Nova e sua importância para o Ensino de Ciência* foi abordada com o foco na discussão do tema racismo ambiental e injustiças ambientais, a partir da leitura e debate dos trechos da obra de Conceição Evaristo. Esta oficina foi desenvolvida em cinco momentos em que: I) foi lembrado o encontro anterior, a partir do compartilhamento dos registros da atividade sobre a nossa relação com o meio ambiente; II) após este momento, apresentei o livro *Becos da Memória* (2006) e contextualizei a obra, situando sua origem e relação com a história de vida da escritora; III) depois que realizamos a leitura coletiva dos trechos, foi debatido o conceito de racismo ambiental e injustiça ambiental, segundo Herculano (2018), e sua relação com o nosso direito ao meio ambiente, conforme pontua a Constituição Federal (1988); IV) além disso, fizemos uma atividade em que buscamos selecionar e discutir imagens que representavam cenários do meio ambiente preservado e/ou degradados, no intuito de fazermos uma leitura crítica sobre elas; V) por fim, refletimos, à luz de Paulo Freire (2011), a importância da curiosidade de Maria-Nova para a produção do conhecimento a partir de suas vivências no território, entendendo, segundo esta relação, a importância das histórias de vida subalternas no Ensino de Ciências comprometido com a justiça ambiental. Os recursos didáticos utilizados para essa oficina foram a apresentação com slides, “Padlet”, vídeo e imagens.

A penúltima oficina, *A relação entre meio ambiente e saúde em ‘Histórias de leves enganos e parencças’: o papel da esperança e da solidariedade no Ensino de Ciências*, foi desenvolvida com o foco na leitura do conto, ‘Mansões e Puxadinhos’, para o debate da relação meio ambiente e saúde e suas interlocuções com o contexto da pandemia da COVID-19. Deste modo, a oficina ocorreu a partir de cinco momentos: I) foi apresentada a obra, *Histórias de leves enganos e parencças* (2016), e discutido o direito à saúde, segundo a Constituição Federal (1988), e o conceito de saúde ambiental de acordo com a OMS (1993); II) com base nisso, realizamos uma atividade de investigação onde buscamos perceber a situação da saúde ambiental em nossos territórios, assim como as ações de enfrentamento local da pandemia do novo coronavírus; III) posteriormente, busquei apresentar as contribuições de cientistas negras no desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a pandemia e de ações populares de promoção à saúde; IV) através do conto e das discussões, partimos de exemplos dos movimentos comunitários e da Ciência para refletir acerca da importância da solidariedade e da esperança, segundo Paulo Freire (2011) e bell hooks (2020),

para a educação científica. Foram utilizados, enquanto recursos didáticos para essa oficina, a apresentação com slides, “Padlet”, reportagens e vídeos.

E, por fim, a oficina *O que aprendemos a partir das escrituras de Conceição Evaristo*, que teve como intuito refletir sobre as nossas trajetórias durante as atividades. Para tal, realizamos uma retrospectiva dos encontros vivenciados e participamos de uma dinâmica em que fomos incentivados a escolher cinco palavras-chaves que representavam um pouco do que aprendemos no decorrer das oficinas. Assim, refletimos a partir de citações de bell hooks (2006) e Paulo Freire (1967), a importância do amor no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais, sendo essa discussão fundamental às práticas educativas libertadoras. No final do encontro, fiz o convite à turma na busca por voluntárias/os para a realização da entrevista. Como já foi apontado, contei com a colaboração da estudante Ditinha para essa etapa. Os recursos didáticos utilizados para essa oficina foram a apresentação com slides, “Padlet” e o portal “Menti” para a dinâmica das palavras-chave.

No próximo capítulo será apresentada a etapa de análise da pesquisa que consiste em perceber como as oficinas escriturais de Ciências se desenvolveram e como elas foram vivenciadas no Curso Normal. Para isso, buscarei tecer as conexões entre a realização das oficinas e seus diálogos com as histórias de vida como, por exemplo, da estudante Ditinha. Apresentarei, dessa maneira, os resultados desta pesquisa e, a partir disso, discuti-los, no intuito de provocar algumas reflexões sobre esta experiência e suas contribuições para a Educação das Relações Étnico-Raciais. A seguir, um pouco mais de literatura para nos guiar nos caminhos poéticos do conhecimento...

*Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecências do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. É lá que realizamos a nossa sementeira. Em nossos acidentados campos - sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas - a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores é deles também o ensinamento de que as motivações das flores são muitas. Elas cabem no quarto da parturiente, assim como podem ser oferendas para quem cumpriu a derradeira viagem....*

Conceição Evaristo em  
*Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008).

### **3 O desabrochar da palavra: vivências nas oficinas escrevintes de Ciências e seus diálogo com as histórias de vida**

As escrevivências de Conceição Evaristo, ancoradas na memória de nossa afro-brasilidade, ensaiam movimentos transgressores no Ensino de Ciências. Essa construção literária nos impulsiona a sonhar para além das cercas do pensamento cartesiano, pois encontra, na potência enunciativa das vozes subalternas, o ato de semear práticas libertadoras no fazer científico e educativo. Esse processo tem nos mostrado alguns caminhos que, amparados numa ética contra os sistemas de dominação, orienta uma construção de uma estética negra no Ensino de Ciências, pois há produção de sentidos, experiências e afetos que resultam desse diálogo entre a literatura negra e a educação científica.

É no contexto de um ensino engajado na prática da liberdade que realizamos a semeadura da palavra insubmissa, presente tanto nos textos literários da escritora, como também nas narrativas de estudantes e professoras do Curso Normal. Ao semearmos a palavra literária de Conceição, a partir das oficinas, há um encontro de vozes que desabrocham e se reconhecem, buscando construir uma existência que procura ser mais no mundo (FREIRE, 1994). O Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais tem nos provocado, deste modo, a atravessar os caminhos de pedras e das flores presentes no exercício de uma pedagogia engajada na libertação dos sistemas de dominação.

Impossível esgotar, neste trabalho, as formas possíveis de se viver as experiências formativas nas oficinas escrevintes de Ciências. O que apresento, neste capítulo, como parte de nossos resultados, diz respeito às percepções sobre as vivências nas oficinas. Percebemos como as atividades com os textos de Conceição foram capazes de romper com uma perspectiva hegemônica de Ensino de Ciências, colocando em evidência a importância do diálogo com as histórias de vida, de modo a construir novas paisagens de ensino e aprendizagem.

Portanto, busquei analisar as vivências nas oficinas, tendo como pano de fundo a biografia da estudante Ditinha que, com a sua permissão, nos brindou com a sua história de vida que é tão preciosa. Procurei, deste modo, apresentar a sua história neste trabalho e interpretar como foi para ela vivenciar essa experiência com os textos literários de Conceição. Contudo, vale ressaltar que isso não quer dizer que não consideramos as falas e as

contribuições de outros participantes durante o desenvolvimento das oficinas; pelo contrário, elas também compõem o aprendizado coletivo, fruto deste trabalho, como iremos observar.

### 3.1 “A NOSSA HISTÓRIA TEM VALOR”: a trajetória de vida de Ditinha

*Encontrar a voz é um ato de resistência, apenas como  
sujeitos é que podemos falar.*  
(bell hooks, 2019).

Ditinha, mulher preta, nasceu na década de 70, na periferia de Salvador. Filha de pais separados e irmã de três, passou boa parte de sua vida sob os cuidados de sua avó Benedita<sup>7</sup> e de sua mãe Joana. Aos 22 anos, engravidou de seu primeiro filho e casou-se com o pai Fio Jasmin. O casal, diante das dificuldades e violências presentes no subúrbio soteropolitano, decidiu se mudar, em meados de 2000, para o interior da Bahia. Nas palavras dela:

*Ditinha: e eu fui pra essa cidade porque Salvador, ele se tornou uma cidade muito violenta, nós que somos classe média baixa pra não dizer pobre mermo, né /sorri/ só podemos morar em subúrbio né, porque Salvador como a maioria das metrópoles só é bom pra quem tem dinheiro, porque mora em bairros nobres, mora na Barra, mora em Ondina, mora em Itapuã, aí a gente tem que morar em subúrbio e como eu fiquei grávida eu preferi ir morar num interior porque, porque era mais sossegado, porque eu escolhi um estilo de vida mais tranquilo para meus filhos, no caso meu primeiro filho porque eu tenho dois filhos*

(transcrição: entrevista de Ditinha)

A realidade desafiadora vivenciada por Ditinha é muito comum às famílias negras brasileiras que se encontram, em sua grande maioria, nas regiões periféricas do país (IPEA, 2011). Com a mudança para o interior, Ditinha relata ter sentido dificuldades de se adaptar devido à baixa oferta de empregos. Após um ano e meio de seu primeiro menino, veio a segunda gestação. Para se dedicar à criação das crianças, teve de interromper os estudos. Seu marido, operário do ramo da indústria do petróleo, passou a trabalhar na cidade vizinha, o que favoreceu para que pudessem permanecer na região interiorana durante sete anos.

<sup>7</sup> Para preservar a identidade de Ditinha, optamos por atribuir nomes fictícios às pessoas que participam de sua história de vida.



Na região em que Ditinha morava não havia muitos comércios, escolas, ou coisas do tipo. De acordo com ela, isso acabou por motivar a sua tia Aramides Florença, pedagoga e professora, a comprar um terreno e construir a primeira escolinha na região. Para Ditinha isso foi um divisor de águas em sua vida, como ela nos diz:

***Ditinha:*** *ai ela construiu a escola e pra mim foi um divisor de águas por que, ela montando essa escola, ela falou assim, eu continuo morando lá, e deixou a escola mais ou menos, que era uma escolinha né, iniciou como uma escolinha, na minha responsabilidade, e foi muito bom pra mim porque, porque eu lecionei durante 2004 até 2015 nessa escola, primeiro fiquei como auxiliar por ter feito o magistério em Salvador, eu fiz o magistério no enceia, o único colégio que fazia magistério em Salvador, eu fiz e ai ela falou você vai ficar responsável por auxiliar de classe e contratou duas professoras, porque era muito pequenininho a escola, ela começou com o antigo maternalzinha, e depois foi colocando novas classes né, na medida que ela foi construindo, ela foi botando jardim um que era, tinha jardim um jardim dois, depois era alfabetização que é o primeiro ano hoje e ai parou na alfabetização, daí eu fiquei nesse colégio e foi muito bom pra mim porque eu aprendi muito, adquirir experiência, minha tia é professora pedagoga, e eu pude criar meus filhos nesse ambiente, então meus filhos passavam o dia todo na escola comigo, eu entrava pela manhã e só saía dezessete hora né, quando ela fechava, e quando ela fazia festa assim, hoje é dia das crianças, tinha muito é, como que fala é, projetos né, vários projetos, projeto da família projeto do floclore, eu só saía praticamente oito nove hora, **eu ornamentava a escola, era meu ambiente de vida e pra mim era muito prazeroso.***

(transcrição: entrevista de Ditinha)

A experiência de Ditinha com o magistério acontece antes mesmo de sua entrada no Curso Normal em escola da Região Norte Fluminense. A vivência na escola no interior da Bahia se mostrou positiva para Ditinha pois, além de atuar na construção do cotidiano da escola, ela também encontrava nesse espaço um local de acolhimento e aprendizado para si e para seus filhos. Apesar dessa realidade nem sempre ser possível às mulheres negras e suas famílias, bell hooks (2013), nos diz sobre o papel social das escolas que buscam incluir a comunidade negra na educação. Para a autora, o ambiente escolar pode ser um lugar de alegria, êxtase e prazer, na medida em que se considera a importância das relações que se constituem entre o trabalho docente, os estudantes e suas famílias. Como disse Ditinha, a escola era seu ambiente de vida. E a vida é uma mistura de tudo e de todos (EVARISTO, 2018).

Quando os filhos de Ditinha foram crescendo, surgiu a necessidade de encaminhá-los para outra escola para darem continuidade no Ensino Fundamental. Mesmo assim, os

pequenos continuavam a acompanhar a mãe na rotina de seu trabalho na escola. A partir de 2010, com a expansão do mercado petrolífero, Fio Jasmin começou a viajar para região do Sul e do Sudeste em busca de novas oportunidades de emprego. Conseguiu, então, ser empregado por uma empresa distante de sua casa, e sempre que podia, retornava para rever a sua família, como relata Ditinha:

***Ditinha:** foi quando veio o governo do PT que foi um pouquinho melhor porque porque as empresas estavam assim crescendo muito, era muito dinheiro no Brasil eu não sei como, mas tinha muito, então tinha é, como é que fala, tinha alojamento, a empresa custeava tudo, dava um cartão pra ele comprar passagens de avião pra ele ta indo e vindo tudo isso.*

(transcrição: entrevista Ditinha)

A partir de 2015, este cenário muda para Ditinha e sua família. Segundo ela, Fio Jasmin acabou sendo mandado embora de sua empresa. O Brasil, nessa época, passava por uma crise política e econômica, em que muitos trabalhadores e trabalhadoras do setor da indústria, como Fio Jasmin, acabaram sofrendo com as demissões em massa (MATTEI, 2018). Diante desse contexto, o marido foi para o Espírito Santo em busca de emprego e passou a voltar cada vez menos para casa. Apesar de Ditinha gostar de trabalhar na escola, o seu salário não conseguia suprir as despesas do mês. Criar os filhos longe da figura paterna ficou cada vez mais difícil. Decidiu então ir ao encontro do marido e tentar a vida longe de sua terra natal:

***Ditinha:** aí mulher eu tive que sair da escola, o meu deus/ Ditinha sorri/ eu virei faxineira, mulher/ Ditinha sorri/ AH Jesus do céu eu fui sair, larguei minha casa, minhas coisas minha vida toda lá ‘que pra mim eu não ia sair mais nunca’, minha igreja, meus pastores, tudo que eu tinha lá, toda minha estrutura familiar, minha fia, minha raiz, como diz o outro, minha nega, o negócio foi peso pra mim viu*

(transcrição: entrevista Ditinha)

Ditinha, ao sair de sua cidade, foi para o Espírito Santo, trabalhou como doméstica, auxiliar de cozinha e de caixa de supermercado. Fio Jasmin foi empregado em uma grande mineradora, no entanto, devido ao desastre ambiental causado pelas atividades da empresa, muitos funcionários vieram a ser demitidos. Mais uma vez, o marido de Ditinha se viu desempregado e obrigado a recorrer a outros lugares em busca de novas oportunidades. Com

ajuda de colegas de trabalho, Fio Jasmin conseguiu uma vaga para trabalhar embarcado na Região Norte Fluminense, do estado do Rio de Janeiro. Com essa mudança, Ditinha retornou à Bahia, em 2017, para esperar a situação do marido se estabilizar.

Em 2018, Ditinha, juntamente com seus filhos, foi para a Região Norte Fluminense para viver ao lado de Fio Jasmin, e se surpreendeu com o custo de vida alto da cidade. Ainda assim, conseguiram dar entrada na compra de um terreno localizado na área periférica do município. Sobre sua experiência em viver na região norte fluminense, ela nos fala que:

***Ditinha:** não me adaptei muito a (...) e eu pensei assim, ah eu vou amar porque tem praia, onde tem praia, tem peixe, eu to dentro, vou me embolar nesse areia só vai dar eu e essa areia, mas, mirmã, não me adaptei, assim, o clima é, as pessoas, as pessoas são muito fechadas, são muito isolada, sabe, quando você vai interagir com elas, pelo menos as que e conheço a maioria são depressivas, ansiosas, tomam remédios de ansiedade*

(transcrição: entrevista Ditinha)

Apesar dos incômodos sentidos por Ditinha, ela alega que os filhos gostam da cidade e se orgulha de ambos estarem na escola e trabalhando em seus primeiros empregos. Em muitos momentos, diz que sempre priorizou a educação dos filhos e almeja o ingresso deles no ensino superior, como nos mostra a seguir:

***Ditinha:** meu filho tem 21 anos, meu filho mais velho tem 21 anos, ele trabalha de operador de caixa, ele faz curso técnico de mecatrônica, ele vai dar início agora a faculdade vai fazer o enem e mesmo que ele não passe ele vai dar início a faculdade, ele ta querendo fazer Contabilidade porque ele é bom em contabilidade, eu falei vai meu filho, vai, é uma área boa, o outro de 18 anos faz técnico de segurança, inclusive passou num processo seletivo para duas empresas multinacionais*

(transcrição: entrevista Ditinha)

Com os filhos mais velhos, Ditinha viu uma oportunidade de voltar a estudar e concluir sua formação no Curso Normal deste município da Região Norte Fluminense. De modo concomitante, passou a trabalhar como operadora de caixa, estoquista e professora de aulas de reforço para ajudar na renda de casa. Sentiu muitas dificuldades e, segundo ela, pensou em desistir muitas vezes. Até que conheceu a professora Laura:

***Ditinha:** tive o prazer de conhecer Laura, e Laura foi a minha grande incentivadora, aí ela falava assim, você consegue, mulher, mulher porque eu*

*estava tão desmotivada, mulher, eu falei eu não vou fazer mais nada, eu vou voltar pra minha Bahia, vou ficar lá na escola de minha tia, vou continuar dando minhas aulinhas lá e meu reforço escolar, aí botei reforço escolar no começo do ano também né pra levantar um dinheirinho eu conheci Laura lá na escola, menina foi amor a primeira vista a gente, ela grandona brancona e eu pequenininha e preta pense/ Ditinha sorri/ totalmente diferente uma da outra, foi, mas aí, ela pegou e viu, assim, meu esforço que mesmo eu fazendo o magistério eu parei né no terceiro ano aí ela falou, não, voce tem que retornar, num primeiro momento a coordenadora me colocou vários empecilhos, **Laura me disse, mulher volte e faça sua faculdade, agora eu vou terminar o curso e começar em Janeiro, vou fazer Letras, mulher/ Ditinha se emociona***

**Brenda:** *eu estou muito feliz por você, Ditinha, parabéns*

**Ditinha:** *mulher eu não sei se faço psicopedagogia porque eu gosto muito, eu acho que eu tenho o dom desse negócio[...]*

(transcrição: entrevista Ditinha)

Ditinha nos diz sobre a importância das alianças que são construídas no espaço escolar, nos mostrando como parte do processo educativo o reconhecimento e acolhimento às diferenças. Segundo Paulo Freire (1964), confere ao papel do educador a busca pelo diálogo com o educando, no intuito de compreender a realidade de vida em que ele está inserido para, assim, promover os instrumentos que favoreçam o seu desenvolvimento. Laura, mulher branca, se permitiu ouvir e perceber os desafios enfrentados por sua aluna negra, oferecendo-lhe, deste modo, o apoio emocional para que Ditinha não abandonasse os estudos.

Numa perspectiva de mundo que vive, muitas vezes, a cultura do dominador, em que corpos se confrontam e são obrigados a ficar no lugar da diferença que desumaniza (HOOKS, 2020), a relação entre a professora e a estudante nos mostra como docentes brancos podem colaborar para uma prática pedagógica engajada. Embora a ação docente de professores brancos nem sempre possa garantir a consciência sobre seus privilégios e vantagens raciais (NASCIMENTO, 2020), trazer narrativas como esta, para o Ensino de Ciências, pode contribuir para que estes educadores desenvolvam uma postura crítica sobre sua própria branquitude e, assim, contribuir com práticas antirracistas na educação científica.

Como podemos ver, Ditinha sonha com o seu ingresso no ensino superior, desenha algumas possibilidades e se emociona ao falar de sua relação com a professora Laura. Para Ditinha, a escola e a educação ocupam um lugar relevante em sua trajetória de vida. Suas experiências com o magistério, a maternidade e o trabalho nos mostram como os espaços educativos foram importantes para que ela pudesse enfrentar os desafios de ser uma mulher

negra, mãe e da classe trabalhadora em uma sociedade racista e desigual. Sobre isso, ela nos diz:

***Ditinha:** eu acho que eu me identifiquei com a área da Educação porque ser professora, você não tem cor de pele, você pode ser negro, você pode ser ruivo, você pode ser loiro, você é um educador, eu custumo dizer que professor é a profissão que faz todos as profissões mais não é só isso, você é uma referência numa sala de aula, você é alguém, eu me sinto alguém quando entro em sala de aula*

***eu sou quem eu sou quando estou numa sala, numa sala de aula eu não sou só Ditinha, eu sou a educadora, eu sou alguém que meus alunos vão ter referência, então foi por isso também que eu nunca achei meu lugar nem no próprio estado né, no lugar que eu era pra ser acolhida***

*(transcrição: entrevista Ditinha)*

A história de vida de Ditinha nos interpela a construir uma sala de aula de Ciências que reconheça o papel dessas narrativas para o processo de ensino e aprendizagem. O sentimento de não pertencimento, os enfrentamentos às adversidades, os (des)encontros presentes na trajetória de Ditinha, nos revela como seu encontro com o espaço escolar, apesar dos desafios, vem sendo um lugar de empoderamento e fortalecimento da construção de sua identidade. Para ela, a chance de tornar-se professora e viver as práticas educacionais se apresenta como uma oportunidade dela se constituir enquanto sujeito. Alguém que tem voz e poder de enunciação e que pode, inclusive, inspirar outras pessoas.

A partir de agora, perceberemos como foi o encontro de Ditinha e das/os demais da turma com a Literatura de Conceição Evaristo. Notaremos como as narrativas sobre a vida de Ditinha e dos demais participantes emergem das oficinas, e como as escrituras acabam por potencializar o diálogo entre realidade e ficção, favorecendo, dessa forma, o pensamento crítico acerca dos temas relevantes para o Ensino de Ciências engajado no debate das relações étnico-raciais.

### **3.2 “A HISTÓRIA DE MULHERES REAIS”: dos encontros com a palavra insubmissa no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais**

*A noite não adormece  
nos olhos das mulheres,  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia*

*a nossa memória.*

(Conceição Evaristo, 2008)

A primeira oficina remota ministrada no Curso Normal foi a intitulada *Conceição Evaristo e suas escrituras: diálogos com o Ensino de Ciências a partir da Educação das Relações Étnico-Raciais*. A atividade ocorreu numa quinta-feira de manhã, do dia 7 de Outubro de 2021, e contou com o total de 23 participantes, incluindo as duas professoras regentes, a estudante Ditinha e as/os demais alunas/os do terceiro ano do Ensino Médio. Neste primeiro encontro, iremos perceber como nosso público reagiu ao conhecer a biografia de Conceição Evaristo e a leitura do conto *Olhos d'Água* (2014) da autora. Perceberemos alguns questionamentos e tentativas tímidas de aproximações por parte da turma. Ditinha, apesar de ter participado da oficina, procurou manter-se numa postura mais ‘observadora’ desse primeiro processo.

Além disso, devo dizer que foi a minha primeira experiência de realização de uma oficina em formato *online*, algo totalmente novo para mim e para a turma. Poder retornar à escola pública, através do ensino remoto, me trouxe muitas sensações. Diante do cenário fatídico da pandemia e da crise política que atravessava nosso país, me parecia urgente pensar a sala de aula enquanto lugar de reafirmação de sonhos e de esperança. Ainda sim, me preocupavam os desafios do ensino remoto e da impossibilidade de estar próxima fisicamente da escola. Mas como bem nos ensinou Paulo Freire (1967), nós somos seres de relações e não apenas de contatos, isto é, não estamos apenas *no* mundo, mas *com* ele. Esse estar no mundo resulta de uma abertura à realidade, compreendendo que existem muitas formas de se relacionar com o que está a nossa volta. Apesar dos desafios do distanciamento físico necessário, foi preciso reinventar a sala de aula, mergulhar na dura realidade e construir relações com o Curso Normal que pudessem nos fortalecer de algum modo.

Num primeiro momento da oficina, busquei me apresentar para as/os participantes do encontro. Com exceção da professora Isaltina e das estudantes negras que participavam do programa de iniciação científica do Ensino Médio, Ponciá e Adélia, eu não conhecia mais ninguém. Deste modo, busquei falar um pouco sobre minha trajetória de vida e o que me levou até o Curso Normal. Eu senti que esta abertura foi fundamental para que eu pudesse me relacionar de forma íntegra com as professoras e as/os estudantes. Já que as oficinas com as escrituras também tiveram por intuito dialogar com as histórias de vida presentes na sala

de aula. Aprendi com bell hooks (2020), que ao demonstrarmos a nossa disponibilidade em compartilhar histórias, expor nossas ideias e sentimentos, confirmamos a importância de verbalizar pensamentos, superando a vergonha e o medo. Eu sabia que o fato de eu falar sobre quem eu era, de onde eu vinha e o porquê de estar ali, poderia incentivar para que as/os estudantes e professoras pudessem se sentir confiantes em expor suas vulnerabilidades, dúvidas e opiniões ao longo das oficinas.

Quando comentei sobre o contexto da pesquisa, seus preceitos éticos e sua relação com as oficinas escritoras de Ciências, perguntei à turma quem ali conhecia a autora Conceição Evaristo e quem já tinha ouvido falar sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. No chat da plataforma, a Ponciá logo se manifestou alegando ter conhecimento de Conceição Evaristo. Nas palavras dela:

***Ponciá:** Conhecer a Conceição Evaristo, foi muito especial pra mim! Conhecer sua história e ver a forma como ela descrevia a história de mulheres reais através de sua história.*

(transcrição do chat: Ponciá, aluna do Curso Normal do Ensino Médio, 2021)

Pelo comentário da aluna Ponciá, é notável como a sua compreensão acerca da história de Conceição passa pelo reconhecimento do vínculo da autora com as histórias de outras mulheres, estas que, nas palavras da estudante, tratam-se de “mulheres reais”. Segundo Conceição Evaristo (2005), as representações de mulheres negras na literatura, de modo geral, ainda se apresentam de forma estereotipada. As escrituras de mulheres negras, nesse sentido, comprometem-se com a inscrição de imagens sobre vivências que são “reais”, pois estas também são responsáveis pela formação da cultura nacional (EVARISTO, 2005).

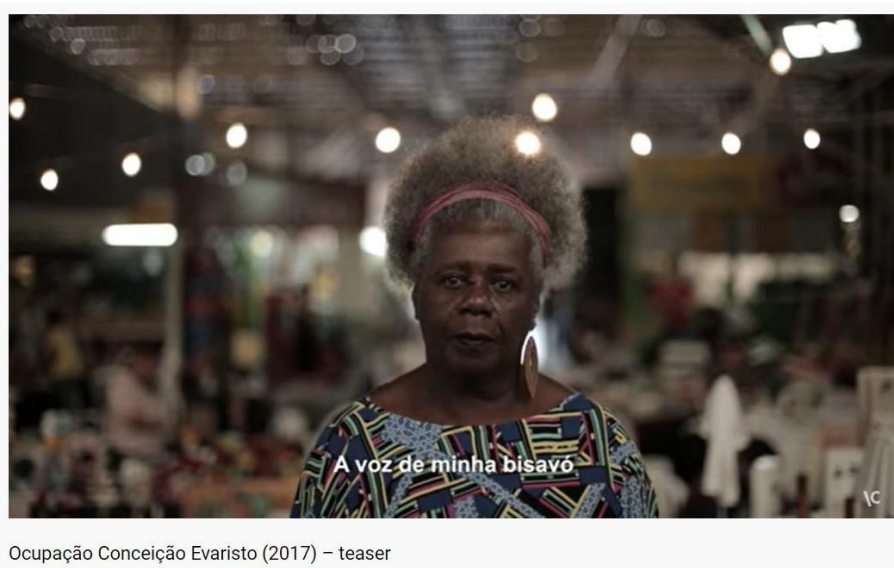
Assim, perguntei à aluna se ela gostaria de falar, um pouco mais, sobre a sua experiência com a turma. No entanto, a interação se limitou ao chat devido à sua conexão instável da internet. Além dela, ninguém mais se pronunciou. O silêncio da maioria sobre a pergunta sobre o conhecimento de Conceição e da Educação das Relações Étnico-Raciais, nos revela como o currículo escolar, na maioria das vezes, pouco tem dialogado com o legado intelectual de pessoas negras. De acordo com bell hooks (2020), a cultura do dominador ao transformar a educação em ferramenta de colonização em massa, contribuiu para que a sala de aula pudesse ser um lugar com sérias limitações. Esse processo acabou impactando, em grande parte, o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos que foram moldados pelo pensamento patriarcal e supremacista branco. Isso se reflete, por exemplo, no

desconhecimento que a maioria de nós tem sobre personalidades negras como Conceição Evaristo e acerca das contribuições do legado de luta dos movimentos sociais em prol da educação.

Compartilhei, então, com a turma, que essa realidade também foi vivenciada por mim durante a minha formação. Apesar disso, ter tido a oportunidade na faculdade de conhecer a trajetória da professora Conceição, ler suas escrituras e perceber suas potencialidades para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e para educação científica, foi algo bastante significativo para mim. Principalmente porque, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o sistema de ensino deve buscar incluir a bibliografia relativa à história e cultura africana e afro-brasileira, de forma a levar em consideração as relações étnico-raciais e os problemas oriundos do racismo e por outras formas de discriminação (BRASIL, 2004, p. 24).

Logo, ter acesso às narrativas de pessoas negras e suas produções intelectuais, nos traz a possibilidade de construir uma formação engajada no combate ao racismo e das demais formas de opressão presentes na sociedade. Assim, busquei apresentar a biografia de Conceição e explicar o conceito de *escrivência*, a partir do vídeo elaborado pela Ocupação Conceição Evaristo, promovido pelo Itaú Cultural, em que a autora recita o seu poema ‘Vozes-Mulheres’, do livro, *Poemas da Recordação e outros movimentos*, publicado pela Editora Malê em 2017 (**Figura2**).

**Figura 2** - Vídeo ‘Ocupação Conceição Evaristo’ (2017)





**Fonte:** Canal do Youtube Itaú Cultural<sup>8</sup>

No vídeo, observamos alguns elementos estéticos que fazem referência não só à biografia individual de Conceição Evaristo, mas também ao esforço em narrar toda uma coletividade em que sua existência se situa. As imagens do mar, da rua, de sua filha Ainá, dos artesanatos e do terço segurado por mãos negras, nos remete à poesia que emerge do cotidiano da vida de tantos afro-brasileiros e afro-brasileiras. No poema, a escritora resgata a trajetória de mulheres reais, como apontou a estudante Ponciá. “Vozes-Mulheres” (2008), que traz à tona a ancestralidade feminina de Conceição e sua continuidade, como notamos a seguir:

### **VOZES-MULHERES**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/5QBxp-MqF18>>. Acesso em: 07 out. 2021.

A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 O eco da vida-liberdade.

(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2008, p. 24-25)

Essa relação ancestral entre mulheres também é encontrada em outros textos da autora, como é o caso do conto “Olhos d’água” que dá o título à obra de Conceição Evaristo (2014). No conto, a autora retrata o vínculo entre mãe e filhas que, frente às desigualdades sociais, fruto de uma herança colonial, resiste, nos mostrando a beleza dos encontros entre gerações de uma família negra. A narradora personagem, ao buscar de forma incansável a cor dos olhos de sua mãe, se depara com memórias encharcadas de uma dura realidade a qual nenhuma mãe e sua criança deveriam experimentar. O contexto da fome, o desejo de uma infância livre e a busca por uma vida digna perpassam o enredo, como notamos a seguir:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, pp. 17-18).

Difícilmente, nas aulas de Ciências temos a oportunidade de refletir sobre histórias como esta apresentada por Conceição Evaristo. As histórias ‘reais’ de mulheres que vivem a maternidade, a partir da condição negra, nem sempre fazem parte da educação científica. O que poderíamos aprender com elas? O que essas histórias fazem emergir de nós? Essas questões me acompanharam durante minhas vivências nas oficinas. Ao apresentar a biografia

de Conceição e seu conceito de *escrevivência* para as turmas do Curso Normal, decidi fazer a leitura do conto ‘Olhos d’Água’, no intuito de problematizar as ausências dessas narrativas no currículo de Ciências.

Após ler o conto, pedi que a turma pudesse falar um pouco sobre suas impressões do texto. De forma imediata, uma outra estudante negra amiga de Ditinha, a Cidinha, um pouco mais velha, abriu seu microfone e perguntou sobre o pertencimento religioso de Conceição Evaristo. Segundo ela, era a primeira vez que ela ouvia falar sobre a escritora, e que a partir do texto, ela disse ter notado referências às religiões de matriz africana. Apesar da estudante reconhecer a importância da discussão do encontro, ela se autoafirmou enquanto evangélica e alegou que buscava respeitar outras religiosidades.

A autora bell hooks (2013) discorre sobre a importância da sala de aula em acolher as inquietações das (os) estudantes que são frutos das tensões causadas pelos sistemas de dominação baseados nas relações de gênero, raça, classe, orientação sexual, religião, dentre outros. A autora nos diz que, normalmente, somos levados a acreditar que o espaço educacional é voltado para o desenvolvimento da mente, excluindo dessa experiência, as dimensões políticas, sociais, espirituais e religiosas que, muitas vezes, nos atravessam. Em contextos formativos em Ciências, em que há uma supervalorização da racionalidade, essas discussões acabam, muitas vezes, não encontrando espaço na sala de aula.

O acolhimento ao questionamento de Cidinha e o reconhecimento de sua contribuição na oficina, nos levou ao debate sobre a importância do respeito à diversidade religiosa no ambiente escolar, além de enfatizar o nosso compromisso no combate ao racismo religioso que nos afeta de diferentes formas. Diante do questionamento da estudante, agradei sua participação e resaltei que ela tinha razão ao perceber os símbolos associados à cultura e a história de religiões de matriz africana. Dentre elas, estava a figura de *mamãe Oxum* presente não só no conto “Olhos d’Água”, como também em outros textos. Contudo, resaltei que as *escrevivências* buscavam retratar as diferentes dimensões que compõem as existências de pessoas negras, dentre elas, as diversas possibilidades de conceber a espiritualidade a partir das vivências de mulheres negras. Podíamos perceber que no conto, ora a narradora fazia menção à *mamãe Oxum*, ora clamava por *Santa Bárbara*. No chat, uma das estudantes, a Luamanda, comentou em relação à Conceição Evaristo que:

*Luamanda: ela relata as vivências de outras mulheres, ela vai falar de acordo com a cultura da mulher falada”*

(transcrição do chat: Luamanda, aluna do Curso Normal do Ensino Médio, 2021)

Nessa fala conseguimos perceber como Luamanda passa a relacionar a Literatura de Conceição Evaristo com vivências plurais de mulheres. Vivências que são atravessadas pelas questões espirituais, de gênero, raça, classe, como é o caso da personagem do conto Olhos d'Água. Através do debate sobre a importância da escola em acolher e valorizar a diversidade religiosa, foi possível comentar sobre como a Ciência, através de teorias racistas, no século XIX, acabou por contribuir, por exemplo, para a deslegitimação dos conhecimentos tradicionais oriundos das religiões de matriz africana. Tal fato acabou por corroborar no desenvolvimento do racismo religioso que se manifesta até os dias atuais através de concepções e práticas discriminatórias, inclusive, no âmbito escolar (NOGUEIRA, 2020). Importante ressaltar, nesse sentido, que a Educação das Relações Étnico-Raciais ressalta:

A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política (BRASIL, 2004, p.16).

O conto de Conceição, neste caso, acabou por disparar importantes temas para o debate, como é o caso da importância da valorização da diversidade religiosa para um Ensino de Ciências comprometido com a escola democrática. A educação científica, no exercício de uma pedagogia engajada com o bem-estar de todas as pessoas (HOOKS, 2013), não pode se eximir de reconhecer que pautas como estas são tão importantes como o ensino de determinado conteúdo científico.

O Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais, nesse sentido, deverá se engajar no combate de práticas discriminatórias, independente das crenças religiosas, posicionamentos políticos e pertencimento étnico-racial. Isso pode ser feito por meio de discussões como estas, provocadas pela leitura das escrituras, bem como em diálogo com os estudos de Verrangia (2010), Benite *et al* (2019) e Pinheiro (2018), em que os autores iluminam práticas de ensino e aprendizagem científica a partir dos saberes tradicionais das religiões de matriz africana.

Depois do debate na sala de aula, conversei com a turma sobre a riqueza de possibilidades de discussão que os textos de Conceição Evaristo poderiam nos proporcionar, inclusive acerca de temas relacionados à Ciência, Meio Ambiente, Saúde e Sociedade, por exemplo.

Como forma de encorajar a turma a vivenciar as oficinas, preparei para o encerramento do encontro, a apresentação de um vídeo contando a experiência da Literatura de Conceição Evaristo na Educação Básica (**Figura 3**).

**Figura 3-** Vídeo ‘Conceição Matéria – Ocupação Conceição Evaristo’ (2017)



**Fonte:** Canal do Youtube Itaú Cultural.<sup>9</sup>

Por meio deste vídeo, algumas estudantes e uma professora de uma escola pública do Rio de Janeiro relatam como foi conhecer as escrituras de Conceição na escola. De acordo com a professora Claudia Fabiana (2017), o trabalho com as escrituras na sala de aula têm provocado diferentes percepções sobre as histórias de vida das (os) estudantes. Através da literatura, as alunas negras têm se empoderado de sua negritude e compreendido, a partir da poética de Evaristo, os diversos significados sobre ser mulher negra em nossa sociedade. Ao concluir o vídeo, algumas estudantes do Curso Normal se manifestaram de forma positiva sobre o desenvolvimento do encontro. Uma das professoras regentes comentou que ficou emocionada ao ver as estudantes do Ensino Médio recitando os poemas de Conceição Evaristo. Além disso, a professora comentou que o texto da escritora fazia com

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://youtu.be/Tgsl6x6lh5c>. Acesso em Acesso em: 07 out. 2021.

que ela se lembrasse de episódios de sua vida e da importância de poder narrá-los dentro de uma experiência pedagógica.

Compreendendo, assim, que as experiências de vida fazem parte da proposta dialógica entre a Literatura de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências, pedi à turma que pudesse postar durante a semana no mural virtual, o “Padlet”, alguma fotografia, poema, música, vídeo, entre outros, que pudessem remeter à história de vida de cada pessoa. O intuito desse exercício era fazer com que pudéssemos nos conhecer um pouco mais, além de compartilhar nossas impressões acerca dos aprendizados fruto de nossas vivências.

De modo geral, o primeiro encontro superou as minhas expectativas. Embora os desafios do ensino remoto acabaram impactando a forma como estabelecemos nossos contatos, a nova realidade tem exigido de nós a criatividade para se reinventar a sala de aula. As escrevivências, nesse sentido, nos apontam alguns caminhos no Ensino de Ciências. A abordagem dos conhecimentos científicos a partir da Literatura de Conceição Evaristo tem se configurado enquanto mudança epistemológica e política na educação científica. Dentro desse escopo, podemos destacar as discussões acerca das experiências de vida; a relação com a cultura e seus impactos nas construções identitárias.

Levando isso em conta, retomemos os ensinamos de Paulo Freire (2011) no que diz respeito à construção da boniteza do mundo. Isso tem a ver, de acordo com o autor, com a importância de uma educação estética que incentive o desenvolvimento da consciência de estar no mundo e com o mundo. Dessa maneira, numa busca constante em nos percebermos como seres históricos e, portanto, capazes de transformar a nossa realidade. As escrevivências de Conceição Evaristo e o Ensino de Ciências, dessa forma, têm contribuído para que a reflexão sobre si possa ser desenvolvida de forma dialógica com as experiências negras. Isso tem trazido à tona importantes debates que tensionam não só os sistemas de dominação, mas que colocam em evidência o papel dos conhecimentos científicos para a formação humana.

Com relação a isso, bell hooks (2013), ao pensar o conceito de pedagogia engajada, destaca que o compartilhamento de experiências pode contribuir para a compreensão de si, do outro e dos conteúdos abordados na sala de aula. A interface entre Literatura e Ensino de Ciências encontra nas escrevivências de Conceição Evaristo possibilidades de se pensar as relações étnico-raciais alinhadas às nossas vivências. Os conhecimentos que emergem das escrevivências e das histórias de vida, nesse sentido, nos levam a refletir o que significa estar no mundo e com o mundo, bem como da importância da cultura afro-brasileira para a construção de nossas identidades.

As interlocuções, fruto da interface entre a Literatura e o Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais, portanto, nos direcionam para ampliação dos horizontes político, epistemológico e estético das práticas pedagógicas. Em outros termos, isso quer dizer que, quando partimos dos textos literários de Conceição para discutir as relações étnico-raciais no Ensino de Ciências, o processo educativo incorpora em sua prática a reivindicação de discussões sobre temas que compõem as experiências subalternas, como foi o caso da reflexão sobre questões religiosas em sala de aula, o racismo religioso e o papel da escola no combate das discriminações.

Esta também pode ser uma forma de construir, a partir da sala de aula, as múltiplas formas de ler o mundo, habitar o espaço e construir relações positivas acerca das diferenças. Portanto, ao levarmos em conta as considerações apontadas, espero aprofundar um pouco mais a relação entre Literatura e o Ensino de Ciências para o debate das relações étnico-raciais em temáticas relacionadas ao meio ambiente e sociedade. No segundo encontro, iremos notar como a turma reagiu à atividade proposta no “Padlet”, e como a leitura do texto literário de Conceição sobre o nascimento de sua palavra nos convoca a narrar e refletir as experiências de vida acerca das problemáticas socioambientais enfrentadas no mundo atual.

### **3.3 “ESSA MULHER, CONCEIÇÃO EVARISTO, MOSTRA PRA GENTE A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO!”: o direito à literatura negra nas discussões sobre meio ambiente e sociedade no Ensino de Ciências**

*Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler.  
A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre.  
O livro enriquece o espírito.*

(Carolina Maria de Jesus, 1986)

Para bell hooks (2021), o pensamento crítico se trata de um processo interativo, que requer a participação de todas as pessoas envolvidas no contexto educativo. Professores e estudantes são motivados a viver experiências pedagógicas que valorizam o discernimento nas construções coletivas de ensino e aprendizagem. Segundo a autora, isto é fundamental no desenvolvimento da compreensão da complexidade da realidade em que estamos inseridos.

Paulo Freire (1967), em suas experiências com um programa de alfabetização em círculos de cultura, nos mostrou como o acesso à leitura e à escrita, por exemplo, fazem parte de uma educação engajada com o pensamento crítico. O educador brasileiro, em suas vivências com operários e camponeses, percebeu que o exercício da leitura aliado às discussões e análises da realidade vivenciadas pelos grupos sociais oprimidos, culminavam, muitas vezes, na ampliação do papel desses sujeitos na condução de suas próprias vidas (FREIRE, 1967).

Sendo o acesso à literatura um direito e bem imaterial necessário ao desenvolvimento humano (CANDIDO, 2011), as escrevivências no Ensino de Ciências me provocaram à reflexão sobre o direito à literária de mulheres negras, como Conceição Evaristo, nas discussões sobre meio ambiente e sociedade. Tomarei como ponto de partida para essa análise, a experiência vivenciada com o Curso Normal em nosso segundo encontro. A oficina, *Pensando o meio ambiente e sociedade a partir das escrevivências*, ocorreu no dia 6 de Outubro de 2021 em que participaram 23 estudantes, incluindo Ditinha e as duas professoras responsáveis pela turma.

No começo da oficina, retomei alguns pontos do encontro passado, com o intuito de relembrar a importância de Conceição Evaristo e das escrevivências para se pensar a Ciência e seus processos educativos engajados com o debate das relações étnico-raciais. Inspiradas/os pela biografia de Conceição Evaristo e seu conceito de escrevivências, combinamos de compartilhar um poema, fotografia, vídeo, textos etc., que remetesse às nossas trajetórias de vida. Esse exercício foi pensado para que pudéssemos nos conhecer e refletir sobre a importância de nossas narrativas nos contextos formativos.

No mural, boa parte das estudantes e das professoras colocaram fotografias que remetiam às histórias familiares, de bairro ou até mesmo escolar. Me chamou atenção o fato de que a maioria das fotos traziam consigo a imagem de outras mulheres. Grande parte das estudantes e professoras, em suas apresentações individuais, acabou por prestar homenagem às suas mães, irmãs, professoras, entre outras. O ‘falar de si’, mais do que trazer à tona os elementos da própria biografia, se apresentou como um caminho de narrar uma coletividade presente nas histórias de vida das/os participantes da oficina.

A estudante Custódia, filha de um casamento inter-racial, optou por colocar citações e música de autoria negra como Nelson Mandela, Bob Marley e Sandra de Sá. Segundo ela, conhecer sobre a vida de Conceição Evaristo e suas escrevivências fizeram com que a estudante pudesse refletir sobre sua ancestralidade negra. Comentou que a música ‘Olhos



Coloridos’, de Sandra de Sá, fez com ela se lembrasse de sua mãe, uma mulher preta que lutou a vida toda para garantir os estudos de Custódia e seus irmãos.

Ponciá escolheu postar no mural uma fotografia com a sua professora do Ensino Fundamental. Assim como Ditinha, a estudante traz à tona o valor das relações que são construídas a partir da escola no incentivo pela busca de *ser mais no mundo*. Na legenda de sua foto, ela nos diz o seguinte:

***Ponciá:*** *Essa mulher é a razão de tudo! Ela é minha grande incentivadora. A professora que eu sempre digo que marcou a minha vida!!*

(transcrição da legenda da foto postada no “Padlet” , pela Ponciá, estudante do Curso Normal)

De acordo com Paulo Freire (2011), o respeito mútuo entre o discente e docente cultivado em suas relações, pode culminar em práticas favoráveis para ser mais no mundo e com o mundo. Podemos visualizar isso a partir do relato de Ponciá. Para a aluna, essa professora foi muito importante em sua formação, principalmente, nos primeiros anos na escola. Ponciá relatou que vivenciou muitos desafios na escola por ser uma criança negra. Com entusiasmo, a estudante nos disse que o cuidado e incentivo prestado pela sua professora, durante a sua infância, inspirou ela a seguir a carreira docente e trabalhar com a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

As professoras e outras duas estudantes apresentaram à turma fotografias familiares. A Prof<sup>a</sup>. Laura postou uma foto de sua mãe, alegando que ela foi responsável por sempre motivá-la durante a vida. Eu também apresentei uma fotografia de minha mãe Maria e de minha família, pois já havia dito à turma, em minha apresentação pessoal, sobre como as escrevivências me ajudaram a compreender a importância da história de nossa ancestralidade. Com emoção nos olhos e nas palavras, a Prof<sup>a</sup>. Mary Benedita homenageou suas irmãs, destacando a importância que elas possuem em sua história, como ela aponta:

***Prof<sup>a</sup>. Mary Benedito:*** *Essa foto minha com minhas irmãs me representa bem, pois sou muito ligada à minha família e sempre que posso vou para pertinho delas!*

(transcrição da legenda da foto postada no “Padlet” , pela Prof<sup>a</sup>. Mary Benedito do Curso Normal)

A estudante Juventina afirmou que sua família ocupa um lugar especial em sua trajetória, principalmente suas irmãs que, apesar de serem mais novas, também são suas melhores amigas. A aluna Pérola, escolheu expor uma foto de sua infância na comunidade onde morava com sua família, de acordo com Pérola:

***Pérola:** Essa foto me representa muito, junto com meus primos e amigos, amava está perto deles quando criança.*

(transcrição da legenda da foto postada no “Padlet” , pela Pérola, estudante do Curso Normal)

A fotografia dela, dos primos e dos amigos, em um campinho de futebol de terra batida, nos revela as alegrias presentes na infância de crianças negras periféricas. Pérola nos contou, rindo, que uma das melhores lembranças de sua vida diz respeito às brincadeiras que ela, seus primos e amigos vivenciaram onde ela morava. Outras/os estudantes procuraram expor frases motivacionais que traziam a ideia de dedicação, persistência e o valor dos sonhos, como foi o caso de Cidinha, Adélia, entre outras. Ditinha não contribuiu com essa atividade pois, segundo ela, teve dificuldades em trabalhar com a plataforma.

Decidi, então, criar um grupo de *WhatsApp*, onde fiquei responsável por sanar dúvidas, compartilhar o material das oficinas e prestar assistência no uso do “Padlet” . Comecei a perceber que apresentar a Conceição e falar sobre as escrituras contribuiu para que o Ensino de Ciências provocasse uma experiência favorável à narração de histórias de vida de estudantes e professoras do Curso Normal. Sendo essas histórias reflexos de uma narrativa coletiva sobre os mundos da vida. A valorização do papel das mulheres e da comunidade, presentes nos trechos, nos mostra a relevância da construção de propostas em que estudantes e professores possam se reconhecer como parte da experiência educativa. Para bell hooks (2013), a pedagogia engajada proporciona o engajamento mútuo entre docentes e discentes, promovendo uma busca pela experiência educativa acessível a todas as pessoas. Nesse sentido, se sentir representado, também é uma forma de se sentir pertencente à sala de aula e na construção dos aprendizados dela.

Posteriormente a este momento, recorri à apresentação de *powerpoint* para projetar alguns slides para apresentar à turma as etapas da oficina. No primeiro momento, perguntei para as (os) estudantes e as professoras o que elas entendiam por meio ambiente, no intuito de tentar perceber as concepções que a turma tinha acerca do tema. Algumas estudantes comentaram que se tratava da natureza, outras falaram que se tratava do lugar onde vivíamos, da poluição, dos espaços a nossa volta etc. Falei com a turma que os comentários acerca do

que seria o meio ambiente tinham a ver com as discussões que seriam tecidas. No entanto, nesta oficina, buscamos fazer um exercício diferente do que costumamos realizar nas aulas de Ciências. Comentei que nós iríamos, a partir do texto de Conceição, observar como se dava a experiência da autora com o meio ambiente, e a partir de nossas inquietações iríamos discutir sobre alguns pontos acerca da relação meio ambiente e sociedade.

Realizamos, então, a leitura coletiva do depoimento “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, de Conceição Evaristo (2005), em que foi possível problematizar a importância de narrativas de vida para as discussões sobre meio ambiente e sociedade. O texto foi lido pelas vozes de Ditinha, Cidinha, Pérola e Prof<sup>a</sup>. Mary Benedito. Após a leitura, trocamos algumas impressões e nos voltamos para a reflexão sobre o meio ambiente a partir das experiências subalternas.

Neste depoimento belíssimo, a autora compõe um tecer de palavras e sentimentos sobre algumas lembranças de sua vida na antiga favela de Pindura Saia, em Belo Horizonte. Ao recorrer às teias de sua memória, Conceição nos situa sobre o nascimento de sua palavra. Palavra esta que não só nasce em suas obras literárias e de seus escritos teóricos, mas sim de seu vínculo ancestral e materno. Da grafia-desenho de sua mãe, a autora nos leva para um dos lugares de nascimento de sua escrita, como aponta o seguinte trecho:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente às suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol (EVARISTO, 2005).

Nessa parte do depoimento, é interessante perceber que o primeiro sinal gráfico entendido como escrita, para a autora, parte do gesto ancestral de sua mãe ao desenhar o sol na terra. Esse nascimento de uma escrita corporificada não nega a presença dos elementos da natureza que compõem a experiência da palavra. Pelo contrário, é a partir dessa experiência

que somos convidadas a pensar em outras perspectivas de relações humanas com o mundo do qual fazemos parte.

Para Maria Nazareth Soares Fonseca (2020), a Literatura de Conceição Evaristo estabelece uma relação íntima entre a escrita e a intencionalidade de se retratar o que é vivenciado por negras e negros ao longo da história brasileira. Para tal, a escritora recorre não só às lembranças familiares, como também constrói uma experiência estética literária profundamente ancorada na oralidade, no resgate ancestral de gestos, falas e conhecimentos partilhados por povos afro-brasileiros. Dentre esses conhecimentos, é notória a presença dos saberes da natureza que compõem as dimensões existenciais das vidas negras. No trecho a seguir, podemos notar um cenário marcado pelas desigualdades, em que a mãe de Conceição tece uma relação profunda com os elementos da natureza à sua volta.

Fazia-se a estrela no chão.

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO, 2005).

Ao exercer o trabalho de lavadeira, a mãe de Conceição sabe que seu sustento também depende dos recursos naturais, como por exemplo, a água para lavar as roupas das patroas, o Sol e o vento para secá-las. Diante do olhar das filhas, a mãe de Conceição Evaristo ritualiza sua intenção ao desenhar na terra o sol, pois naquele momento, é dele que ela precisa para dar continuidade ao seu trabalho, para obter o alimento para a sua família. Seu corpo rente ao chão se movimenta por inteiro num gesto solene de pertencimento e interação com o meio ambiente. Sua mãe não só escreve o Sol, como o chama, o convoca frente ao seu desespero. A figura materna transforma graveto em lápis, o chão lamacento em página e, assim, materializa o Sol que tanto deseja. É a partir dessa imagem, que Conceição descobre a função, a urgência,

a dor e a esperança da escrita, esta que não nasce de ambientes letrados, mas sim do cotidiano da vida, como ela mesma nos diz:

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu menina testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando.

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sóis riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina (EVARISTO, 2005).

A professora Mary Benedito, tocada pela leitura do depoimento, nos fala que a relação de Conceição com a mãe fez com que ela pudesse se lembrar dos desafios que sua mãe enfrentou para exercer a função de lavadeira. Além disso, ela pontuou como as relações desiguais entre as famílias ricas e pobres são evidentes no texto da escritora, como podemos observar no trecho a seguir.

**Mary Benedito:** *muito bonito e muito forte esse texto da Conceição, lembrei muito de minha mãe que também foi lavadeira (...)*

*acho que naquela época, eu não tinha tanta noção de como era uma vida tão difícil, ela também dependia do sol e do trabalho para levar um dinheirinho pra dentro de casa...*

*(...) fiquei horrorizada na hora que a Conceição Evaristo falou da lavagem dos panos cheios de sangue das mulheres ricas, achei um absurdo isso*

(transcrição da fala de Mary Benedito, professora do Curso Normal)

Após o comentário de Mary Benedito, a professora Laura disse que a realidade vivenciada por Conceição Evaristo é muito atual aos estudantes das escolas públicas. Durante suas atividades na pandemia, ela percebeu que alguns de seus alunos, a maioria sendo crianças negras, realizavam as suas atividades em folhas improvisadas de papel de pão, assim como Conceição durante sua infância. Para ela, isso demonstra as desigualdades presentes no meio ambiente em que os alunos estavam inseridos.

**Profª. Laura:** *o que é retratado no texto é muito atual, nesse tempo de pandemia eu tenho recebido atividades dos meus alunos em papel de pão, a maioria são crianças negras, pra voces verem como é essa relação com o meio ambiente*

(transcrição da fala de Profª Laura do Curso Normal)

Ditinha disse que o texto de Conceição Evaristo não a surpreendia. Pelo fato de também ser mulher negra, a estudante encontrava, no depoimento da escritora, algumas vivências que lhe eram familiares. Dentre elas, o fato de que as mulheres de sua família também trabalharam por muito tempo como lavadeiras na região do Nordeste. Além disso, a estudante acabou por relatar um episódio vivenciado em seu local de trabalho. De acordo com Ditinha, durante o processo de avaliação de seu trabalho, enquanto funcionária de um supermercado, ela acabou por receber uma nota inferior ao que ela julgava ter merecido. Ao se lembrar do ocorrido, a estudante narra emocionada o que lhe aconteceu:

**Ditinha:** *(...) A gente sabe como é, mas eu estou lá de forma temporária porque meu propósito de vida não é ficar lá, essa mulher Conceição Evaristo mostra pra gente a importância do estudo*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

Em relação aos comentários das professoras e da estudante, podemos notar que a leitura do depoimento de Conceição Evaristo, mais uma vez, provocou algumas percepções interessantes para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. Uma delas é o fato das professoras se atentarem para as disparidades sociais entre diferentes grupos, levando em consideração a atualidade do debate étnico-racial, de gênero, entre outros, no âmbito das discussões sobre meio ambiente e sociedade.

Outro fator relevante diz respeito como a sala de aula pode ser lugar de acolhimento e reflexão sobre as experiências de vida subalternas. O desabafo de Ditinha, em forma de denúncia, nos faz pensar nas potencialidades da interface entre Literatura e Ensino de Ciências na construção de espaços capazes de problematizar as opressões, na medida em que busca promover experiências educacionais comprometidas com a autonomia e integridade das pessoas que se encontram em condição de subalternidade.

Segundo Paulo Freire (1967), a expressão artística na prática escolar é tão essencial quanto saber matemática para a vida. Quando a escola reitera isso aos educandos, o processo educacional passa a respeitar a expressividade criadora de cada pessoa. Através da arte podemos desenvolver a percepção e a imaginação como forma de apreender a realidade do meio ambiente. Podemos, ainda, fomentar a capacidade crítica acerca daquilo que vivenciamos enquanto parte da sociedade. A arte na prática escolar, nesse sentido, acaba por contribuir em processos pedagógicos empenhados no desenvolvimento de experiências afetivas e (auto) reflexivas. E esta pesquisa, em diálogo com a arte literária, vem enfatizando isso a nós.

O reconhecimento da importância do estudo pela Ditinha, nos convida à reflexão sobre como o acesso à literatura de mulheres negras, como Conceição Evaristo, pode provocar experiências formativas voltadas para a superação da condição de subalternidade. Primeiro porque o texto literário problematiza a realidade, possibilitando a narração da vida a partir da perspectiva de pessoas oprimidas pelos sistemas de dominação. Segundo, porque a literatura nos motiva na criação de outras realidades, em que é possível sonhar com outras possibilidades de vida (CANDIDO, 2011). Portanto, o Ensino de Ciências não tem como negar a responsabilidade de sua atuação, diante de realidades de mulheres como Ditinha, Conceição Evaristo, a mãe da professora Mary Bedito, os estudantes negros da professora Laura, e tantos outros que se encontram à margem da sociedade.

Levando em conta este cenário, no segundo momento da oficina, após as discussões sobre as impressões do texto, busquei aprofundar o entendimento sobre o conceito de meio ambiente e suas implicações no meio social. Apresentei à turma as ideias de Antônio Bispo dos Santos (2015), em que o autor nos fala que, para muitas comunidades descendentes de povos africanos e indígenas, a relação com o meio ambiente não se desenvolve a partir da dominação do ser humano sobre a natureza. O que é bastante comum na história do sujeito ocidental moderno, em que há a separação do que se entende por ser humano e do ambiente no qual ele vive. Contudo, para muitas vidas afro-brasileiras, como foi mostrado no

depoimento de Conceição, não há uma separação entre ser humano e o meio ambiente. Pelo contrário, o vínculo com o meio ambiente se configura de forma relacional e interativa às dimensões religiosas, afetivas, históricas, políticas e existenciais.

Comentei também que em algumas tradições africanas, como é o caso dos diversos grupos étnicos que compõem os povos Bantos, e povos indígenas brasileiros como os Krenak, o meio ambiente é compreendido como lugar constituído pela fauna, flora, pelos fenômenos naturais e objetos sem vida biológica. É o lugar onde o ser humano habita e se faz habitado. É a partir do meio ambiente que o ser humano extrai os meios para sua existência e de sua comunidade e, dependendo de suas necessidades, também pode estabelecer relações místicas por meio de ritos e rituais. É dentro dessa concepção que a experiência humana se apresenta como uma forma de colaboração com a natureza, pois se entende que o ser humano constitui uma unidade parte de todo (DOMINGOS, 2011). Como disse o escritor indígena Ailton Krenak em uma entrevista ao Portal Estado de Minas (2020):

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020).

No chat, as estudantes Constância e Eleonora fizeram o seguinte comentário sobre a relação entre meio ambiente e sociedade:

*Constância: professora infelizmente o homem quer dominar as forças da natureza mas tem que aprender que se continuar assim não vai sobrar nada!! Ontem na tv passou uma reportagem da luta dos povos indígenas lá em Brasília*

*Eleonora: pois e aqui em (...) o meio ambiente esta ficando mais danificado cada dia que passa por causa da falta de cuidado com a natureza*

(transcrição do comentário no Chat de Constância e Eleonora, alunas do Curso Normal)

Constância se referia às manifestações que estavam acontecendo na época contra o Marco Temporal Indígena, uma tese que fere o direito dos povos indígenas no acesso aos seus territórios de origem (BORJA, 2021). Essa foi uma oportunidade para comentar como os povos indígenas e quilombolas, ainda hoje, lutam pela demarcação de suas terras (SANTOS *et. al*, 2021). E como a exploração inapropriada do meio ambiente pelas grandes empresas e



negócios, como é o caso do garimpo ilegal, o agronegócio, entre outros, acabam impactando a vida de muita gente que mora na cidade e no campo.

Aproveitei o comentário de Eleonora para trazer à tona o contexto sócio-histórico da cidade em que a escola está inserida na Região Norte Fluminense. Sabemos que a exploração petrolífera na Bacia de Campos, nas últimas três décadas, impactou significativamente os ecossistemas costeiros. Esses lugares são responsáveis pela reprodução social e econômica dos pescadores artesanais do município. A comunidade pesqueira da região tem sido uma das principais atingidas pelo modo como a cidade se estruturou a partir do mercado do petróleo. Problemas como o crescimento urbano desordenado, a falta de investimento em serviços públicos como o saneamento básico, assim como a degradação do rio Macaé e dos manguezais, acabam por prejudicar diretamente as pessoas que dependem da pesca (ROCHA, 2013).

Ressaltei, ainda, que a Constituição de 1988, em seu artigo 225, afirma que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988). Nesse sentido, busquei problematizar que, apesar de todas as pessoas terem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado para se viver com qualidade de vida, nem sempre isso é palpável para as mulheres, para as comunidades negras, indígenas e demais populações marginalizadas.

Segundo Paulo Freire (1964), a educação como prática da liberdade busca construir experiências em que os sujeitos possam situar-se no tempo e na história, reconhecendo-se como parte dessa construção. A arte literária na educação científica nos mostra um caminho potente para isso. O diálogo com o texto literário de Conceição, nesse contexto, promoveu reflexões sobre o meio ambiente que contempla diversas realidades subalternas, como é o caso dos povos africanos, indígenas, afro-brasileiros e populações locais da Região Norte Fluminense.

O documento, *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006), discute o papel dos conhecimentos das Ciências da Natureza diante de uma sociedade desigual, onde sugere que:

o saber científico aliado ao fazer pedagógico pode valorizar bastante a fomentação de uma problematização das práticas sociais para a sensibilização de um olhar mais crítico diante da realidade, apontando uma proposta que

redefina prioridades e utilize a contribuição de todos os povos no desenvolvimento curricular (BRASIL, 2006, p.73).

O texto literário de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências inspira um fazer pedagógico que problematiza as práticas sociais, na medida em que sensibiliza estudantes e professores a desenvolver o pensamento crítico sobre a realidade. No depoimento da autora, a sua mãe, na condição de lavadeira, recorre à sabedoria ancestral como meio de enfrentamento às desigualdades presentes no meio ambiente. Sabedoria essa fruto da nossa herança cultural africana e afro-brasileira e que pode nos inspirar na construção de uma educação científica engajada. O vínculo da mãe de Conceição com os elementos da natureza, nos convida a uma experiência estética literária que nasce dos espaços cotidianos partilhados por ela e sua comunidade. Nesses espaços, se encontram as domésticas, os operários, as lavadeiras, as crianças; autores e autoras de histórias de vida que são capazes de nos provocar a pensar criticamente as discussões sobre meio ambiente e sociedade no Ensino de Ciências.

O meio ambiente, para muitas pessoas, pode ser um lugar de cuidado, de convivência, em que é possível habitar, viver, trabalhar, amar e construir biografias (RODRIGUES, 2015). Porém, isso não quer dizer que não se tenha a presença de tensões e conflitos socioambientais, fruto da ordem econômica global, estas também fazem parte da construção da identidade individual e coletiva dos grupos sociais. É a partir da relação com a natureza, que o conjunto de valores, conhecimentos, costumes, entre outros, de determinados grupos étnico-raciais são transmitidos de geração em geração. Por isso que falar em meio ambiente, na sala de aula, mais do que falar das interações físicas, biológicas e químicas da vida, também significa falar em cultura.

Inspirada nessa discussão e na leitura do depoimento de Conceição, apresentei à turma o vídeo sobre a produção cultural do coral *Lavadeiras de Almenara*. Um grupo que, desde 1991, vem interpretando canções sobre as vivências de mulheres que lavam roupas nas margens do Rio Jequitinhonha, em Minas Gerais (**Figura 4**). O vídeo apresenta as narrativas de resistências de lavadeiras que através da música contam a suas histórias.

**Figura 4** - Vídeo ‘Som da Rua – Coral das lavadeiras’ (2013)



**Fonte:** Canal do Youtube TvZERO<sup>10</sup>

O momento da apresentação do vídeo foi de muita alegria por parte das estudantes e professoras. Após a conclusão do vídeo, Ditinha, com alegria, fala sobre as sensações e reflexões provocadas na oficina:

***Ditinha:** mulher, que coisa linda esse vídeo, eu passei a manhã todinha lembrando das minhas tias em Salvador, elas são lavadeiras que nem a mãe de Conceição Evaristo (...)*

*(...) é importante ler Conceição Evaristo pra abrir a mente, os jovens tão precisano disso demais hoje em dia.*

*a vida é muito complicada pra gente que é preto, mas no fundo eu tenho orgulho da minha cor e das minhas raízes*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

<sup>10</sup> Disponível em <https://youtu.be/SvaBe6SgYPQ>. Acesso em 06 de Out. 2021

O exercício do pensamento crítico, para bell hooks (2020), só se torna possível quando somos capazes de abrir a mente e o coração. O acesso à leitura do texto literário de Conceição no Ensino de Ciências promoveu uma experiência formativa em que estudantes como a Ditinha, por exemplo, pudessem se identificar com a história, refletir sobre a própria vida e orgulhar-se de sua existência e ancestralidade negra.

Como proposta de encaminhamento para o final da atividade, combinamos de levar na terceira oficina, algum registro de experiência que pudesse expressar a nossa relação com o meio ambiente. Esse exercício teve por objetivo fomentar o exercício reflexivo e crítico das temáticas socioambientais em diálogo com as experiências de vida das/os participantes do encontro formativo. Para fechar a oficina, apresentei para a turma uma citação de Paulo Freire que nos provoca a pensar sobre o papel do ensino nas discussões sobre meio ambiente e sociedade:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1996, p.17)

Debater sobre meio ambiente e sociedade, a partir do ensino, envolve o compromisso de colocar em evidência as práticas pedagógicas engajadas com a promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais. O Ensino de Ciências, partindo desse contexto, colabora na construção de outros horizontes de aprendizagem. Justamente porque encontra no acesso às narrativas subalternas, por meio da arte literária e pelas histórias de vida, a possibilidade de refletir as categorias e as intersecções entre gênero, raça e classe na produção de subjetividades que são diretamente impactadas com as relações socioambientais. O resgate dos conhecimentos ancestrais e das experiências de vida sobre a natureza, apontam a potência do diálogo interdisciplinar entre a educação científica e a Literatura de Conceição Evaristo. Esse movimento pode impactar de forma positiva no fortalecimento da construção identitária das populações subalternas, uma vez que temos a chance de pensar nossas histórias de vida alinhadas à história do lugar do qual fazemos parte.

Freire (1964) pontua que, historicamente, os grupos subalternizados foram apartados do direito à leitura e à escrita, assim como de poderem protagonizar a inscrição de suas

próprias narrativas. Dessa maneira, promover uma educação científica que possibilite a narração de histórias de vida subalternas, é uma experiência necessária na construção positiva das identidades, uma vez que possibilita o exercício do pensamento crítico a partir da valorização do lugar de fala dessas experiências. A partir deste lugar de enunciação, os corpos subalternizados reivindicam a sua existência, produzindo discursos e perspectivas outras sobre o mundo, como nos aponta a filósofa Djamila Ribeiro (2017).

O acesso à Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, nesse sentido, provoca uma educação dos sentidos, dos afetos, das inquietações e, sobretudo, dos sonhos por realidades mais bonitas. E como o belo é de pertença de todos (EVARISTO, 2017), a educação científica pode proporcionar experiências formativas em que o acesso ao direito à literatura feminina e negra possa ser garantido. A estética e a ética, fruto das experiências negras, têm nos apontado alguns caminhos que, sem dúvidas, passam pela (re)invenção criativa de práticas educativas que possam ser sensíveis à realidade social e histórica brasileira, assim como os seus atravessamentos nas histórias de vida que estão presentes na sala de aula. Portanto, no próximo tópico, iremos nos aprofundar no papel da leitura das escrituras no Ensino de Ciências, e seus impactos no desenvolvimento de discursos engajados que inspirem uma educação como prática da liberdade.

### **3.4 “EU QUERO QUE NA NOSSA SENZALA E NA NOSSA FAVELA A GENTE TENHA RESPEITO”: o papel da leitura das escrituras na criação de uma sala de Ciências engajada na construção da justiça ambiental**

*A nossa escritura não pode ser lida como histórias  
para “ninar os da casa-grande”,  
e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.  
(Conceição Evaristo, 2005)*

bell hooks (2020), o exercício da leitura literária consiste em uma prática poderosa para um ensino engajado no desmantelamento dos sistemas de dominação. Segundo a autora, a literatura de mulheres negras, na sala de aula, possibilita que muitos estudantes possam ler histórias que tornem público o discurso sobre suas dores silenciadas. Isso colabora para que

peessoas em situação de subalternidade possam refletir e analisar criticamente suas histórias, dessa maneira, passando a empoderar-se delas.

Gostaria de aprofundar a reflexão sobre o papel da leitura das escrevivências nas oficinas. Partirei da análise da vivência com o Curso Normal na terceira oficina, *O racismo ambiental em Becos da Memória: a curiosidade de Maria-Nova e sua importância para o Ensino de Ciências*, para trazer à tona essa discussão. Neste encontro estiveram presentes 20 estudantes e as duas professoras responsáveis pela turma.

Na primeira etapa da oficina, realizamos o compartilhamento dos registros sobre a nossa relação com o meio ambiente, no intuito de relembrar o encontro da segunda oficina. No “Padlet”, as estudantes e professoras postaram fotografias, músicas e trechos de textos que se referiam às suas vivências e pensamentos que emergiram da nossa proposta de atividade. Inspirada na leitura do depoimento de Conceição, essa proposta teve por objetivo refletirmos sobre como nossas histórias de vida dialogam com as discussões socioambientais.

Ditinha pediu para ser a primeira a apresentar sua fotografia. No “Padlet”, ela colocou um registro de uma paisagem de sua cidade natal. O pôr do sol, os barquinhos no mar e o cenário de uma comunidade próxima, são retratados em sua foto. Com saudade e sensibilidade crítica, a estudante narrou sua relação com a história daquele lugar:

***Ditinha:** (...) essa é uma foto da minha cidade, ô mulher, me dá uma saudade, lá é muito bonito, mas assim, tem muitas desigualdades, porque assim, do lado tem um bairro de bacana né, e como vocês consegue ver, tem a parte dos pobres, eu vim de lá.*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

De acordo com a estudante, o registro foi da última vez em que ela esteve em sua cidade. A leitura da imagem realizada por Ditinha mostra suas percepções sobre o meio ambiente em que ela estava inserida. Apesar de enxergar a beleza da natureza, Ditinha destaca ser um lugar desigual. Verbaliza sua saudade e afirma a sua origem. Sobre os encontros das oficinas, ela diz:

***Ditinha:** esses encontros têm sido muito bom, mulher, a gente não aprende só a natureza, e para além disso, são coisas que vai ajudar a gente na vida*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

A leitura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências tem a ver com a possibilidade de não só pensar diferentes perspectivas sobre os conteúdos, como também contribui para que possamos pensar a própria condição de existência, como nos mostra Ditinha. Paulo Freire (2003), nos afirma ser o exercício da leitura algo fundamental a uma educação como prática da liberdade, pois o ato de ler colabora na nossa formação enquanto sujeito no mundo. Ao ler expandimos os nossos pensamentos e a forma como interpretamos o mundo a partir de nossas experiências de vida (FREIRE, 1989).

A professora Laura postou uma foto de uma árvore. Ela nos contou, com a voz embargada, que começou a dar aulas com 16 anos para ajudar nas despesas de casa. Tipo um reforço escolar para as crianças de sua comunidade. De acordo com ela, não havia uma estrutura física para as aulas, então, elas aconteciam na sombra de uma árvore. Ao narrar sobre as dificuldades que teve ao se tornar mãe aos 16 anos, a professora se emociona em dizer:

***Professora Laura:** muitas vezes eu tive que dar aulas com meu filho no colo, aí embaixo dessa árvore, era o que dava pra fazer. (...) lutei muito pra ser professora, muito, não foi fácil*

(transcrição da fala de Laura, professora do Curso Normal)

O depoimento emocionante da professora Laura fala das dificuldades de ser mãe ainda muito jovem. Traz também a aposta na educação como mudança de vida. A imagem da árvore não é apenas uma foto de uma paisagem. Tinha uma história por trás que toma vida na medida em que a professora narra sobre sua experiência com o meio ambiente. Para ela, os encontros têm provocado muitas reflexões sobre a vida dela e das estudantes, como mostra a seguir:

***Professora Laura:** Ler o texto de Conceição Evaristo faz a gente pensar na vida, **não podemos desistir da gente**, eu não desisti e não vou desistir de vocês! Desistir não é uma opção, temos que persistir!*

(transcrição da fala de Laura, professora do Curso Normal)

Para a professora, a leitura de Conceição lhe provoca a reflexão sobre a vida e seus desafios. Ao verbalizar a necessidade da persistência, cria-se um senso de engajamento para a sua prática docente. Ditinha, em gesto de acolhimento à professora, expressou sua admiração por ela, falando da importância que Laura tem em sua formação. A professora Laura e Ditinha possuem uma relação bonita. Um encontro que nasce a partir do chão da escola e que ensina o valor das relações humanas.

Contextos formativos mediados pela prática da leitura podem favorecer o desenvolvimento de uma prática pedagógica sentimental entre professores e estudantes (REYES, 2002). O texto literário de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências provoca uma pedagogia engajada com uma educação sentimental que aproxima pessoas como Ditinha e professora Laura por meio de linguagens que atravessam as suas histórias de vidas. Apesar de partirem de trajetórias de vida diferentes, tanto a professora como a aluna transgridem as fronteiras instituídas pela diferença, construindo, a partir da sala de aula, caminhos de fortalecimento mútuo.

As estudantes Constância, Cidinha, Neide e Eleonora também postaram no “Padlet” fotografias de paisagens da Região Norte Fluminense. Para Cidinha, o contato com a natureza devolve um sentimento de gratidão. De acordo com Neide, nós também fazemos parte da natureza e por isso devemos preservá-la. Apresentei à turma, uma fotografia da Comunidade do Sol Nascente e falei de minha relação com ambiência da favela em que, ainda menina, descobri, junto com meus colegas, córregos e nascentes de rios próximos às nossas casas.

Depois dessa atividade, comentei com a turma que iríamos conhecer uma obra muito especial de Conceição Evaristo e que, a partir da leitura coletiva de trechos do livro, refletir sobre o racismo ambiental e as injustiças socioambientais ainda tão presentes em nossa sociedade. Dessa forma, na segunda etapa da oficina, busquei contextualizar o livro apontando sua importância para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

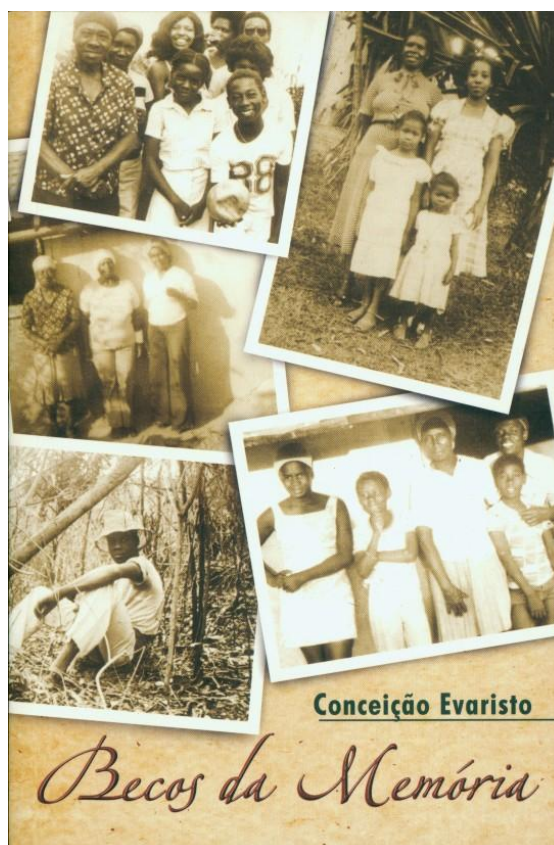
Falei com a turma que o livro, *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, representa um dos mais importantes romances memorialistas da literatura afro-brasileira. Escrito por volta de 1980, a obra só veio a ser publicada vinte anos depois após inúmeras tentativas de publicação por parte da escritora. Hoje, a obra já se encontra em sua 3ª edição e simboliza um marco na trajetória de Conceição, pois trata-se de sua primeira experiência na produção do texto ficcional que (con)funde escrita e vivência. Sobre o livro, a autora nos diz em suas palavras que “(...) Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*.” (EVARISTO, 2017, p.4).

De acordo com Conceição Evaristo (2017), a escrita de *Becos da Memória* (2017) traz à tona lembranças de sua infância acerca das experiências vivenciadas por ela e seus familiares numa favela. Não à toa, podemos visualizar na primeira edição do livro algumas fotografias que remetem à ideia de uma grande comunidade que se faz viva a cada página lida (**Figura 5**). Em suma, a obra apresenta a história de Maria-Nova, uma personagem narradora



que escreve um livro ao lembrar sua infância e adolescência na favela em que ela, sua família e amigos moravam.

**Figura 5-** Capa do livro *Becos da Memória* (2006)



**Fonte:** Página do Itaú Cultural, ocupação Conceição Evaristo.<sup>11</sup>

No bojo das narrativas de personagens como Vó Rita, Tio Totó, Bondade, Ditinha, Negro Alírio, Mãe Joana, dentre outras, a autora toca em questões profundas da nossa sociedade. O resgate das memórias coletivas e individuais das moradoras e moradores da favela, por parte da narradora personagem Maria-Nova, compõe a construção de imagens de um processo violento de desfavelamento que se desenvolve ao longo do enredo. Imagens essas marcadas pela luta da comunidade em prol da garantia de seus direitos.

De um lado, as investidas do sistema econômico capitalista, que sob a figura empreendimento imobiliário na justificativa do progresso, sujeita as populações negras e

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/>

periféricas às condições sub-humanas na violação de seus direitos. Do outro, a teimosia das vidas que se reinventam todos os dias para vencer a morte, o adoecimento e o esquecimento provocados pela negligência do Estado. Apesar das favelas brasileiras produzirem diferentes narrativas, Conceição Evaristo destaca que *Becos da Memória* (2017) aborda questões fundamentais às populações negras e periféricas. Podemos citar como exemplo, a relação do racismo ambiental presente no contexto retratado da favela e seus impactos no acesso aos direitos fundamentais como a saúde.

A falta de acesso ao saneamento básico, ao abastecimento de água e o quadro de insegurança alimentar, em *Becos da Memória* (2017), traz à tona a dimensão existencial das personagens que sofrem com as injustiças socioambientais. Contudo, o enredo não se resume a isto. Na verdade, Conceição Evaristo nos conduz a perceber a importância da amizade, da solidariedade, das histórias de amor e de luta que surgem quase como uma contra-narrativa na recusa dos fatalismos impostos pelas classes dominantes.

No começo do livro, Maria-Nova, ao se recordar de suas vivências quando menina, nos descreve as primeiras paisagens da favela. Diante de suas recordações, lhe vem a figura póstuma de Vó Rita – uma mulher conhecida pela sua bondade com todas e todos que ali residiam. A personagem narradora nos conta que, na frente da casa de Vó Rita, ficava uma torneira pública que possibilitava o acesso à água para os moradores e moradoras daquela região. Em determinada ocasião, a narradora, com a sua curiosidade, nos relata suas impressões acerca do meio ambiente em que faz parte, segundo Maria-Nova:

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A "torneira de cima", pois no outro extremo da favela havia a "torneira de baixo". Tinha, ainda, o "torneirão" e outras torneiras em pontos diversos. A "torneira de cima", em relação a "torneira de baixo", era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. Quando eu estava para brincadeira, preferia a "torneira de baixo". Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criança amiga, os pés de amora, o Botequim da Sema, em que eu ganhava sempre restos de doces. Quando eu estava para o sofrer, para o mistério, buscava a "torneira de cima".  
A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam no sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando (EVARISTO, 2017, p. 16).

As múltiplas opressões que atravessam os corpos de pessoas como Maria-Nova, Vó Rita e as lavadeiras, nos fornecem pistas para uma leitura crítica de uma realidade mergulhada em cenas coloniais contemporâneas. A presença do lixo, dos papelões, madeiras e barracões de zinco, reflete a condição de precariedade à qual as vidas negras e femininas estão

submetidas. Desde o Brasil Colonial, mulheres negras vêm exercendo, muitas vezes, a função de lavadeiras, no intuito de garantir a sua sobrevivência e de suas comunidades (BAZZO, 2016). Atualmente, de acordo com o PNAD (2016), das 635 mil mulheres que se encontram na linha da pobreza, cerca de três quartos correspondem às mulheres negras.

O livro *Becos da Memória*, nesse sentido, nos apresenta um panorama complexo e profundo acerca das violências que constituem a relação dos personagens com o meio ambiente. Em meio a tantas histórias que perpassam a vida de Maria-Nova, a menina, em suas andanças na favela, ainda assim, nutre um olhar curioso sobre sua gente e suas narrativas de vida. Isso fica expresso no seguinte trecho:

Naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. A curiosidade de ver todo o corpo dela, de olhá-la todinha. Eu queria poder vasculhar com os olhos a sua imagem, mas ela percebia e fugia sempre. Será que ela, algum dia, conseguiu ver o mundo circundante, ali bem escondidinha por trás do portão? Talvez. Em um sábado ou domingo em que a torneira estivesse mais vazia de lavadeiras. Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! (EVARISTO, 2017, p.17).

Maria-Nova observa tudo atentamente à sua volta e como a vida pulsante na comunidade atrai os olhares da menina. A memória da favela, das gentes e das inquietações que tomam o imaginário da narradora personagem, nos leva à reflexão sobre a importância da curiosidade de Maria-Nova diante de sua realidade marcada pelas injustiças sociais e ambientais. O gosto em tentar desvendar sua gente e ouvir suas histórias, faz com que Maria-Nova busque se conectar com a sua comunidade, nos mostrando a importância da amizade, da solidariedade e do compromisso com aquelas/es que estão à sua volta. Isso é fundamental para que a menina possa ‘compensar’ um pouco da tristeza que ela sente ao se deparar com um cenário marcado pelas injustiças sociais e ambientais. Observando atenta o cotidiano da favela, a menina continua a nos ensinar:

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia (EVARISTO, 2017, pp 31-32).

A curiosidade da menina alimenta seu desejo em poder, um dia, contar sua história e dos seus. Observa-se que o ato de Maria-Nova em narrar essas histórias, nos fornece pistas de

como os sistemas de dominação impactam na relação que construímos com o meio ambiente. Sabemos, ainda, que a realidade de Maria-Nova se comunica com muitas outras que estão presentes na sala de aula. O texto de Conceição Evaristo nos ensina e incentiva a narrar nossas próprias histórias.

Na terceira etapa da oficina, a partir do exercício da leitura coletiva dos trechos de *Becos da Memória* (2017), tivemos um momento para trocar nossas impressões. A estudante Ditinha nos brindou, mais uma vez, com a sua participação. Com a palavra, ela nos diz sobre sua leitura do texto:

***Ditinha:** eu acredito que são algumas lembranças de Conceição Evaristo que ela tenha de sua infância com a água, com o carregar de água que é um pouco meu também né?/ Ditinha sorri/ na minha casa não tinha água na torneira não, quando eu era criança, a não ser na casa da minha bisavó, lá tinha, minha mãe foi morar no interior e lá não tinha, então a gente ia muito na bica, né (...)*

*Tinha bica e tinha o xafariz que as pessoas faziam fila e eu ia lógico, todo mundo lá de casa tinha que carregar água para encher os tonéis, então eu vejo que esse relato do início desse livro fala sobre algo que Conceição vivenciou e ela retrata com a personagem Maria-nova, e não é algo muito distante porque assim essa mulher tem me trazido muitas memórias né, como se fosse eu, e outra coisa, toda essa história do lavar da roupa, do xafariz, do carregar da água me lembra da minha origem, porque sendo uma região a qual os negros chegaram da África, o poder público olhou pra lá MUITOO depois, Dom Pedro, primeiro olhou para o Rio de Janeiro, para o sul, para os imigrantes italianos*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

Embora seja uma obra escrita na década de 80, percebemos como a realidade retratada no livro de Conceição Evaristo ainda se faz presente. No depoimento de Ditinha, observam-se elementos de um território marcado pelo racismo ambiental que impactam diretamente na qualidade de vida das populações negras e pobres no mundo atual. O acesso à leitura do texto de Conceição possibilita que Ditinha possa revisitar sua memória, refletindo criticamente sobre suas vivências e construindo outras possibilidades de narrativas sobre si. A estudante situa-se no tempo, problematizando sua condição de subalternidade ao se colocar como sujeita na construção de uma história coletiva.

Após a leitura e a troca de impressões do texto, perguntei à turma se já tinham ouvido falar sobre o racismo ambiental e as injustiças ambientais. No chat, duas estudantes falaram suas concepções prévias sobre o tema:

*Constância: acho que tá relacionado com a história da Conceição, com o racismo e a escravidão e anulação dos valores da cultura negra*

*Neide: acho que tem a ver com a injustiça ambiental*

(transcrição do comentário no Chat de Constância e Neide, alunas do Curso Normal)

Constância, em seu comentário, supõe que o racismo ambiental esteja relacionado com o processo histórico da escravidão e a anulação dos valores culturais da comunidade negra. Visualiza por meio da história de Conceição Evaristo uma possível relação com o conceito. Neide associa o conceito com a injustiça ambiental. As estudantes trazem consigo concepções que dialogam com as problematizações socioambientais que emergem do enredo de *Becos da Memória* (2017). O que é muito interessante porque nos faz pensar como a leitura dos trechos leva a uma ampliação da percepção acerca do racismo ambiental, trazendo à tona a sua dimensão histórica, social e cultural.

Em diálogo com as contribuições das estudantes e a história de Maria-Nova, busquei apresentar o conceito de racismo ambiental através da história de seu surgimento. Destaquei, nesse sentido, a importância do cientista negro Dr. Benjamin Chavis Jr que, através de suas pesquisas, percebeu que havia uma relação entre a comunidade negra norte-americana e sua exposição aos resíduos tóxicos gerados por indústrias. Comentei, a partir de Wright (2021), que o racismo ambiental diz respeito à desvalorização mútua das comunidades negras e dos espaços ocupadas por estas. Isso fica evidente no livro, pois à medida em que a remoção das famílias da favela avança, em prol do empreendimento imobiliário de uma construtora local, Maria-Nova cresce sendo forjada em meio a tanta violência dirigida aos corpos negros, como conversei com a turma. Além disso, disse, segundo Herculano (2008), que o racismo ambiental se encontra atrelado às demais injustiças sociais e ambientais que impactam de forma desproporcional as populações negras e indígenas, violando o direito dessas populações no acesso ao meio ambiente ecologicamente saudável e equilibrado, como propõe a Constituição Federal (1988).

Na quarta etapa da oficina, motivados pela curiosidade da personagem Maria-Nova, desenvolvemos uma atividade envolvendo o processo de busca de imagens representativas do meio ambiente ‘limpo’ e ‘sujo’. Inspirados em Freire (1967), buscamos exercitar a leitura crítica dessas imagens, tentando perceber como se dão as representações em torno do meio ambiente. Algumas estudantes apresentaram imagens que retratavam problemáticas

ambientais, como a questão do lixo urbano, da poluição e dos impactos da degradação ambiental para a saúde humana.

**Cidinha:** *o meio ambiente sujo é muita coisa, tem até cabeça de boneca garrafa pet, um monte de coisa (...) um rio com água suja não dá nem pra lavar o pé*

**Dolores:** *eu tava vendo aqui que tem mais imagens de meio ambiente sujo do que meio ambiente limpo, tipo assim, surreal cara*

**Sabela:** *eu tava pesquisando aqui, as imagens de meio ambiente limpo parece que é de mentira, nem é de verdade, e no meio ambiente sujo é, são muitas situações que se tornam preocupantes, eu vi uma foto de um menininho, deve ter uns cinco ou seis anos, dentro de um rio cheio de lixo, não era pro o ser humano passar por essa situação*

(transcrição da fala de Cidinha, Dolores e Sabela, alunas do Curso Normal)

Ditinha colaborou com a discussão, trazendo sua leitura sobre uma imagem que retratava a importância da mobilização coletiva para a preservação ambiental, de acordo com ela:

**Ditinha:** *eu achei uma foto de uma praia toda suja, e depois achei outra foto dessa mesma praia toda limpa, com muito de gente como se fosse um mutirão, e aí deram as mãos como se desse um abraço na praia em si, e essas ações de mutirão é, venha ser motivado, né, primeiro pelo poder público que um dos maiores responsáveis por manter limpa nossa cidade, e segundo, acerca da conscientização dos próprios moradores em si, como eu falei né, eu vim do subúrbio né, não havia muita igualdade social, mas nós próprios cuidávamos, nós fazíamos canteiros com pneu, né..*

*eu moro perto de uma praia (...) lindíssima, mas toda acabada, toda suja, aí às vezes eu quero ir pra praia, eu tenho que sair daqui pra ir lá longe (...) outro dia eu fui barrada né, porque a praia é dentro de um condomínio, aí eu tenho fazer esse descolamento pra poder ter uma praia sendo que é a mesma praia, só que a forma de ser cuidada é diferente, né*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

A atividade inspirada na obra de Conceição nos permite problematizar e refletir sobre questões socioambientais como o racismo ambiental e suas injustiças. A leitura das experiências no Ensino de Ciências, nesse sentido, amplia as nossas possibilidades de ler a

realidade, estimulando em nós, uma postura curiosa e engajada diante do mundo. Ditinha se volta para a realidade, realizando uma leitura do mundo amparada em suas experiências de vida, nos informando, a partir de sua narrativa, como operam os sistemas de dominação presentes em nossa sociedade. Nesse exercício (auto) reflexivo, a estudante vislumbra ações de engajamento coletivo resgatando, dessa maneira, a força do agir em comunidade. Para bell hooks (2013) a prática da pedagogia engajada tem a ver com a possibilidade de pensar *com* e a *partir* da comunidade. O texto literário de Conceição Evaristo contribui para que possamos construir experiências educativas em Ciências que envolva a coletividade.

Compreendendo a Educação das Relações Étnico-Raciais como aliada importante nesse debate, na última etapa da oficina, buscamos refletir o papel da escola na construção da justiça ambiental. Para isso, foi apresentado o conceito de justiça ambiental, como conjunto de princípios e práticas que visam assegurar “que nenhum grupo de pessoas, sejam grupos étnicos, raciais ou de classe, suporte uma parcela desproporcional de degradação do espaço coletivo.” (ACSELRAD, HERCULANO, PÁDUA, 2004).

Ditinha reconhece a importância do debate das relações étnico-raciais nas discussões sobre meio ambiente. Para ela, a Educação Infantil e a comunidade local devem participar dessa construção, como mostra a seguir:

***Ditinha:** essa ação de conscientização, tem que ser começado na Educação Infantil, a gente com nossas crianças e depois isso tem que ser propagado pro bairro, eu como negra penso que eu quero ser inserida nesse contexto mundo, eu quero ver minha foto não só num creme de cabelo que é pra afro, mas eu quero ver minha foto em uma boneca que a criança possa brincar, eu quero ver minha foto no outdoor de dentista (...)*

*a gente tem que tá trazendo esse olhar, esse contexto acerca do meio ambiente, eu quero morar num lugar que não precisa ser bairro da Glória, nem Praia do Pecado não, mas em um lugar que as pessoas respeitem a natureza, e que não saia de outros bairros pra jogar lixo no meu bairro, **POR QUE, por que aqui é um bairro que mora mais preto e pobre, hein/** Ditinha questiona/*

*eu quero igualdade, eu quero que na nossa senzala e na nossa favela a gente tenha respeito, pelo aquilo que nós somos, como seres humanos, como pessoas, como pagador de imposto*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

Ditinha expressa seu desejo por narrar outras histórias sobre si e sua comunidade. Quer fazer parte de um mundo onde possa se sentir respeitada e incluída. Reivindica para si e para os seus uma vida digna. Portanto, o Ensino de Ciências inspirado pela leitura de Conceição Evaristo, encontra no exercício de uma pedagogia engajada, um caminho para criar uma sala de aula onde estar inteiro possa fazer parte da experiência educativa. Isso tem a ver com a possibilidade de fomentar espaços em que as vozes das populações subalternizadas possam ser ouvidas, como destaca bell hooks “a pedagogia engajada ressalta a importância do pensamento independente e de cada estudante encontrar sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera os estudantes.” (HOOKS, 2020, p.37).

A leitura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, portanto, faz emergir vozes que, em muitos momentos, se encontram no anonimato e se veem silenciadas pelos sistemas de dominação. Fazer com que essas narrativas venham à tona na sala de aula trata-se de uma forma de exercitar não só o lugar de fala, mas também o lugar de escuta. Na medida em que Ditinha, por exemplo, traz à tona sua leitura do mundo, ela nos convida a ouvi-la e perceber a vida a partir de suas vivências que ora se confundem com as de Maria-Nova, ora Conceição. Há nesse diálogo a produção de saberes que tem o poder de nos formar e de nos engajar na luta pela libertação das condições de opressão.

### **3.5 “TEM QUE APRENDER NA ESCOLA AS LUTAS DO POVO NEGRO E DAS MULHERES”: por uma comunidade de aprendizagem de Ciências engajada com um debate esperançoso sobre meio ambiente e saúde**

*Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati  
Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês..*

(Samba –enredo da Estação Primeira de Mangueira, 2019)



Como vimos em Paulo Freire (1964), a educação libertadora preocupa-se com o desenvolvimento de uma sociedade mais democrática. Para isso, mais do que ideias e conteúdos propriamente ditos, somos convidados a pensar a *existência*. Sabe-se que *existir*, para o autor, tem a ver com a possibilidade criativa de poder dizer a própria palavra, ler o mundo a partir das próprias experiências ampliando, desta forma, as condições da própria existência. A poética negra de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências, nesse sentido, tem proporcionado contextos formativos que valorizam a leitura do mundo daquelas/es presentes na sala de aula, encontrando nas histórias de vida, um diálogo com a palavra literária insubmissa.

Nas oficinas, é comum conectarmos as nossas histórias de vida e formas de ver o mundo, ao texto literário de Conceição Evaristo. Essas interlocuções iluminam o trabalho formativo de uma educação científica que se propõe engajada na criação de uma comunidade de aprendizagem. É nesse espaço que professores e estudantes, segundo bell hooks (2013), reconhecem que todas, todos e todes possuem uma contribuição na produção do conhecimento a partir da sala de aula. Trata-se de um lugar onde estimula-se a criatividade e a imaginação para criarmos a realidade coletiva em que gostaríamos de fazer parte. De acordo com a autora, a aprendizagem e o ensino, nesse contexto, atinge o máximo de sentido e utilidade (HOOKS, 2019).

Com base nessa discussão, nessa parte da dissertação, irei apresentar uma reflexão sobre a importância da leitura das escrituras de Conceição, para a construção de uma comunidade engajada com as discussões sobre meio ambiente e saúde. Comunidade esta que valoriza a existência humana em sua pluralidade e a sua capacidade criadora de transformar a sociedade. Partirei da experiência da oficina, *A relação entre meio ambiente e saúde em 'Histórias de leves enganos e parecenças': o papel da esperança e da solidariedade no Ensino de Ciências*, para fazer emergir essa discussão. Participaram da oficina 21 estudantes e as duas professoras regentes do Curso Normal, no dia 28 de Outubro de 2021.

No primeiro momento da oficina, busquei apresentar a programação da atividade. Disse à turma que nesse encontro, nós iríamos discutir a relação entre meio ambiente e saúde a partir das escrituras. Procurei perceber como se davam as concepções das pessoas envolvidas sobre essa temática, apesar de termos discutido a relação entre meio ambiente e sociedade, não havíamos avançado na discussão sobre a importância de se pensar a saúde nesse contexto. Sobre essa temática, a Ditinha nos diz:

*Ditinha: pelo o que a gente já viu aqui nos encontros, eu acho que tem a ver o meio ambiente com a saúde, se você vive num ambiente da degradação, se você vive num lugar que não tem saneamento básico, que a água não é tratada, os rios são poluídos, e muitas vezes o poder público não toma nenhum posicionamento, então se você toma banho no mar que tem esgoto, consequentemente você vai trazer pra si infinitas doenças, onde eu moro o pessoal vem aqui jogar lixo, daí o que que acontece/Ditinha questiona/ é muito mosquito, aqui é perto do valão, daí aqui jogam tudo, vaso de banheiro, sofá, tudo no meio da rua, com isso vem as doenças, então o meio ambiente com a saúde tá interligado, eu acho que tá interligado porque um ambiente cuidado não vai trazer malefícios para o ser humano(...) eu mesma já peguei doença assim, eu tomei banho numa praia que era descartado os produtos dos hospitais, e eu nem sabia, eu era criança, eu queria era tomar banho, me enchi de umas verrugas que, minha filha, deu o maior trabalho pra minha mãe conseguir sanar, né/Ditinha ri/ então o meio ambiente com certeza tem a ver com a saúde*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal)

Ditinha, em seu comentário, faz referência a essa relação, citando temas que foram discutidos nas oficinas passadas, além de articular com uma história vivenciada. No começo de seu comentário, a estudante supõe ter uma relação entre meio ambiente e saúde. Ao lembrar de um episódio sofrido em sua infância, ela conclui sua fala afirmando existir um diálogo entre o meio ambiente e a saúde humana. O relato de Ditinha fez com que eu me lembrasse do cotidiano da Comunidade do Sol Nascente, em que muitos de nós adoecíamos em decorrência da falta do acesso ao saneamento básico. Destaquei, ainda, a importância das mães, tias e avós da comunidade que recorrem, muitas vezes, à sua fé e sabedoria para o cuidado coletivo. Sobre esse movimento de compartilhar e ouvir histórias na sala de aula, bell hooks nos diz:

Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar. A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade (HOOKS, 2020, pp. 35-36).

As escrituras de Conceição no Ensino de Ciências acabam por contribuir na criação de comunidades de aprendizagem engajadas com discussões que conectam narrativas de vida a partir da sala de aula. Ditinha, ao compartilhar suas vivências em diálogo com o tema do encontro, traz a possibilidade de construirmos um aprendizado coletivo ancorado nas

experiências de vida. Para bell hooks (2020) o compartilhamento de histórias nos ajuda a nos conectarmos uns com os outros, pois de acordo com a autora:

Histórias nos ajudam a nos conectar com um mundo além da identidade. Ao contarmos nossas histórias, fazemos conexões com outras histórias. Quando viajamos para países cuja língua nativa não conhecemos, a maioria de nós se comunica criando uma história que pode ser contada sem palavras. Podemos mostrar por meio de gestos o que queremos dizer. O que se torna evidente é que, na comunidade global, a vida é sustentada por histórias. Uma forma poderosa de nos conectar com um mundo diverso é ouvindo as diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são um caminho para o saber (HOOKS, 2020, p. 68).

Dessa forma, fomos para o segundo momento da oficina, em que busquei apresentar a obra *História de leves enganos e parecença* (2016), de Conceição Evaristo. Nesse livro, o escritor Allan da Rosa faz o seguinte questionamento: “Quantas linhas de Conceição Evaristo seguem nos alumiando a sina, o fundamento e a boniteza de revelar segredos mas não matar mistérios?”. O questionamento do autor se faz pertinente na medida em que somos surpreendidos com uma leitura que nos lança à possibilidade da fantasia, do improvável, dos mistérios que habitam as cenas do cotidiano das populações negras. Trata-se de uma obra que conta treze histórias que desafiam os limites da racionalidade, que nos comovem, ao passo que expõem os pilares que fundamentam nossa sociedade. Nas palavras de Allan da Rosa, o livro:

Não orna com um materialismo cartesiano que desqualifica o que seus limites eurocêntricos não compreendem e que limitam o imaginário como se este fosse um vizinho de parede-meia e não um habitante principal do nosso templo que é o próprio corpo e que na carne, no gesto, na coluna, na memória e no sonho contempla e orienta nossas maneiras de organizar e sentir a vida. É um livro aos capazes ou desejosos de compreender o namoro e as tretas entre racionalidade e encanto (EVARISTO, 2016, pp. 8-9).

Para o autor, Conceição Evaristo desenvolve uma escrita literária que envolve o gesto de traçar resistências e anunciações. As escrevivências como resistência nos lembram, constantemente, do compromisso da autora com a memória afro-brasileira que é tão importante de ser resgatada no Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Das histórias ouvidas, Conceição capta aquilo que a vida lhe conta. Para ela, a vida está para além do que pode ser visto, dito ou escrito.

Na capa de *Histórias de leves enganos e parecenças*, consta o desenho feito por sua especial menina Ainá (**Figura 6**). As cores, as linhas e os desenhos parecem quase se mover, de forma a nos conduzir ao leve engano de que as imagens se encontram em movimento. De fato, todas as histórias nos conduzem ao movimento, não só de reflexão sobre a sociedade brasileira, mas também à reconquista do direito à fabulação nos processos formativos.

Figura 6 - Capa do livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016)



Fonte: Acervo pessoal

Para Antônio Candido (2011), a fabulação faz parte da condição humana, sem ela não seria possível existir a humanidade. Sem a fabulação não teríamos literatura, ciência, ensino, dentre outras coisas, que compõem a existência humana. Em especial, para as populações subalternizadas, o exercício da fabulação pode se mostrar não só como um meio de sobrevivência às opressões do cotidiano; mas também um espaço de construção de uma (re)existência para si e para os seus, como nos mostram as escrituras de Conceição Evaristo.

Ouvir e contar histórias na sala de aula, de acordo com bell hooks (2020), pode ser uma ótima forma de exercitarmos a imaginação na criação e manutenção de uma sala de aula engajada com o pensamento crítico. No intuito de promover discussões críticas sobre meio ambiente e saúde, no terceiro momento da oficina, busquei trabalhar com a turma o conto, ‘Mansões e Puxadinhos’. A leitura foi realizada por Tuína, Dolores e Constância.

Nesse texto, a autora nos narra uma situação enfrentada pelos moradores do morro “Das Asas de Anjo” e das mansões do bairro nobre ao lado da comunidade. Na narrativa Conceição nos apresenta, mais uma vez, um contexto que manifesta as desigualdades socioambientais presentes nos diferentes espaços geográficos. De um lado, encontram-se os moradores dos puxadinhos que, do alto do morro, contemplam a vista do mar e lidam com os desafios das desigualdades presentes em suas vidas. Do outro, estão os moradores das mansões que, a partir de uma localidade falsamente preservada, constroem suas narrativas de poder sobre as gentes da comunidade. Até porque muitos moradores dos puxadinhos, de acordo com a história, acabam por trabalhar nas luxosas casas e comércios do bairro nobre:

E assim viviam os habitantes “Das Asas de Anjo”, um povo ignorando o outro. Entre as mansões e os puxadinhos nenhuma relação de vizinhança, embora muitos dos que habitavam as casinhas especialmente as mulheres, trabalhassem nas mansões imponentes do lugar. Os homens, muitos também. Eram os jardineiros, os porteiros, os motoristas e os seguranças das casas ao lado. Havia também os office-boys, pequenos aprendizes, que experimentavam seus primeiros empregos nas empresas comandadas pelos moradores das grandiosas moradias da área. Entretanto, essas pessoas nunca se cruzavam fora do trabalho, cada qual seguia seu rumo sem tomar conhecimento umas das outras, cada qual vivia em seu quadrado. Um dia, porém, uma situação provocou o encontro/desencontro entre elas (EVARISTO, 2016, p. 56).

Em um determinado momento, a presença de um ar fétido misterioso começa surgir na região nobre e se propaga para as redondezas. Os das mansões, transtornados pelo odor, decidem empreender uma pesquisa para tentar desvendar as causas deste fenômeno:

Primeiramente, amostras da terra, das plantas e das águas nascentes das montanhas no entorno foram enviadas aos Estados Unidos para serem analisadas. Concluídos os estudos dos materiais, chegou-se à conclusão de que a podridão do ar não era causada por nenhum dos elementos pesquisados. Desconfiados da competência americana, foram chamados cientistas europeus para investigar o próprio local; a conclusão foi a mesma. O ar irrespirável pelo insuportável odor não tinha nenhuma relação com a natureza do entorno. Cientistas indianos e outros providos de culturas orientais, foram cogitados para tais pesquisas; quanto aos africanos nenhum foi chamado (EVARISTO, 2016, p.54).

Nessa passagem, percebemos como os moradores das mansões se mobilizam para solucionar o problema local. Para isso, buscam na Ciência uma forma de explicar e resolver o

mistério, recorrendo principalmente aos cientistas do Norte Global. Esse trecho nos leva a refletir como uma visão hegemônica do conhecimento científico acaba por desconsiderar, muitas vezes, as contribuições dos povos subalternizados. Como exemplo disso, o texto nos mostra que os moradores do morro e os cientistas africanos, não foram considerados para participarem do processo investigativo. Sabemos, a partir da Professora Bárbara Carine (2021), o quanto a ciência africana e afro-diaspórica tem sido fundamental no desenvolvimento de produções científico-tecnológicas na história da humanidade. De acordo com ela:

Se levarmos em consideração que a humanidade surgiu na África e, com ela, as primeiras civilizações, é extremamente plausível se pensar que foram esses primeiros humanos aqueles que desenvolveram formas de produção e reprodução de conhecimento (PINHEIROS, 2020, p.14).

O texto literário de *Conceição*, nesse sentido, nos apresentou uma oportunidade de trazermos à tona este importante debate. Ao longo do enredo, outras questões emergentes acabam vindo à tona, como a relação entre saúde e meio ambiente. Após os resultados das pesquisas e as tentativas fracassadas de resolver o problema, o ar contaminado passa a ganhar aspecto de nevoeiro, de forma a prejudicar a saúde da população da região. Desesperadamente, as autoridades locais, os santos e a fé dos moradores dos puxadinhos são acionados, no intuito de acabar com o ar contaminado que parece piorar cada vez mais:

Agora não se tratava somente do incômodo causado pelo fétido cheiro, havia pior, a ausência de água nos olhos, como se o espaço plano, lá em baixo, fosse apenas um deserto só. Os das mansões mobilizaram repórteres, políticos, cientistas (mais uma vez), na vã tentativa de parar o acontecido. Os dos puxadinhos movimentaram seus santos, suas orações de fé, seus temores diante do inexplicável e a certeza de que alguma coisa precisava ser feita. Não poderiam ficar esperando nada de ninguém, pois, se ficassem, morreriam à míngua de uma beleza que eles haviam construído o direito de apreciar. Enquanto isso, os habitantes da mansão, com ajuda dos cientistas (fedologistas, fumagiologistas e outros gistas) chegavam à conclusão de que algo estranho empestava o ar. E resolveram contratar pessoas para explorarem a área (EVARISTO, 2016, pp. 56-57).

Dentro desse cenário de desequilíbrio ambiental, o ar contaminado continua a causar impactos na vida de todos, porém de diferentes formas. Frente às tentativas frustradas de compreender o que está por trás desse mistério, os moradores das mansões acabam por culpabilizar a população dos puxadinhos por todos os prejuízos causados. Os moradores da comunidade buscam em suas crenças e na mobilização comunitária, uma forma de cultivar a esperança e, assim, sobreviver a todo este descaso.

Após a leitura coletiva do conto, algumas impressões foram trocadas entre nós, segundo Ditinha, o conto ‘Mansões e Puxadinhos’ retrata as desigualdades sociais e seus impactos na saúde pública. O que acaba sendo uma realidade também no município e no país, como diz a estudante:

***Ditinha:** é o que a gente vem vendo aqui nas oficinas das escrevivências, das desigualdades, minha visão é que (...) só existe da ponte da barra pra lá, e os nossos governantes não tem um olhar mais apurado para aqueles que não tem poder aquisitivo, essa desigualdade não é só aqui, é no Brasil, **de um lado tem as grandes mansões, prédios e nesse lado há saneamento básico, coleta seletiva e a limpeza diária, e do outro lado, não há, eles acham que não há essa necessidade, isso me entristece porque a gente paga imposto até mais do que quem mora nas mansões (...)***

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal, 2021)

A leitura das escrevivências traz à tona a importância da dimensão política do Ensino de Ciências. Para Freire (1964), é impossível pensar a educação libertadora sem considerar a politicidade do processo de leitura crítica do mundo. Em diversos momentos da fala de Ditinha, ela convoca o poder público a assumir sua responsabilidade perante as populações dos ‘puxadinhos’, isto é, das áreas mais afetadas pelas desigualdades socioambientais.

No terceiro momento da oficina, inspirada pela leitura de Mansões e Puxadinhos, procurei apresentar o conceito de saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, que pode ser entendida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Comentei dos desafios da pandemia do coronavírus, principalmente para as populações negras e periféricas que foram uma das mais atingidas pelas crise sanitária. Apontei, ainda, a necessidade de compreendermos a saúde enquanto direito humano fundamental, assim como o acesso ao meio ambiente ecologicamente saudável e equilibrado (BRASIL, 1988). Além disso, apresentei o conceito de saúde ambiental que de acordo com a OMS diz que:

Saúde ambiental são todos aqueles aspectos da saúde humana, incluindo a qualidade de vida, que estão determinados por fatores físicos, químicos, biológicos, sociais e psicológicos no meio ambiente. Também se refere à teoria e prática de valorar, corrigir, controlar e evitar aqueles fatores do meio ambiente que, potencialmente, possam prejudicar a saúde de gerações atuais e futuras (OMS, 1993).

Após a apresentação e contextualização desses conceitos com o momento de pandemia do novo coronavírus, perguntei à turma sobre suas percepções acerca da saúde ambiental em

seus respectivos bairros. A estudante Cidinha alegou que seu bairro, localizado na área periférica de uma cidade da Região Norte Fluminense, carecia de maiores investimentos públicos para a promoção da saúde ambiental. Nas palavras de Cidinha:

***Cidinha:** hoje eu vejo que a saúde ambiental no meu bairro não está boa, professora, porque assim não temos saneamento, nem lazer, porque a pracinha o mato tomou de conta, nem dá pra levar as crianças mais, e como a gente viu, tudo isso pode até afetar a saúde de todos, né, e essa pandemia piorou tudo, tá tudo largado (...)*

*eu também acho que os prefeitos deveriam investir mais em ações pra melhorar a saúde ambiental dos bairros mais precários de (...), né, já que é um direito nosso*

(transcrição da fala de Cidinha, estudantes do Curso Normal do Ensino Médio, 2021).

No chat, o estudante Bondade e Sabela fizeram um comentário sobre a relação entre meio ambiente e saúde, destacando a importância dessa discussão para pensar os impactos da pandemia do novo coronavírus, de acordo com ele:

***Bondade:** essa relação da saúde com meio ambiente é muito real basta ver a pandemia*

***Sabela:** pois é na pandemia quem não tem infraestrutura e os direitos acaba sofrendo mts injustiças!!*

(transcrição do chat: Bondade e Sabela, estudantes do Curso Normal do Ensino Médio, 2021)

Cidinha apropria-se do conceito e contextualiza com a realidade vivenciada por ela e pela comunidade do seu bairro. Assim como Ditinha, interpela o poder público a olhar para os territórios periféricos do município. Compreende que o acesso a uma vida digna é um direito de todas as pessoas. Bondade e Sabela percebem uma relação entre as discussões sobre meio ambiente e saúde com o contexto da pandemia. Para Sabela, as pessoas que não acessam seus direitos acabam sendo vítimas das injustiças sociais.

No quarto momento da oficina, procurei enfatizar a importância da atuação da Ciência e das organizações comunitárias no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. Assim como em ‘Mansões e Puxadinhos’, muitos moradores de comunidades se mobilizaram para



construir redes de solidariedade responsáveis por desenvolver ações de prevenção e controle do agravo da pandemia, como é o caso dos Agentes Populares de Saúde. As universidades, através de suas ações de pesquisa, ensino e extensão também colaboraram na mitigação da pandemia. Como exemplo, apresentei à turma a cientista negra e baiana Jaqueline Goes de Jesus que liderou uma equipe responsável em sequenciar os primeiros genomas do vírus Sars-Cov-2. Um passo importante para acompanhar a evolução do vírus e para o desenvolvimento de medicamentos e imunizantes. Ambos exemplos retratam iniciativas que tiveram de ser criativas para construírem possibilidades de esperança em um cenário devastado pela pandemia.

A leitura do conto, *Mansões e Puxadinhos*, inspira o Ensino de Ciências a pensar no papel da criatividade, da solidariedade e da esperança diante dos desafios que se apresentam em nossa realidade. No quinto momento da oficina, buscamos refletir sobre a importância da escola na abordagem sobre meio ambiente e saúde, destacando a relevância política e social de um currículo atento às demandas das populações marginalizadas. A respeito disso, Ditinha diz que:

***Ditinha:** tem que aprender na escola as lutas do povo negro e das mulheres, essas lutas foram pra trazer mudanças na sociedade, hoje a gente consegue até votar, hoje, a gente precisa ter voz, a gente precisa começar a expor os nossos desejos, a gente precisa começar a exigir nossos direitos, direito esse o que/Ditinha questiona/ direito a ter uma natureza bem cuidada pra que a gente tenha saúde, para que nossos netos possam usufruir de um mar que não seja poluído, de um ambiente degradado e doente*

(transcrição da fala de Ditinha, aluna do Curso Normal do Ensino Médio, 2021).

Faz parte da construção de uma comunidade de aprendizagem em Ciências o desenvolvimento de práticas que compartilham histórias para ler a realidade criticamente e com os próprios sentidos da vida. Mesmo diante de um panorama difícil, fruto da crise sanitária e política instaurada no país, é necessário que a escola seja guardiã da memória das lutas coletivas e que encontre nelas a inspiração para imaginar um futuro saudável para sociedade. Assim, como nos afirma Paulo Freire (2011):

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. Na medida em que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e em que, criticamente, se descobrem inacabados (FREIRE 2011, p.17).

A esperança para Freire (2011) faz parte da condição humana e compõe a experiência histórica. Nas palavras do educador, “Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado” (FREIRE, 2011, p. 71). Na sala de aula, as escrevivências como literatura que problematiza o tempo mostram-se capazes de mobilizar conteúdos que auxiliam na interpretação dos anseios das populações subalternizadas. Ditinha problematiza o presente e o futuro, na medida em que vai reafirmando o sonho, a esperança e a utopia.

O texto de Conceição Evaristo, portanto, parece nos incentivar na criação de discursos esperançosos que reafirmam a cultura do apreço à justiça social, de modo a colocar em evidência, no Ensino de Ciências, o protagonismo das narrativas subalternas na construção do conhecimento a partir de uma perspectiva solidária e coletiva. Para bell hooks (2021), a esperança é condição para a criação de uma comunidade de aprendizagem disposta a atuar contra a violência dos sistemas de dominação. As escrevivências nos convida a pensar *com* e a *partir* da comunidade, nos incentivando à criatividade e a *esperançar* o mundo que gostaríamos de fazer parte. A partir da leitura do texto de Conceição, somos interpeladas/os a imaginar um mundo outro possível, que possa emergir em diálogo com as nossas próprias histórias de vida. Isso é fundamental, pois nas palavras de bell hooks: “o que não podemos imaginar não pode vir a ser (HOOKS, 2021, p.75)”.

O diálogo com o legado histórico e cultural dos povos negros através do texto literário de Conceição nos inspira na construção de caminhos de reafirmação da vida e da dignidade humana. A seguir, iremos refletir como as escrevivências colaboram para uma práxis libertadora no fazer científico e educativo, (des)orientando práticas para uma formação humana crítica e afetiva.

### **3.6 “EU PENSEI ASSIM, A GENTE PODE”: escrevivendo uma práxis libertadora no fazer científico e educativo**

*Na minh'alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação.*

(Solano Trindade, 1999)

Como já foi apontado antes, o cultivo da esperança, da criatividade e da solidariedade fazem parte de uma educação científica engajada com a Educação das Relações Étnico-Raciais. A experiência da leitura das escrituras vem nos orientando a uma prática educativa e científica comprometida em fomentar a criação de uma comunidade de aprendizagem que seja capaz de nutrir o espírito e o aprendizado das pessoas presentes na sala de aula. Sem uma ética amorosa e alinhada à justiça social, dificilmente, isso seria possível.

bell hooks (2021), ao refletir sobre os movimentos bem-sucedidos por justiça social no mundo, percebeu que o amor enquanto fundamento ético se fazia presente na luta pela libertação dos sistemas de dominação. O amor enquanto ação que nutre o apreço pela liberdade, inspirou bell hooks a pensar no seu papel na sala de aula. A luta antirracista dos movimentos pela conquista dos direitos civis, por exemplo, inspirou a autora a pensar no papel do amor na sala de aula. Para ela, uma ética fundamentada no amor traz a oportunidade de criarmos uma comunidade de aprendizagem acolhedora e favorável ao empoderamento de estudantes e professores oriundos de grupos sociais subalternizados.

Inspirada nessa discussão, partirei da análise da última oficina, *O que aprendemos a partir das escrituras de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências?*, para discutir o papel da Literatura de Conceição Evaristo na criação de uma práxis libertadora no fazer científico e educativo. Apresentarei, ainda, alguns trechos da entrevista de Ditinha em que a estudante nos narra com emoção sobre suas vivências nas oficinas.

No último encontro com a turma, realizamos uma conversa sobre como foi vivenciar as oficinas com os textos de Conceição Evaristo. A ideia era falarmos abertamente sobre nossos sentimentos e percepções sobre as práticas educativas com as escrituras. A estudante Constância disse que, no decorrer das oficinas, sentiu que a leitura das escrituras provocou-lhe a reflexão sobre a importância da empatia e do amor na sala de aula. Ponciá visualiza na história de vida de Conceição, uma potência para a sala de aula, como observamos a seguir:

**Constância:** *Levo comigo aprendizados inclusive a ser um professor humano e que saiba lidar com situações sociais, raciais e igualitárias de maneira humanitária. Ter empatia sempre e amor. Quando li as escrituras pensei que a Conceição é muito sábia, uma pessoa que mostra como amar o próximo mesmo nas situações mais difíceis do dia a dia*

**Ponciá:** *Eu amo a Conceição e tudo que a história dela traz para nós! É muito potente poder levar sua história para a sala de aula. Ensina pra gente a importância da cultura negra nas escolas e na ciência. Conceição é um exemplo de força,*

*perseverança. Com toda certeza eu levarei a história dela por onde eu passar, mostrando a mulher incrível que ela é.*

(transcrição do chat: Constância e Ponciá, estudantes do Curso Normal do Ensino Médio, 2021)

A Literatura de Conceição Evaristo humaniza os processos educativos em Ciências, na medida em que traz à tona as experiências coletivas da população negra. Cria-se um espírito de ensino e aprendizagem em Ciências que valoriza a integridade na sala de aula, incorporando neste processo a criticidade acerca das questões raciais, de gênero, classe, sexualidades, religiosas, dentre outras, que compõem as relações humanas.

Constância, como futura professora, visualiza o exercício de sua profissão alinhado à uma postura ética nutrida por sentimentos e valores como igualdade, empatia, amor. Ponciá, diante da história de vida de Conceição, reconhece a relevância da biografia da autora, destacando sua contribuição no ensino da cultura negra no espaço escolar e no meio científico. Ambas estudantes nos apontam percepções importantes para levar em consideração para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. Como nos lembra o professor Douglas Verrangia:

A educação das relações étnico-raciais refere-se a processos educativos que possibilitem às pessoas superar preconceitos raciais, que as estimulem a viver práticas sociais livres de discriminação e contribuam para que elas compreendam e se engajem em lutas por equidade social entre os distintos grupos étnico-raciais que formam a nação brasileira. Refere-se, também, a um processo educativo que favoreça que negros e não negros construam uma identidade étnico-racial positiva. Para tanto, é preciso que a história dos afro-brasileiros e dos africanos seja compreendida de forma não distorcida, o que inclui a valorização das significativas contribuições que eles deram para o desenvolvimento humano e, particularmente, para a construção da sociedade brasileira (VERRANGIA, 2010, p. 710)

A Literatura de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências provocou processos educativos que nos levaram à reflexão sobre os preconceitos raciais presentes tanto nos enredos, como nas próprias histórias de vida que emergiram desses encontros. As escrituras estimulam a educação científica a construir práticas sociais livres de discriminações, contribuindo para que estudantes e professores possam se engajar na luta para a promoção da equidade social a partir do espaço escolar. O texto literário da autora, nesse sentido, nos mostra a valorização das diferentes contribuições da comunidade negra para a

construção da sociedade e para o desenvolvimento humano, como foi observado ao longo das oficinas.

No segundo momento do encontro, buscamos realizar uma atividade com nuvem de palavras no “Portal Mentimeter”. A orientação foi responder com cinco palavras-chave a seguinte questão: *O que eu aprendi com as escrevivências de Conceição Evaristo no Ensino de Ciências?*. O objetivo dessa prática foi de mapear as palavras que resumiam as experiências vivenciadas pela turma do Curso Normal, como podemos observar (**Figura 7**). Participaram dessa atividade as 22 pessoas da turma. A partir disso, realizamos a leitura da nuvem de palavras e refletimos sobre elas a partir de nossas vivências nas oficinas.

**Figura 7** - Nuvem de palavras sobre as vivências das oficinas escrevintes de Ciências

A partir de minhas vivências nas oficinas, eu aprendi com Conceição Evaristo sobre...



**Fonte:** Portal Mentimeter

Interessante perceber as palavras escolhidas pela turma para expressar seus aprendizados a partir da leitura das escrevivências nas oficinas. A Literatura de Conceição Evaristo se mostra potente para refletir sobre *meio ambiente*, *saúde* e sociedade sem deixar de lado a problematização do *racismo* na sala de aula. Além disso, colabora na compreensão

acerca da importância da *ancestralidade*, *esperança*, *liberdade* e do *autoconhecimento* na educação científica.

A professora Alice Pagan (2018), destaca o papel do Ensino de Ciências para a promoção do autoconhecimento a partir de práticas educativas afetivas. Por meio de uma narrativa (auto)biográfica sobre sua condição de mulher trans, a professora nos convida a pensar no papel da educação científica na produção de novos sentidos e experiências. O diálogo com o texto literário de Conceição, nos orienta para contextos formativos em Ciências comprometidos com a dimensão dos afetos no fazer educativo.

As escrevivências também nos ensinam sobre o *amor*, *união* e o valor da *persistência* e da *fé*. De acordo com bell hooks (2020), o amor na sala de aula cria um ambiente favorável para que a comunidade de aprendizagem possa se engajar com o pensamento crítico. Para a autora, o amor pode ser compreendido como “uma combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (HOOKS, 2020, p. 173). Através de um trabalho amoroso e crítico no Ensino de Ciências com a Literatura de Conceição Evaristo, estudantes e professores puderam criar relações com o conhecimento que valorizam o *acolhimento* e o *empoderamento*, como iremos ver a seguir:

*Ditinha: e ai quando você foi trazendo as oficinas e mostrando a história dessa mulher, a vida dessa mulher, as escrevivências, né, despertou em mim o você pode, você pode chegar mais longe, você pode chegar onde você quer chegar, ai eu pensei, a gente pode, a gente que é negro pode ir mais além, hoje eu estou trabalhando aqui no estoque, porque eu preciso, quero construir minha casa (...)*

*Mas eu to pensando aqui, amanhã, amanhã eu quero fazer minha faculdade de Letras, como a Conceição, e quem sabe não faço o tal do mestrado, doutorado e se bobear, escrevo até um livro, né, quem sabe/Ditinha sorri e se emociona/ foi muito boa as oficinas, mulher, não só pra mim, mas para Cidinha e as meninas lá, a gente se sentiu acolhida, né, mesmo com as dificuldades, a gentiu viu o que, a gente viu que nossa história tem valor*

(transcrição da entrevista de Ditinha, aluna do Curso Normal do Ensino Médio, 2021)

O *poder das palavras* que emergiram dos textos literários e de histórias de vida, como de Ditinha, colaboram no desenvolvimento de uma práxis libertadora e amorosa no fazer educativo e científico. Sendo a práxis a capacidade de agir e refletir sobre a realidade, na busca pela transformação da sociedade, segundo os interesses do sujeito; as escrevivências no Ensino de Ciências inspiram, a partir de histórias de vidas negras, como a de Ditinha, a fomentar caminhos de libertação da condição de subalternidade.

Para Spivak (2010), trabalhar contra a subalternização de povos e culturas implica criar espaços em que o subalterno possa falar e ser ouvido. Levar a Literatura de Conceição Evaristo para a sala de aula de Ciências, além de se constituir como uma ação contra a subalternidade, também implica em promover para que narrativas subalternas possam falar a partir de suas experiências e, assim, serem ouvidas e privilegiadas na construção do conhecimento na sala de aula.

As escrevivências no Ensino de Ciências, para além de um ato de amor, consistem em si uma prática engajada na reparação dos danos causados pelos sistemas de dominação. A reparação, para Grada Kilomba (2019), pode ser entendida como o reconhecimento e negociação da realidade, em que há a reparação causada pelo racismo, através da modificação de estruturas, relações subjetivas, agendas, dentre outros, que visam o abandono dos privilégios dominantes. Nesse sentido, podemos colocar em prática o processo de reparação através da modificação de nossas práticas cotidianas de elaboração curricular, por exemplo (BORGES, 2020).

O texto literário de Conceição Evaristo nos chama atenção para esta conversa. Paulo Freire (2011), sobre a amorosidade no ensino nos diz que:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 2011, p. 108).

O Ensino de Ciências para a Educação das Relações Étnico-Raciais encontra na Literatura de Conceição Evaristo e nas histórias de vida subalternas, um espaço para o desenvolvimento das virtudes apontadas por Paulo Freire, tornando possível pensarmos em uma educação científica engajada com a reparação histórica. Os temas curriculares passam a ser problematizados e orientados para a construção de práticas libertadoras a partir da sala de aula. Isso não só contribui para a valorização da autoestima e para a criação de um vínculo de confiança entre professores e estudantes, como também cria possibilidades de sonhar futuros livres da dominação em todas as suas formas.

Por fim, destaco que no decorrer das oficinas com as escrevivências, ficou nítido como precisamos esperar um Ensino de Ciências que reconheça o valor das narrativas subalternas no contexto escolar. A história de vida de Ditinha e sua participação nas oficinas,

portanto, nos mostrou um pouco da riqueza de toda essa experiência, nos conduzindo ao exercício crítico, sensível e reflexivo sobre a Ciência e seus processos educativos. Apesar de todos os desafios deste mundo, não podemos abrir mão de construir uma sala de aula que honre nossa integridade, visto que este espaço também pode ser um lugar semeador de sonhos e de construção de novas realidades.

O nada e o não,  
ausência alguma,  
borda em mim o empecilho.  
Há tempos treino  
o equilíbrio sobre  
esse alquebrado corpo,  
e, se inteira fui,  
cada pedaço que guardo em mim  
tem na memória o anelar  
de outros pedaços.  
E da história que me resta  
Estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
em que os de ontem, os de hoje,  
e os de amanhã se reconheçam  
nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros.

(Conceição Evaristo em *Poemas da Recordação*, 2008)





#### 4. CONSIDERAÇÕES PARA IR ADIANTE...

*Tô feliz pois apesar do sofrimento  
Vejo um mundo de alegria bem na raiz (vamos lá)  
Alegria muita fé e esperança  
Na aliança pra fazer tudo melhor (e será)  
Felicidade o teu nome é união  
E povo unido é beleza mais maior.*

(Luiz Gonzaga e Gonzaguinha, 1984)

Com base nas reflexões que emergiram das discussões apresentadas, este trabalho buscou compreender de que maneira a Literatura de Conceição Evaristo contribuiu para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. De modo geral, a pesquisa aponta que as escritas da autora trazem à tona: i) a importância do diálogo com a história de vida de mulheres negras presentes na sala de aula, como é o caso da estudante Ditinha; ii) o direito à literatura negra nas discussões sobre meio ambiente e sociedade; iii) o papel da leitura na criação de uma sala de aula engajada na construção da justiça ambiental; iv) a construção de uma comunidade de aprendizagem comprometida com as discussões sobre meio ambiente e saúde, a partir das experiências subalternas; v) a inscrição de uma práxis libertadora no fazer educativo e científico.

Na etapa de revisão bibliográfica, foi possível observar como o diálogo com as escritas de Conceição Evaristo vem privilegiando reflexões amparadas em referenciais teóricos contra-hegemônicos e nas experiências de vida presentes nos diferentes contextos formativos em Ciências. A *escritura*, como operador teórico-metodológico, tem inspirado a insurgência de novas escritas na educação científica, possibilitando estudantes e professores a inscrever suas subjetividades na produção do conhecimento.

Como literatura, as escritas vem orientando o Ensino de Ciências na construção de propostas educacionais voltadas para a libertação dos diferentes sistemas de dominação. Dessa forma, esse diálogo interdisciplinar tem se mostrado potente na construção de interlocuções com histórias de vida, colaborando para uma aprendizagem significativa e orientada para a reparação dos danos causados pelo racismo e do sexismo, por exemplo. Neste trabalho, isto incluiu a problematização social e histórica dos conhecimentos científicos, bem

com a reivindicação de uma sala de aula atenta às contribuições históricas dos movimentos negros.

Este movimento não foi muito fácil. Pelo contrário, os desafios da pandemia do novo coronavírus em consonância com a crise política, e seus impactos negativos no cenário educacional brasileiro, culminaram em algumas restrições que afetaram o desenvolvimento deste trabalho. Como exemplo, podemos destacar as adaptações que tiveram de ser realizadas na metodologia e no planejamento das oficinas na escola, no intuito de respeitar os protocolos de saúde. Outra questão é que nem todas as pessoas participantes das oficinas conseguiram acompanhar todos os encontros. Algumas estudantes tiveram dificuldades de conexão de internet, além de terem de conciliar, em muitos momentos, a participação das oficinas com outras atividades simultâneas do ambiente doméstico ou até mesmo de trabalho.

Este estudo, nesse sentido, não pretende de forma alguma esgotar as possibilidades de discussões que emergiram desta pesquisa. Na realidade, o que se espera é que as reflexões aqui apresentadas possam colaborar no fortalecimento de práticas voltadas para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências, privilegiando o diálogo com a Literatura de Conceição Evaristo como caminho potente para isso.

Dentro deste cenário, é válido ressaltar a relevância da parceria entre a escola e a universidade para o desenvolvimento deste trabalho. Frente às dificuldades presentes nesse contexto de pandemia, o espaço escolar se empenhou de forma significativa para acolher esta pesquisa. Destaco, especialmente, a atuação das professoras do Curso Normal que disponibilizaram seus horários e mobilizaram suas turmas, da melhor forma possível, para participar das oficinas com as escrevivências. Esse movimento de apoio foi fundamental para que o corpo discente pudesse se engajar, dentro de suas possibilidades, nas atividades desenvolvidas.

Ainda assim, trilhamos caminhos de aprendizado de muita boniteza. A partir das vivências nas oficinas foi possível perceber o quanto é importante garantir o acesso à literatura de mulheres negras, como Conceição Evaristo, no Ensino de Ciências. O diálogo com o texto literário amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem de temáticas científicas e sociais, produzindo novas perspectivas de leitura e compreensão da realidade. Através das contribuições teóricas, principalmente de Paulo Freire e bell hooks, observou-se como a leitura das escrevivências podem contribuir para a formação de uma comunidade de aprendizagem em Ciências, voltadas para o exercício do pensamento crítico de temas socioambientais e seus diálogos com os contextos de vida.

Por meio das colaborações de Spivak, percebeu-se como as escrevivências nutrem a criação de espaços formativos comprometidos com a superação das condições de subalternidade. É nesse contexto, que autoras e autores, como Bárbara Carine Soares Pinheiros, Douglas Verrangia, Anita Canavarro Benite, dentre outros pensadores engajados com o debate da Educação das Relações Étnico-Raciais, colaboram com discussões que enriquecem, ainda mais, um projeto de educação científica enunciativa dos saberes da população afro-brasileira. Dessa forma, o estabelecimento de uma comunidade de aprendizagem em Ciências através do diálogo com a Literatura de Conceição, parece ser um caminho promissor para que as vozes, silenciadas pelos sistemas de dominação, possam ser ouvidas e levadas em conta na produção do conhecimento científico.

A pesquisa inspirada nas histórias de vida, proposto por Rosenthal, acaba favorecendo esta construção, uma vez que nos mostra como a Literatura de Conceição Evaristo pode se comunicar com outras narrativas subalternas. O exemplo disso foi o diálogo com a história de vida de Ditinha, uma mulher negra que toma para si o papel de sujeito na construção de uma narrativa sobre a vida e seus aprendizados.

Portanto, podemos pensar a Literatura de Conceição Evaristo como sementes no Ensino de Ciências. Sementes que resistem e que vão germinando possibilidades outras de paisagens na educação científica. Paisagens que anunciam a boniteza das construções coletivas de aprendizagens, estas que são nutridas pelo legado histórico e cultural da população negra, nos levando a esperar um mundo feito *a partir* e *com* as nossas próprias histórias.

## 5. REFERÊNCIAS

*Viver é partir, voltar e repartir (é isso)  
Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)*

(Emicida e Gilberto Gil, 2020)

ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto. **Justiça ambiental e cidadania**. In: Justiça ambiental e cidadania. 2004. p. 315-315.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. 1 a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

BORGES, Rosane. “Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados”. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020.

BENITE, Anna MC et al. Dai-me agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de química. **Química Nova**, v. 42, n. 5, p. 570-579, 2019.

BORJA, Isaias dos Anjos. **O "marco temporal" e seus reflexos sobre povos indígenas em etnogênese**. 2021. 38 f. Monografia (Graduação em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, 1988.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, de janeiro de 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/2003, de 10 de março de 2003**. Diário Oficial da União, de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves. Ministério da Educação. Brasília, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Meio Ambiente e Saúde**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3a. ed. Brasília, 2001

BRASIL. Parecer nº 3 de 2003 do Conselho Nacional de Educação (CEB 03/2003). Consulta tendo em vista a situação formativa dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil. **Diário Oficial da União**, 04 ago. 2003 (Retificação publicada no Diário Oficial da União de 27 ago. 2003). Disponível em : [portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb003\\_03.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb003_03.pdf) . Acesso em 15 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Luciana Rocha; FARIA, Danielly dos Santos Emerick. Oficinas pedagógicas: tecnologias aplicadas na educação para formação de docentes. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 5, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser** [Tese de Doutorado]. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo; 2005.

CARVALHO, Iago Vilaça de; NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do; ALMEIDA, Stella.; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. Caminhos descoloniais possíveis no ensino de ciências das séries iniciais: um diálogo com a obra “meu crespô é de rainha”. **ACTIO**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 553-571, set./dez. 2019.

COSTA, Claudio. Cátedra da USP recebe as “escrevivências” de Conceição Evaristo. *Jornal da USP, Brasil*, 12 mai. 2022. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/cultura/catedra-da-usp-recebe-as-escrevivencias-de-conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

COSTA, Fernanda Gomes da. A experiência da e na palavra: ‘escrevivências’ na formação de professores de Ciências. In: MACEDO, Beatriz; SILVEIRA, Sara; MEZIAT, Daniel; ASTETE, Margarita Garcia; BENGOCHEA, Luís (Ed). **‘Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias en debate’ Universidad de Alcalá**, 2019.

COSTA, Fernanda Antunes Gomes da.; GOULART, Ana Luiza.; NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva.; ALMEIDA, Stella. “Narrativas femininas para uma educação decolonial”. In: MONTEIRO, B. A. P et al. **Decolonialidades na Educação em Ciências**, Editora da Física, 2019.

DANNEMANN, Angela. Vivências da absorção e da expressão. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Lentes teóricas para o estudo da construção da identidade docente. **Educação em Perspectiva**, v. 7, n. 1, 2016.

DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. Anais Do III Encontro Nacional Do Gt História Das Religiões E Das Religiosidades–ANPUH. Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita [Internet]. **Blog Nossa Escrevivência**. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp->

content/uploads/ 2011/02/revista02.pdf>, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017..

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Canções para ninar menino grande**. São Paulo: editora Unipalmarensis, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, Maria Aparecida Vieira Albano Injustiça ambiental associada à disposição final de resíduos sólido urbanos em Macaé/RJ– Do vazadouro em Águas Maravilhosas ao aterro sanitário na BR-101/ Macaé / RJ, 2011.

FREIRE, Paulo. **A África ensinando a gente : Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe** / Paulo Freire, Sérgio Guimarães. — 2. ed. - São Paulo : Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. [1993]. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Tais Pereira de. **Mulheres negras na educação brasileira**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, n. 6/7, p. 67-82, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_educacao.html](http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_educacao.html). Acesso em: abr. 2021.

JESUS, Carolina Maria. de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1960.

JESUS, Carolina Maria. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática. 1986.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Fátima. A teimosia da escrita-vida. In: ANDRADE, Edwilson da Silva; DELPHINO, Gabriel; GOMES, Ivan; CARVALHO, Iago Vilaça de Carvalho; SENA, José; RODRIGUES, Vânia Cristina da Silva. Caderno Intelectualidades Negras Brasileiras – Edição Mulheres dos Brasis. **Revista África e Africanidades**. 40 ed. Rio de Janeiro, 2021.

MACHADO, Bárbara Araújo. Escre (vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, 2014.

MOTTA, Islene; LIS, Ludmilla. Publicações e Fortuna Crítica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.



NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do.; CARVALHO, Iago Vilaça de.; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. **A sala de aula no contexto de (pós) pandemia**: ressignificando conteúdos de Ciências a partir de textos escriventes. *Dialogia*, São Paulo, n. 36, p. 205-219, 2020.

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do. A educação científica engajada e a Literatura de Conceição Evaristo: construindo mundos possíveis a partir do diálogo com o pensamento de Paulo Freire. In: ABREU, J.M; PADILHA, P.R. (Orgs.). **Paulo Freire em Tempos de Fake News: edição 2020**; São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2020. p. 28-34.

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do. A Educação em Ciências e Saúde a partir de Vozes-Mulheres: uma proposta didática para abordagem do tema Saneamento Básica para o Ensino Fundamental. **Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução Lucía**, p. 107-117, fev./mar. 2021.

NASCIMENTO, Brenda; GOULART, Ana Luíza; ALMEIDA, Stella; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. CIÊNCIA OUTRA: uma proposta para Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências a partir de narrativas femininas. In: IX ENCONTRO DE ENSINO DE BIOLOGIA: RECONSTRUINDO PRÁTICAS DE ESPERANÇA, 2019, Rio de Janeiro. **Anais IX Encontro Regional de Ensino de Biologia RJ/ES**, 2019.

NASCIMENTO, Brenda; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. Diálogos entre o Ensino de Ciências e a Literatura: um estudo bibliográfico acerca das diferentes abordagens no processo educativo em Ciências. In: VII Congresso Nacional de Educação. **Anais VII Encontro Regional de Ensino de Biologia**. Maceió, 2019.

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. Possíveis impactos no Ensino de Ciências a partir da Educação das Relações Étnico-Raciais: uma revisão bibliográfica. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2021, ENPEC EM REDES. **Revista do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. São José, Campina Grande - PB: Editora Realize, 2021.

NASCIMENTO, Carolina Cavalcanti do. **Educação das relações étnico-raciais: branquitude e educação das ciências**. 2019. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NASCIMENTO, tatiana. **Lundu**. 2a. ed. - Brasília: Padê Editorial, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PAGAN, Alice Alexandre. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 7, n. 3, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, 2 (1), p. 6-26, 2017. Disponível em: . Acesso em: 10 maio 2021.

PINHEIRO, Bárbara, ROSA, Katemari. **Descolonizando saberes: a Lei 10639/2003 no ensino de ciências**. São Paulo: Livraria da Física, 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **@Descolonizando\_Saberes: mulheres negras na ciência**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

PINHEIRO, Patrícia Goulart. **Saberes tradicionais de matriz africana e suas potencialidades no ensino de ciências da natureza**. Rio Grande do Sul, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

QUINTANILHA, Eloize Braga.COSTA, Fernanda Antunes Gomes. A Literatura Infantil e o Ensino de Ciências: um diálogo com Narrativas Femininas Negras. **VII Congresso Nacional de Educação**. Alagoas, 2020.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

RIBEIRO. Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Diogo Ferreira da. **Impactos da exploração petrolífera sobre a pesca, os ecossistemas costeiros e a situação de saúde de comunidades de pescadores artesanais de Macaé**, RJ. 2013. 213 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre. Edipucrs, 2014.

SANGALLI, Lucas Cé; RINALDI, Débora. Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso. **Em Tese**, v. 15, n. 2, p. 107-136, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patrícia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas. In: **Civitas**, v. 14, n. 2, 2014. p. 359-382.

TANAJURA, Louise Conceição Pereira Tanajura. **Literatura negra feminina, escrituras e reexistência: uma proposta de letramento literário em sala de aula**. 141fl.,2019. Memorial (Mestrado Profissional em Letras) –Profletras/Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. (Org. Raquel Trindade). São Paulo: Cantos e Prantos Editora,1999.

SPIVAK, Gayatric. **Pode o Subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERRANGIA, Douglas. A formação de professores de ciências e biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira. **Magis**, v. 6, n. 12, p. 105–117, 2013a.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petrolina. B. G. Cidadania, relações étnico-raciais e

educação: Desafios e potencialidades do Ensino de Ciências. **Educacao e Pesquisa**, v. 36, n. 3, p. 705–718, 2010.

WELLER, Wivian.; ZARDO, Sinara. Pollom. Entrevista Narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 131-143, 16 out. 2019.

## ANEXOS

### Referências da Revisão Bibliográfica

ARAÚJO, Bárbara Simões Barreto de; ROCHA, Davi Maia; VIEIRA, Fábio Pessoa. Pensando num ensino de ciências decolonial a partir da poesia “Eu-mulher” de Conceição Evaristo. **Filosofia E Educação**, v. 13, n. 1, 2021.

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do; DE CARVALHO, Iago Vilaça; DA COSTA, Fernanda Antunes Gomes. A sala de aula no contexto de (Pós) pandemia: ressignificando conteúdos de Ciências a partir de textos escrevíveis. **Dialogia**, n. 36, p. 205-219, 2020.

NUNES, Pâmela Vieira; RIBEIRO, Simone; GIRALDI, Patrícia Montanari. Escrivência: um olhar decolonial com recorte de gênero a partir da educação de jovens, adultos e idosos. **Cadernos CIMEAC**, v. 11, n. 1, p. 139-162, 2021.

OLIVEIRA, Maíra Caroline Defendi. Feminismos ao Sul: Possibilidades e Desafios para a Educação em Ciências. In: **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Enpec em Redes**, 2021.

PELACANI, Bárbara et. al. A Fotoescrevivência como proposta metodologia para Educação Ambiental de Base Comunitária: A Re-existência sociocultural na luta pela água e pelo território no Vale do Guapiaçu (RJ). In: 10 Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2019, Aracaju - SE. **Caderno de resumos: 10 Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental**. Sergipe: São Cristovão, 2019. p. 1-136.

PINHEIRO, Bárbara C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 19, p. 329–344, 2019.

RIBEIRO, Simone dos Santos; GIRALDI, Patrícia Montanari; CASSIANI, Suzani. “AS NÃO AUSENTES”: OLHAR INTERSECCIONAL PARA A ECOLOGIA DE SABERES. **Revista Fórum Identidades**, 2019.

RIBEIRO, Simone dos Santos; GIRALDI, Patrícia Montanari; CASSIANI, Suzani. Escrivência: inspiração teórica e metodológica como caminho para uma educação em ciências interseccional. In: **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Enpec em Redes**, 2021.

SALIS, Louise Maciel et al. Diálogos com a Educação Ambiental desde el Sur a partir da “fotoescrevivência”: possibilidades para pensar a formação em Ciências Biológicas. **Ensino, Saude e Ambiente**, v. 14, n. esp., p. 464-486, 2021.





